

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**JOSÉ HAILTON COSTA COELHO**

**Trajetórias, lutas e “sentidos” no jornalismo esportivo em São Luís.**

**São Luís - MA**

**2023**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**TRAJETÓRIAS, LUTAS E “SENTIDOS” NO JORNALISMO ESPORTIVO EM  
SÃO LUÍS.**

**JOSÉ HAILTON COSTA COELHO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Ciências Sociais da  
Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Benedito Rodrigues da Silva

São Luís - MA

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Costa Coelho, José Hailton.

Trajetórias, lutas e sentidos no jornalismo esportivo em São Luís / José Hailton Costa Coelho. - 2023.  
160 p.

Orientador(a): Carlos Benedito Rodrigues da Silva.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís/MA, 2023.

1. Futebol. 2. Jornalismo esportivo. 3. Jornalistas clássicos. 4. Jornalistas novos. 5. Tecnologia. I. Rodrigues da Silva, Carlos Benedito. II. Título.

Diretoria Integrada

**TRAJETÓRIAS, LUTAS E “SENTIDOS” NO JORNALISMO ESPORTIVO EM  
SÃO LUÍS.**

**José Hailton Costa Coelho**

Tese de doutorado apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Ciências Sociais da  
Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Benedito Rodrigues da Silva

---

***Prof. Dr. Carlos Benedito Rodrigues da Silva (Orientador)***  
**(PPGCSOC/UFMA )**

---

***Prof. Dr. Alvaro Roberto Pires***  
**(PUC – SP)**

---

***Prof. Dr. Elthon Ranyere Oliveira aragão***  
**(UFPR)**

---

***Profª. Dra. Emilene Leite de Sousa***  
**(PPGCSOC/UFMA )**

---

***Profª. Dra. Li-chang Shuen Cristina Silva Sousa***  
**(PPGCOM/UFMA)**

***Aprovado em 28/07/2023***

*À minha mãe e à minha avó (in memoriam).*

## AGRADECIMENTOS

*O Doutorado em Ciências Sociais foi muito importante para meu crescimento pessoal, profissional e intelectual. Sendo assim, por mais que não coloque todos os nomes aqui, eu gostaria de agradecer ao apoio de todos que, de alguma forma, puderam contribuir para o meu amadurecimento enquanto cientista social durante essa terceira etapa de formação que foi o doutoramento. Assim, quero agradecer aos colegas de turma que estiverem presentes durante essa jornada: Leandro Costa, Ana Tereza, Lia Renata, Bruno Azevedo, Samário Meireles, Joiza e Melissa.*

*Agradeço a todos os professores e professoras do departamento de Sociologia e Antropologia da UFMA; do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Em especial aos professores Igor Grill, Eliana Tavares, Marcelo Carneiro e Elizabeth Coelho.*

*Ao professor Carlos Benedito, que conduziu a orientação deste trabalho com competência e paciência, e que aceitou esse desafio em um momento de tensão acadêmica em que eu passava. Muito obrigado!!!*

*Gostaria de agradecer a pessoas que são importantes na minha vida. Portanto, agradeço as senhoras Coaracy de Maria Santos Costa e Maria Santos Costa (in memoriam), e ao senhor Celso Bispo Santos Costa e Celso Júnior pelo apoio nesta caminhada e por acreditar nos objetivos. Estendo este agradecimento aos amigos Kelly Nobre, Ronyere Sarges, Dayse Gabriela, Emmanuele Nascimento e a Gláucia Batalha.*

*Foi o futebol que permitiu uma visão mais positiva e generosa de nós mesmos num plano realmente nacional e popular, como nenhum livro, filme, peça teatral, lei ou religião jamais realizou. (Roberto da Matta)*

## RESUMO

Neste trabalho analisamos a constituição do jornalismo esportivo em São Luís (MA), bem como, os sentidos e percepções dessa atividade a partir da construção de perfis ligados a este espaço. No contexto nacional os “literatos” empreenderam narrativas sobre os esportes, e produziram uma marca para as condições de notícias. As mudanças ocorridas na produção do jornalismo esportivo – com a incorporação de tecnologias, rádio, televisão e *internet* -, provocaram o surgimento de novos “perfis” de jornalistas neste espaço, que é o principal foco desta pesquisa. Foram estudados jornalistas esportivos de São Luís, para a caracterização entre os “novos” e “clássicos”, com o objetivo de estudar as metamorfoses que o espaço jornalístico esportivo sofreu no começo do século XX até o XXI, com ênfase na análise das tecnologias no radiojornalismo. Os agentes estudados foram classificados como pertencentes a “nova” e “antiga” geração do jornalismo esportivo. Com base nesse recorte, foi realizada a produção de perfis, que analisadas, caracterizaram mudanças no espaço mais amplo do jornalismo e do jornalismo esportivo, bem como evidenciou as gramáticas legítimas nessa arena.

**Palavras-chave:** Jornalismo esportivo. Futebol. Tecnologia. Jornalistas novos. Jornalistas clássicos.



## ABSTRACT

In this paper we analyze the constitution of sports journalism in São Luís (MA), as well as, the meanings and perceptions of this activity from the construction of profiles linked to this space. In the national context, the "literati" have undertaken narratives about sports, and produced a brand for the news conditions. The changes that have occurred in the production of sports journalism - with the incorporation of technologies, radio, television and internet -, have caused the emergence of new "profiles" of journalists in this space, which is the main focus of this research. Sports journalists from São Luís were studied, for characterization between "new" and "classic", with the aim of studying the metamorphosis that the sports journalistic space has undergone in the early twentieth century until the XXI century, with emphasis on the analysis of technologies in radio journalism. The agents studied were classified as belonging to the "new" and "old" generation of sports journalism. Based on this cut, profiles were produced, which analyzed, characterized changes in the broader space of journalism and sports journalism, as well as evidenced the legitimate grammars in this arena.

**Keywords:** Sports journalism. Football. Technology. New journalists. Classic journalists.

## RÉSUMÉ

Dans cet article, nous analysons la constitution du journalisme sportif à São Luís (MA), ainsi que les significations et les perceptions de cette activité à partir de la construction de profils liés à cet espace. Dans le contexte national, les "littéraires" ont entrepris des récits sur le sport et ont produit une marque pour les conditions d'information. Les changements survenus dans la production du journalisme sportif - avec l'incorporation des technologies, de la radio, de la télévision et de l'internet - ont provoqué l'émergence de nouveaux "profils" de journalistes dans cet espace, qui est le principal objet de cette recherche. Des journalistes sportifs de São Luís ont été étudiés, pour une caractérisation entre "nouveaux" et "classiques", dans le but d'étudier la métamorphose que l'espace journalistique sportif a subie entre le début du XXe siècle et le XXIe siècle, en mettant l'accent sur l'analyse des technologies dans le journalisme radiophonique. Les agents étudiés ont été classés comme appartenant à la "nouvelle" et à l'"ancienne" génération du journalisme sportif. Sur la base de ce découpage, des profils ont été produits, qui analysent et caractérisent les changements dans l'espace plus large du journalisme et du journalisme sportif, et mettent en évidence les grammaires légitimes dans ce domaine.

**Mots-clés:** Journalisme sportif. Football. Technologie. Nouveaux journalistes. Journalistes classiques.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO I – O SURGIMENTO DE UM CAMPO, TÍTULO ESCOLAR, E PROCESSO DE “ESPECIALIZAÇÃO” .....	23
1.1 O PROCESSO DE SURGIMENTO DE CATEGORIAS SOCIAIS. ....	32
1.2 O SUBCAMPO DO JORNALISMO E A “ESPECIALIZAÇÃO” DE PAPÉIS .....	35
1.3 A ESPECIALIZAÇÃO DO JORNALISTA ESPORTIVO NO BRASIL .....	40
CAPÍTULO II - AS PRÁTICAS ESPORTIVAS E OS PRIMEIROS APONTAMENTOS SOBRE A IMPRENSA DO ESPORTE NO BRASIL .....	49
2.1 O FUTEBOL NO RÁDIO E NA TELEVISÃO: UM ESPORTE DE “MASSA” E A CONSOLIDAÇÃO DO JORNALISMO ESPORTIVO .....	60
2.2 O FUTEBOL COMO PRODUTO DA INDÚSTRIA CULTURAL.....	61
2.3 O JORNALISMO ESPORTIVO NA TELEVISÃO.....	63
2.4 O JORNALISMO ESPORTIVO NA ATUALIDADE .....	68
2.5 O JORNALISMO “ESPECIALIZADO” EM SÃO LUÍS.....	73
2.6 O JORNALISMO CULTURAL.....	74
2.7 O JORNALISMO POLÍTICO .....	76
2.8 O JORNALISMO ESPORTIVO.....	78
2.9 A PRODUÇÃO DA CRENÇA NO JORNALISMO ESPORTIVO.....	82
CAPÍTULO III – TRAJETÓRIAS, LUTAS E “SENTIDOS” NO JORNALISMO ESPORTIVO EM SÃO LUÍS.....	86
3.1 O JORNALISMO ESPORTIVO COMO “TALENTO”: O JORNALISMO ANTIGO .....	91
3.2 O JORNALISMO ESPORTIVO COMO “TÉCNICA”: O NOVO JORNALISMO.....	101
CAPÍTULO IV- O “CLÁSSICO” CONTRA O “NOVO”: MODALIDADES DE INTERVENÇÃO E ESTUDO DE PERFIS .....	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	134
REFERÊNCIAS.....	139
ANEXOS .....	149

## INTRODUÇÃO

A análise do processo de constituição do jornalismo está presente entre temas estudados em diferentes níveis dentro das chamadas Ciências Sociais. Geralmente se procura estudá-lo em relação a outro tema (jornalismo e política, por exemplo), o que denota, de início, que a formação do jornalismo prescinde de demandas externas a este próprio espaço. Por outro lado, o estudo da sociologia das profissões permitiu caracterizar o jornalismo no Brasil, aliado a processos mais gerais (que estão ligados a especialização e profissionalização de papéis).

A formação incipiente de um campo de estudos dedicado aos esportes ficou circunscrita, em um primeiro momento, a trabalhos que relacionam o futebol à identidade nacional. Todavia, foram tais pesquisas que ajudaram, posteriormente, a fortalecer esse campo de investigações, que tomou o esporte como foco em diferentes questões e em diferentes áreas do conhecimento. A presente proposta de tese de doutorado cuja temática é caracterizada pela investigação do jornalismo esportivo pode ser justificada pela possível contribuição na área de sociologia do esporte e na sociologia do jornalismo, assim, este trabalho se aloca em uma agenda nacional de trabalhos que envolvem o jornalismo e o jornalismo esportivo como tema de monografias, dissertações e teses.

O desenvolvimento desta tese pode ser uma contribuição para a sociologia, pois o estudo de significados e sentidos no jornalismo esportivo, possibilitou identificar recursos utilizados para a afirmação e reconhecimento dentro desse espaço, bem como apreender diferentes gramáticas e “perfis”; rede de relações pessoais; e mudança de gerações.

O trabalho em tela foi construído como tese de doutoramento junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGSoc-UFMA), e buscou compreender o surgimento e as metamorfoses que implicam a consolidação do jornalismo esportivo em São Luís - MA.

Durante a procura de documentos (sobretudo de livros) percebi que existem poucas “obras” com essa abordagem em relação ao jornalismo

esportivo. Geralmente são fontes de “memórias” que narram o surgimento e a transformação ocorridos na comunicação no Maranhão, tomando o futebol como ponto de partida para destacar tais mudanças. Certamente o obstáculo de escassez de fontes se coloca como um dado importante no meu trabalho, quando se comparado a temas “canônicos” no campo da Sociologia. O que pode indicar: a “marginalidade” que essa temática ocupa nos programas de pós-graduação locais e, ao mesmo tempo, pode-se destacar, que o andamento de nossa proposta de tese atuará numa “lacuna” regional. Outra justificativa, então, é caracterizada pela relevância para estudos locais sobre a temática. Logo, do mesmo modo em que a “ausência” de outros trabalhos, enquanto fonte de diálogo se apresenta como um obstáculo epistemológico (BARCERLAD, 1996), o diálogo com a Sociologia das profissões e a Sociologia do jornalismo se mostrou sociologicamente relevante para estudar a história do jornalismo no Brasil.

No contexto nacional os literatos empreenderam a respeito de narrativas sobre os esportes (TOLEDO, 2012) e produziram uma marca para as condições de produção e descrição das diversas modalidades. As mudanças ocorridas na produção do jornalismo esportivo – com a incorporação de tecnologias, rádio, televisão e *internet* – provocaram o surgimento de novos “perfis” de jornalistas neste espaço. Mesmo que esse processo possa indicar uma “especialização” desse papel, não se pode falar em “autonomia” deste espaço, pois o “esporte” enquanto tema encontra-se dominado em relação a outras temáticas no campo jornalístico (BOURDIEU, 1997).

A noção de “especialização” no jornalismo esportivo é utilizada no sentido de apresentar mudanças significativas na performance dos jornalistas, e nos instrumentos mobilizados para a construção de notícia. Essa nova competência representa uma disputa entre os “novos” e “antigos” jornalistas esportivos e, por conseguinte, revela tensões ao longo do tempo. Nesse sentido, buscamos apreender como se deram os primeiros indícios da produção de notícias ligadas ao esporte no Brasil e em São Luís e como essa atividade se estabeleceu no espaço mais amplo do jornalismo. Quais são os condicionantes que levam jornalistas a se constituírem enquanto jornalistas esportivos? Como e, em quais circunstâncias, os jornalistas adquirem

notabilidade a ponto de classificar, redefinir, ou se posicionarem diante de temáticas que estão além do próprio esporte?

### **Itinerário da investigação e desenvolvimento do objeto de estudo**

No início do doutorado, a intenção era estudar os “porta-vozes” do futebol através do jornalismo. Contudo, algumas (re)definições se fizeram necessárias, sobretudo, a partir de dificuldades obter informações sobre a história do futebol em São Luís. A escassez de documentos e de fontes, nos levou a focar nos jornalistas esportivos. Nessa nova fase, o acesso ao universo de pesquisa se tornou viável, ainda que não fosse possível entrevistar alguns jornalistas, por conta da pandemia da COVID 19, que se instaurou no país e em outros lugares do mundo, a partir de 2020. As duas primeiras entrevistas foram feitas in loco. A utilização de ferramentas tecnológicas permitiu que as demais fossem feitas através de salas virtuais e de formulários “online”.

O interesse de estudar o jornalismo esportivo surge, a princípio, com o objetivo de tentar entender a intervenção desses profissionais no futebol. E também por assistir muitos debates no jornalismo dessa área. Alguns “insights” foram então se apresentando para a construção do objeto de pesquisa. Uma delas foi caracterizada pela vontade de apurar quais são as diferenças entre os jornalistas “consagrados” e “estabelecidos” em relação aos novos jornalistas?

A partir de então, fizemos um roteiro de entrevistas e conversas com o presidente de Associação dos Cronistas e Locutores Esportivos do Maranhão (ACLEM), o radialista e cronista Tércio Dominici, que também compõe a Diretoria da Associação Brasileira de Cronistas Esportivos (Abrace). Com este jornalista, fui encontrando novos nomes, com quem pude estabelecer um diálogo. Pode-se dizer, que o principal “mediador” nesta pesquisa foi o presidente da Aclem. Nesse processo, alguns jornalistas foram remarcando suas entrevistas, o que contribuiu para que muitas não se concretizassem. Por outro lado, através de uma relação de “amizade” consegui ter acesso a um jornalista da rádio Guará, que solicitou o envio do questionário, segundo ele, seria mais “prático”. Não por acaso, tanto ele como os demais jornalistas indicados por ele, classificam-se pertencentes a uma nova geração do

jornalismo esportivo. Destaco que, ao tentar enviar o questionário no formato word, ouvi dele que isso era coisa dos “maias” e dos “incas”<sup>1</sup>.

A construção desse objeto de pesquisa se desenrola pela criação de um espaço ligado ao jornalismo esportivo nacional e local, bem como pelas dinâmicas de produção e de funcionamento. Por ser um trabalho de tese desenvolvido em condições “pandêmicas”, algumas limitações relativas às fontes se colocam em relação às condições da produção científicas. Contudo, o acesso a jornalistas esportivos, possibilitou a obtenção de informações biográficas e socioprofissionais, com o objetivo de capturar alguns posicionamentos e tomadas de decisões em relação ao jornalismo esportivo praticado por eles de maneira concorrencial.

O material de pesquisa tem nove (9)<sup>2</sup> jornalistas esportivos estudados. Um (1) jornalista foi entrevistado pessoalmente; quatro (4) foram entrevistados via aplicativo Google met.; três (3) responderam às mesmas questões via *google.forms*; um (1) as informações biográficas e profissionais foram retiradas de um programa exibido pela TV UFMA, que foi disponibilizado na *internet* em 2021; e um (1) respondeu ao roteiro via aplicativo de mensagem “*Whatsapp*”. O fato que chamou atenção na obtenção de informações e no contato prévio com os jornalistas, (destaca-se a presença de uma jornalista) é que, além de sugerirem o “*forms*” como meio para responderem ao questionário, um dos jornalistas classificou entrevistas feitas pessoalmente como “antigas como os astecas”. O que já foi uma pista sobre as ferramentas “modernas” no jornalismo esportivo.

O roteiro foi elaborado com o objetivo de capturar informações de origem social e socioprofissional. Os jornalistas respondem perguntas como: nome completo data de nascimento fale sobre sua origem social: profissão e formação escolar de seus pais; fale sobre sua formação escolar. Teve outras atuações profissionais? Como se deu sua trajetória no jornalismo e no jornalismo esportivo? Fale sobre suas funções no jornalismo esportivo. Você se

---

<sup>1</sup> Os tipos de comunicação desses grupos eram caracterizados através de símbolos.

<sup>2</sup> O jornalista esportivo Tércio Dominici foi entrevistado, mas não foi classificado nos grupos pertencentes a nova geração ou na clássica devido a mudanças de ordem metodológicas que o trabalho sofreu durante a pesquisa.

considera um jornalista "especialista" ou "especializado"? Se sim, diga por qual motivo. Em quais jornais você já trabalhou ou trabalha? E em quais períodos? Você se considera pertencente a uma "nova geração" do jornalismo esportivo maranhense? Sim, por quais motivos? Você se considera pertencente a um perfil mais "clássico de jornalista esportivo"? Se sim, por quais motivos? Como você observa a atuação dos jornalistas de "gerações mais antigas"? Você acredita que o perfil dos jornalistas atual é diferente de gerações passadas? Se sim, por quais motivos? Na sua concepção, os jornalistas esportivos interferem no futebol maranhense? Se sim, como? As novas formas de comunicação interferiram diretamente na atuação do jornalismo esportivo? Na sua concepção, qual é o sentido/missão do jornalista esportivo? Na sua concepção, qual é o lugar que o jornalismo esportivo ocupa dentro do campo jornalístico maranhense? Na sua concepção, o jornalismo praticado no eixo sul-sudeste influencia o jornalismo esportivo maranhense? Se sim, como?

### **O tipo de pesquisa**

Para o desenvolvimento de pesquisa a realização de entrevistas com os jornalistas e a aplicação de questionários foram os recursos metodológicos estruturantes para que fosse desenvolvida esta tese. A entrevista permitiu capturar informações socioprofissionais, e também teve o objetivo de apreender alguns "posicionamentos" em relação ao jornalismo esportivo, às mudanças na comunicação, e aos "sentidos" dados pelos seus jogadores nessa atividade. É um tipo de pesquisa descritiva e qualitativa, que tomou como base as transformações ocasionadas pela tecnologia no jornalismo e no jornalismo esportivo, de maneira mais específica, e no contexto nacional, de maneira mais ampla. A pesquisa bibliográfica se tornou relevante para caracterizar a morfologia do jornalismo esportivo no Brasil.

A construção de "classificações" e "sentidos", na perspectiva de Bourdieu, ganha enfoque nesta tese de doutorado na medida em que é estudado o investimento de agentes que produzem representações acerca de categorias sociais. Este estudo tem como objetivo a análise da atuação *performativa* de jornalistas, considerados aqui como "porta-vozes" ligados ao "mundo do futebol", no intuito de compreendermos, sobretudo, as lutas



travadas pela conquista do monopólio em classificar, definir e redefinir as pautas legítimas nessa arena, o que nos possibilita dialogar e estabelecer conexões com diversos trabalhos construídos por essa abordagem (BOURDIEU, 1989).

Pierre Bourdieu (1989) grifou que conceber classificações ou categorias a partir de representações é um esforço de rompimento com pré-noções e com a sociologia espontânea. Ainda que se modifiquem os objetos de investigação, a contribuição deste autor torna-se estruturante por evidenciar o aspecto concorrencial entre os agentes que integram diferentes campos da vida social.

Tomei como fontes; jornais livros, revistas, “matérias” específicas sobre o tema, produção de livros escritos e etc., essa estratégia metodológica ultrapassa a ideia de coleta de dados, de protocolo, pois o delineamento da pesquisa qualitativa, como indicam pistas sugeridas por Jean-Pierre Deslauriers e Michèle Kérisit (2008, p.128): “[...] variará, portanto, não apenas em função do objetivo de pesquisa, mas também segundo as possibilidades e os limites nos quais esta se desenvolve [...]”. Nesse sentido, para o tipo de fonte que pretendo analisar, a pesquisa qualitativa pode ser enfatizada como uma possibilidade que torna exequível minha proposta de investigação.

A metodologia de pesquisa em ciências sociais refere-se ao conjunto de procedimentos e técnicas utilizadas para examinar e analisar dados empíricos em estudos que abordam a realidade social, cultural e política. Existem diversas abordagens e métodos que podem ser utilizados, e a escolha dependerá do problema de pesquisa, do objeto de estudo e do contexto em que se inserir. O trabalho de tese em foco classifica-se como uma abordagem qualitativa, que é a interpretação e análise de entrevistas e documentos, com o objetivo de compreender relações de poder, sentidos, experiências e práticas. O principal recurso metodológico utilizado para capturar as informações biográficas dos jornalistas selecionados foi a “entrevista”.

Max Weber (1999) considerado um dos fundadores da sociologia moderna, desenvolveu o conceito de "ação social", que envolve a compreensão dos significados e motivações dos atores sociais. Ele defendeu o uso de entrevistas como uma maneira de acessar os significados subjetivos

das ações humanas, especialmente em suas pesquisas sobre a religião e a burocracia.

Pierre Bourdieu (1989,1999), sociólogo francês conhecido por suas teorias sobre a reprodução social e as desigualdades, enfatizou a importância da entrevista como uma forma de coletar dados sobre as práticas culturais e as estruturas de poder presentes na sociedade. Argumentou, que a entrevista permitia aos pesquisadores acessar o "habitus" dos entrevistados, ou seja, suas disposições e maneiras de agir que são socialmente aprendidas e internalizadas.

Howard Becker (1999), sociólogo norte-americano conhecido por seu trabalho sobre a teoria da rotulação e a sociologia do "desvio", defendeu o uso da entrevista como uma forma de obter insights sobre a experiência subjetiva dos indivíduos envolvidos em atividades desviantes. Argumentou que a entrevista qualitativa permitia aos pesquisadores, entender a perspectiva dos entrevistados e interpretar seus comportamentos em contexto.

Strauss & Corbin (2008), desenvolveram uma abordagem teórica fundamentada na sociologia, onde enfatizaram o uso de entrevistas como uma forma de coletar dados em pesquisas qualitativas e como uma maneira de identificar e desenvolver teorias a partir dos dados. Strauss enfocava a importância de entrevistas abertas, nas quais os entrevistados têm a liberdade de compartilhar suas experiências e perspectivas de maneira ampla.

Jürgen Habermas (2012), sociólogo e filósofo alemão conhecido por sua teoria da ação comunicativa, argumentou que a entrevista é uma ferramenta fundamental para a coleta de dados em pesquisas sociológicas, pois permite o diálogo e a construção conjunta de significados entre o entrevistador e o entrevistado. Ele enfocou a importância da comunicação e da compreensão mútua na pesquisa social, e a entrevista como uma forma de alcançar essa compreensão.

Para construir o objeto de pesquisa deste trabalho foi necessário, de maneira arbitrária, lançar mãos de duas categorias que pertencem ao mundo prático: Jornalistas "clássicos" *versus* Jornalistas da "nova geração". O que não quer dizer que o uso aqui seja nesse sentido, ao contrário, quando aciono

essas categorias, estou me referindo a um conjunto de representações sociais que essas classificações podem produzir no espaço no jornalismo esportivo. A primeira justificativa para tais usos está relacionada a uma mudança na morfologia social que tange à comunicação. Do final do século XIX até o século XXI, foram produzidas diferentes ferramentas de cunho tecnológico, o que atingiu a produção de notícias sobre os esportes, com ênfase no futebol. A própria “espetacularização” dessa prática esportiva, com muitos adeptos, passou a ser transmitida por diferentes meios de comunicação. Então, quando destaco a ideia de “novo” vs “antigo”, o primeiro ponto é capturar quais foram as ferramentas utilizadas, e como as novas ferramentas baseadas em tecnologias mudaram a atividade jornalística.

A segunda justificativa, por contraditório que possa parecer, é construir um objeto de investigação sociológica que fuja ou se afaste de uma possível “passividade empirista”, que alicerçam as construções do conhecimento comum (no senso comum). Desse modo, as duas categorias erigidas têm um objetivo de pensar relacionalmente os dois grupos estudados, imbuído pelo “método comparativo”, instrumento sociológico que possibilita construir, caracterizar e apreender o universo de pesquisa, disposições e sentidos (BOURDIEU, 2004).

Por outro lado, ainda tentando fugir das oposições sempre presentes nas ciências sociais, busco tomar como outra modalidade metodológica a pesquisa de cunho quantitativo (FLICK, 2013), pois apresento certa multiplicidade de fontes além da pretensão de construir um conjunto de “trajetórias” de jornalistas conectados ao domínio do jornalismo esportivo. Nesse sentido, sigo as pistas de Uwe Flick como um guia de pesquisa relevante.

Para fugir à “ilusão biográfica”, Bourdieu (1996) concebe a noção de *trajetória*, para a objetivação da relação entre o *agente* e as forças presentes em diversos espaços. Aplicando esta noção podemos apreender como se dá a múltipla inserção de um mesmo *agente* em vários espaços e a sua afirmação no âmbito político e em cargos de direção em clube de futebol.

O cuidado de trabalhar bem com a noção de *trajetória* e com os indicadores que podem ser selecionados para melhor compreensão da posição

de notoriedade que um *agente* alcança, está atrelado à multidimensionalidades que influenciam no seu movimento, como Salienta Coradini:

Na medida em que se reconhece que os indicadores de origem e posição social são necessários, mas insuficientes, as diferentes abordagens se dividem quanto aos princípios de análise para apreensão das lógicas subjacentes às tomadas de posição, e isso não se restringe ao estudo da política (CORADINI, p.8, 2001)

Desse modo, faz-se pertinente a caracterização do protagonista nos domínios em questão. Ao lançarmos mão sobre a noção de trajetória, não estamos excluindo a “utilização de dimensões analíticas referentes aos condicionantes institucionais e, especialmente, não se desconhece a necessidade de observar os usos, as reconversões e as apropriações dessas bases sociais como trunfos de lutas políticas em âmbitos específicos” (GRILL & SEIDL, p.10, 2013).

GRYNSZPAN (1990) destaca que o uso desse instrumento metodológico é útil devido:

O exame de trajetórias individuais nos permite avaliar estratégias e ações de atores em diferentes situações e posições sociais, seus recursos, as formas como os utilizam ou procuram maximizá-los, suas redes de relações, como se estruturam, como as acionam, nelas se locomovem ou abandonam. Centrando nossa atenção em atores estamos, ao mesmo tempo, refletindo sobre padrões e mecanismos sociais mais amplos (GRYNSZPAN, 1990, p. 74-75).

Grill (2013, p. 240), destaca que a construção de trajetórias se apresenta como a forma mais adequadas para capturar “as sequências de incorporação de papéis”. Desse modo, buscamos através desse instrumento metodológico compreender sociologicamente um conjunto de tomadas de posições de jornalistas esportivos

O material foi coletado a partir de entrevistas qualitativas, de médio/longo alcance para reproduzir um espaço de disputas entre “gerações” de jornalistas esportivos em São Luís. Nesse sentido, o método biográfico na construção da presente tese torna-se um método sociologicamente relevante, pois permitiu apreender um conjunto de movimentos feitos pelos agentes que não estão disponíveis em outras fontes.

Um material biográfico será sempre mais completo, tratando-se de descrever as propriedades de um indivíduo, do que o material recolhido por qualquer outro tipo de questionamento ou categorizado segundo qualquer outra grade de observação. Os dados de tipo biográfico descrevem de modo realmente insubstituível, além de um excelente conjunto de propriedades individuais, a ordem em que essas propriedades advieram ao indivíduo e o constituíram, se nos ativermos à gênese empírica, definindo assim, pela forma de sua organização, o campo de qualquer questionamento sobre o sentido desta ordem (PASSERON, 1997, p.220).

Passeron (1997, p. 204-206) situa o gênero biográfico historicamente. Assim como trata do “retorno da biografia nas ciências sociais através de inúmeros trabalhos antropológicos ou sociológicos”. O principal objetivo “não é a ausência ou a incoerência, mas o excesso de sentido e de coerência inerente a qualquer abordagem biográfica.

No interesse cada vez mais intenso pelo “biográfico” (qualquer material que deva sua organização ao tempo da vida de um indivíduo ou de uma geração) leva a uma preocupação com o tempo concreto, de descrição dos fatos, das sucessões individuais ou coletivas, dos desdobramentos históricos particularizados, acaba misturando duas sensibilidades em relação ao devir que não têm o mesmo valor teórico nem o mesmo sentido epistemológico. A primeira tem a ver com a singularidade do devir de um indivíduo ou de uma linhagem. A segunda é a sensibilidade teórica em relação ao aspecto longitudinal dos fenômenos, à estrutura das sequências de ocorrências que, tendo uma certa generalidade, constituem a estrutura de um tempo social ou de uma periodização histórica (p.206).

O autor alerta para um grande risco na narrativa biográfica: “o desaparecimento do problema teórico dos traços pertinentes da descrição”. Isso é importante para não cairmos no que o autor coloca como a ilusão da pan-pertinência do descritível. “Tudo seria pertinente para a descrição; seria o mesmo de pensarmos que o mundo é indescritível” (PASSERON, 1997, p.206-207). Uma proposição interessante que nos coloca numa postura reflexiva. “Os indivíduos e grupos, antes de qualquer possibilidade de escolha tática ou estratégica, já estão estruturados por normas, definições sociais, socialmente condicionados, de desenvolvimento ou de orientações biográficas”. Inspirado em Durkheim, o autor fala que “o objeto desta sociologia do longitudinal, que ele propõe, não é senão a instituição biográfica” (PASSERON, 1997, p.222-223).

O projeto mais recomendável é procurar apreender a estruturação das biografias ao mesmo tempo, com efeito das estruturações longitudinais que se resumem acima da “institucionalização biográfica” e como o produto agregado que a ação social dos indivíduos inscreve, abaixo na manutenção ou transformações dessas estruturas longitudinais (PASSERON, 1997, p.224).

A temática abordada considera a análise interna do espaço jornalístico, em que os agentes são notadamente reconhecidos pela produção cultural através dos esportes. O esforço empreendido na (re)construção da categoria “jornalista”, feito ao longo do primeiro capítulo, que de certa maneira me orientou no segundo capítulo também, procurou identificar/verificar a existência de uma prática desse ofício que demarcou grupos “dominantes” ou com notória “distinção” em relação ao jornalismo esportivo. Nesse sentido, antes de considerar o método biográfico ou de construção de trajetórias como uma ferramenta metodológica, compreender possíveis princípios de funcionamento e/ou de profissionalização deste espaço trouxe, para o desenvolvimento desta temática, um meio para estudar a atuação de jornalistas e os seus recursos.

O capítulo 1 é intitulado “Surgimento de um campo, título escolar, e processo de “especialização”, e teve o objetivo de abarcar o processo de reconhecimento do jornalismo enquanto profissão. O que estava em jogo é apresentar as condições de legitimidade deste ofício. O segundo capítulo é denominado “As práticas esportivas e os primeiros apontamentos sobre a imprensa do esporte no Brasil” esse segundo momento se dedica a apresentar e analisar o processo de “surgimento” do jornalismo esportivo no Brasil. E tem como principal objetivo construir um esboço dos primeiros momentos do campo jornalístico esportivo no Brasil. O capítulo 3 “Trajetórias, lutas e representações no jornalismo esportivo em São Luís” teve como foco construir os perfis dos jornalistas esportivos classificados em duas concepções da prática jornalística. Por fim, o quarto capítulo, “O “Clássico” contra o “Novo”: modalidades de intervenção e estudo de perfis, procurou construir as trajetórias estudando os recursos mobilizados por um jornalista da “nova” geração e um jornalista “clássico”, a fim de traduzir mudanças no espaço do jornalismo esportivo mais amplo.

## Capítulo I – O surgimento de um campo, título escolar, e processo de “especialização”.

O jornalismo esportivo, atualmente, é um espaço “profissional” relativamente consistente e com notoriedade que pode ser identificada por meio de profissionais que exercem esse ofício em lugares “legítimos”. No entanto, assim como ainda é um tema “marginal” nas Ciências Sociais, o jornalismo esportivo também teve tal característica, quando comparado a outras modalidades de jornalismo (econômico e investigativo) (PEDROZO NETO, 2015).

Desse modo, busco caracterizar como se dá o processo de “surgimento” deste espaço a partir de algumas leituras que possibilitam sociologicamente descrever (arenas de disputas) e localizar (agentes) as transformações mais significativas que se arrolam no seu interior. Aqui, onde denomino de “capítulo de revisão de literatura”, tomo como principal objetivo propor uma discussão bibliográfica que ajude a situar a temática dentre outros trabalhos importantes feitos nessa seara.

A formação incipiente de um campo de estudos dedicados ao jornalismo esportivo ficou circunscrita, em um primeiro momento, a trabalhos que relacionam o futebol à identidade social. Contudo, foram tais pesquisas que ajudaram, posteriormente, a fortalecer esse campo de investigações que tem o “esporte”<sup>3</sup> como foco de diferentes questões e em diferentes áreas do conhecimento.

A constituição de debates sobre “categorias” que foram naturalizadas mostram-se complexas, no sentido de compreensão de sua gênese social; naturalização e trabalho ativo de agentes de diferentes campos que contribuem para perpetuação ou não dessas “ilusões” bem fundamentadas (BOURDIEU, 2008). O estudo do jornalismo esportivo como tema - e como se dá o exercício deste *métier* no sentido interno à lógica de produção de notícias esportivas,

---

<sup>3</sup> Tomo o futebol como principal prática desportiva noticiada no Brasil pelo jornalismo e jornalistas esportivos. Trabalhos como de Helal, & Gordon (1999) e Damatta (1982;1994) indicam como o futebol se tornou um símbolo de “identidade” nacional.

está relacionado à demanda a partir de lógicas externas (mercado e política), busca desvendar os domínios da vida social que estão envolvidos em sua fabricação, bem como os agentes e “porta-vozes” que o fazem existir enquanto tal.

Uma pista acerca da “hiperpolitização”, ou de posicionamentos sobre temas políticos, apresenta forte relação com o trabalho ativo de “politização de bens culturais e de intelectualização das lógicas e práticas de intervenção política (GRILL & REIS, 2016, p.10). Desse modo, localizo o trabalho ativo desses agentes na construção de representações sobre os esportes investigando um conjunto de “especialistas” de um *domínio* específico, com o intuito de capturar as disputas internas, princípios de hierarquização e a constituição de papéis, sem deixar de lado as condições sociais e históricas da “profissão” e de correlações com outros domínios sociais (GRILL & REIS, 2016).

Abordo o jornalismo esportivo como um *espaço* social de “atuação de agentes portadores de características e trunfos variados de autoridade, que habilitam a circular entre elos e a produzir e impor representações sobre a vida social” (GRILL & REIS, 2016, p.21). Trata-se então de análises em modalidades de intervenções de “porta-vozes” vinculados ao jornalismo esportivo como uma estratégia metodológica para objetivar posições e disposições (REIS, 2015).

A construção de classificações e sentidos, na perspectiva de Bourdieu, é enfocada neste trabalho de doutorado na medida em que é analisado o investimento de agentes que produzem representações acerca de categorias sociais. Os jornalistas são considerados aqui como porta-vozes ligados ao “mundo do futebol”, sobretudo, no intuito de compreender, de forma mais específica as lutas travadas pela conquista do “monopólio” em classificar, definir e redefinir as pautas legítimas nessa arena, o que possibilita dialogar e estabelecer conexões com diversos trabalhos construídos por essa abordagem (BOURDIEU, 1989).

O jornalismo é uma temática estudada por muitos pesquisadores. Sociólogos notadamente reconhecidos. Bourdieu (1997) e Weber (2002), por



exemplo, apresentam pistas do estudo sociológico deste espaço e desse segmento profissional, permitindo desvelar um conjunto de transformações sociais mais amplas e mais específicas concomitantemente. O jornalismo esportivo se apresenta como um campo em que busco apreender a atuação de um conjunto de agentes que estão alocados neste espaço, com a finalidade de capturar, sobretudo as disputas em torno do “futebol”, “profissão”, “especialização” de papéis; “comunicação”, “notícia”, “tecnologia”, “geração” e “duração” no mesmo local de trabalho, “socialização” profissional, “princípios éticos”, “linguagem” e relação “centro-periferia”. Tudo isso faço na perspectiva desenvolvida por Pierre Bourdieu, que mostrou o quanto os “esportes” estão relacionados com diferentes práticas sociais e como, ao longo do tempo, foi se tornando um *campo* com suas próprias lutas e princípios de concorrência. Ainda que relacionado ao mundo da “economia” e da “política”, o “esporte” tem suas “evoluções”, “crises” e “leis específicas” (BOURDIEU, 1983).

Diversos trabalhos que podem ser classificados (arbitrariamente) no campo da sociologia das profissões, permitiram apresentar alguns movimentos que revelam o processo de construção de um ofício. De início, tomo a ideia de que o espaço jornalístico, bem como essa profissão, é um produto de disputas entre grupos e indivíduos. Essa postura metodológica e reflexiva é uma saída para desnaturalizar categorias que se apresentam ao sociólogo como naturais e a-históricas.

O ponto de partida deste capítulo é uma reflexão sobre como um saber profissional se consolida. Para responder a esta questão, partirei de algumas contribuições da sociologia das profissões, com trabalhos internacionais e nacionais.

A existência de uma profissão passa pelo (re)conhecimento do Estado<sup>4</sup>, que garante formalmente,

aspectos que podem distinguir um ofício de outros. Por outro lado, determinada profissão precisa produzir suas próprias fronteiras, com suas próprias demandas, causas e disputas específicas para o seu processo de

---

<sup>4</sup> Bourdieu (2014) desenvolve a ideia de que o “Estado” é o criador de categorias. As profissões, nesse sentido, passariam pela validação dessa instituição.

profissionalização (PETRARCA, 2013; BOURDIEU, 2014). No entanto, parece que o “Estado” se encontra no lugar intermediário no que diz respeito à constituição das profissões, pois uma atividade para não depender dessa organização precisaria de recursos próprios e distanciamento das questões políticas, o que parece sempre difícil de separar (pelo menos em contextos periféricos).

As próprias profissões (principalmente as de cunho “intelectual”) colocam o “Estado” em suas lutas para dizer quais seriam os rumos da “nação” (PECAUT, 1990; ANJOS, 2006; PETRARCA, 2013). Nesse sentido, a atividade “intelectual” em contextos onde o Brasil está inserido, oferece um ponto de partida em que lógicas de espaços diferentes são mobilizadas por questões igualmente diferentes.

Em situações como a brasileira, um conjunto vasto de trabalhos tem demonstrado que a regulamentação das profissões e a exigência da formação acadêmica voltaram-se não só para uma reserva de espaços, mas se constituíram como recursos fundamentais para atuar na esfera política. Nesse sentido, o processo de profissionalização das profissões envolveu tanto o Estado, que ofereceu oportunidades para que as elites profissionais usassem seu conhecimento para investir na construção política do país, como os segmentos sociais de elite que se organizaram para influenciar o processo político através do conhecimento formal, obtido em universalidades. (...) (PETRARCA, 2013, p.106).

A consolidação das profissões não necessariamente está ligada somente pela causa que rege o funcionamento de um espaço específico, mas está relacionada mais ou menos com a possibilidade de intervenção no mundo político, ou de como recursos adquiridos a partir de uma profissão podem contribuir na inserção de profissionais no espaço burocrático.

Assim, pode-se dizer que o processo de profissionalização não está separado do espaço político. Ao contrário, os critérios formais, como títulos e diplomas são condicionantes para a entrada nos serviços do “Estado” (PETRARCA, 2013).

(...) Portanto, profissionalização e intervenção política não são atividades antagônicas, muito pelo contrário, as instituições acadêmicas e as entidades de defesa dos profissionais que mais se destacaram foram justamente aquelas que também exigiram de seus membros, ao mesmo tempo, profissionalização e inserção política (...) (PETRARCA, 2013, p.107).

Sendo assim, para compreender o processo de constituição das profissões no Brasil, é preciso explorar a ideia de que apenas leis e lutas específicas não são suficientes para caracterizar esses expedientes. O surgimento das profissões, sobretudo em contextos periféricos e/ou importadores, estão geralmente vinculados ao espaço político (PETRARCA, 2013).

Esse primeiro problema reflete sobre as condições de emergência de um ofício; também de pensar como se caracterizam os recursos e a profissionalização do jornalismo, tema estudado; e por último, de como se constroem as carreiras e trajetórias dentro de um segmento em que os capitais específicos funcionam como legitimadores para alçar outros espaços.

Esse esforço ainda permite identificar a construção e redefinições de estruturas mais amplas. O que metodologicamente reforça a construção de um capítulo com o objetivo de pensar o surgimento de profissões.

As universidades são um caminho para discutir as profissões no Brasil, pois o diploma e o título escolar superior assumem um lugar bem mais importante do que o saber específico. Assumem um valor diversificado, podendo funcionar como potencializador de outros recursos (prestígio e estima social, por exemplo), e até mesmo como diversificar o campo de trabalho (PETRARCA, 2013; REIS, 2013).

O título escolar também pode representar o reconhecimento de indivíduos que ocupam posições sociais já consagradas. Sendo assim, não necessariamente, em lugares periféricos, a formação/profissão tem peso maior do que as redes de relações sociais, mas esses conjuntos de recursos podem ter validade para a entrada em determinados espaços (PETRARCA, 2013).

Diferente de outros contextos em que os espaços sociais são mais ou menos diferenciados, em relação ao contexto brasileiro, não se percebe uma separação entre “campo escolar” e o profissional, por exemplo. Além de indicar indivíduos que ocupam determinadas profissões, já se posicionam numa

espécie de “missão” política. Nesse sentido é minimamente incoerente pensar as profissões independentes da “política” (PETRARCA, 2013).

É pertinente destacar que nas condições de desenvolvimento do título acadêmico no Brasil não é somente a estrutura dos espaços sociais, os princípios de legitimação e hierarquização que se transformam, mas as próprias concepções acerca do papel da escola, da carreira profissional e do título que se modificam. Trata-se não apenas de mudanças nos espaços sociais provocadas pelas relações diretas com a política, mas de percepções e entendimentos que adquirem outros significados a partir dos quais se torna possível admitir usos diversos de um diploma e a vinculação com outros títulos que lhe garantam valor real [...] (PETRARCA, 2013, p.118).

Essa forte relação entre o diploma e a política é notada quando “elites” profissionais se utilizam dos meios fornecidos pelo Estado para construir politicamente o país (PECAUT, 1990).

Esse debate é muito pertinente para o meu trabalho, pois quando se toma o “jornalismo” como uma categoria, por exemplo, é uma profissão que passou a existir junto aos critérios institucionais e técnicos, mas não exclusivamente. O (re)conhecimento governamental deste ofício marcou sua regularização e as suas mudanças de acordo com os contextos políticos (PETRARCA, 2013).

Os usos sociais do título escolar parecem uma via interessante para entender esse processo de construção de um “saber”. Assim, algumas pistas são fornecidas por Coradini (1997), que analisou o “recrutamento e a seleção de elite médica no Brasil”, e destacou que essa elite profissional tomou como parâmetro a titulação escolar, como princípio de hierarquização, mas que necessariamente não está ligado diretamente com a profissão.

As elites profissionais têm relações mais instrumentalizadas como o espaço educacional. São grupos mais ligados à consagração advinda de outros espaços sociais, do que pelo próprio mercado ou racionalidade do espaço profissional específico. “Os produtos e títulos escolares são usados mais para a ocupação de posições em outras esferas de poder” (CORADINI, 1997, p.428).

O cenário descrito acima se associa “à inexistência de um campo científico (com regras, leis e lutas específicas), e que nessa situação o capital escolar está diretamente valorizado por relações de reciprocidade (CORADINI,

1997, p. 436), bem como na impossibilidade de objetivação do espaço escolar e do profissional, ganhando espaço a personificação “moral” do agente.

No entanto, quando esses espaços profissionalizados passam a existir no Brasil, pelo menos formalmente, as lógicas pautadas na “pessoa” continuam sendo estruturantes, só que circunscrita a um espaço “institucionalizado”, e, geralmente, associado ao espaço político”. Os princípios e as regras aplicadas nas relações escolares e profissionais são principalmente as que se baseiam na reciprocidade, e que respaldam o exercício da política. Em consequência, por se tratar de relações personificadas, adquirem um caráter “particularmente” e, amiúde, pessoalmente violento (CORADINI, 1997, p. 437).

Tomando como referência o processo de seleção e de recrutamento dos componentes da academia Nacional de Medicina, sem a existência de um campo científico propriamente dito, não significa dizer que a importação de tecnologia médica modificou instantaneamente a relação de seus membros com o que o autor chama de “ethos” profissional. Ao contrário, ele ressalta que as “relações de reciprocidade se intensificam no século XX, quando se supõe que teriam arrefecido [...] (CORADINI, 1997, p.462).

Almeida (2007, p.2) acrescenta uma discussão importante sobre a escolarização no Brasil. O sistema de ensino brasileiro teria uma organização caracterizada pela “segregação econômica”. O conceito de capital cultural, com muitos limites para se pensar as configurações periféricas, ajuda a explicar como o desempenho escolar está atrelado a uma estrutura de dominação que se impõe como legítima.

No trabalho de Almeida (2007), percebe-se como o sistema escolar (título superior) está ligado diretamente à ideia de construção do “Estado Nacional”. O que resultou de um controle do segundo sobre o primeiro. Tanto os aspectos materiais quanto os aspectos simbólicos foram sendo controlados pelo Estado.

Outro aspecto relevante nos estudos sobre o sistema educacional brasileiro é a dimensão econômica, pois a escassez de condições econômicas leva a espaços de ensino desestruturados. Isso implica dizer que este recurso se fez preponderante no que tange ao acesso escolar no Brasil.

Coradini (2010) destaca que o capital escolar, ainda que esteja vinculado a uma competência específica, não independe de várias inserções de quem o porta em domínios específicos. O mercado escolar é “regulado”, também, por interesses de cunho público. O que revela que uma profissão ou um título escolar, mesmo sendo mobilizado em um nicho específico, também corresponde a uma demanda externa.

Coradini (2010, p.47) ressalta que em configurações como a brasileira, a relação entre o diploma escolar, posição social e o “processo de profissionalização tem outras bases”. Uma via para tratar a ideia de profissionalização indicada pelo autor, “é tomar a “profissão” como um fenômeno específico, com amplitude variada e interdependente de outros princípios e recursos que estão na base da divisão social do trabalho, da estrutura de poder e das ocupações” (CORADINI, 2010, p.48).

Respeitando as implicações mais gerais que o processo de “profissionalização” pode ter, o destaque de Coradini (2010) me permite caracterizar o espaço jornalístico no capítulo seguinte, tomando entrecruzamento e lógicas imbricadas. E isso não significa dizer que o campo jornalístico não tem pautas peculiares, mas que é preciso tomar outros espaços de poder para entender em quais condições esse ofício surge.

Ainda no que tange ao título escolar como fonte de observação, Azevedo (2005, p.8) analisa que antes da década de 1930 o sistema de ensino brasileiro era caracterizado majoritariamente como sendo de “elite”, de cunho secundário, intelectual e acadêmico. Imitando o sistema de ensino europeu, sobretudo o francês. À época, a condição econômica definiu a entrada neste espaço. A educação só atingiu “os filhos de pais e boa situação econômica nesta sociedade”.

Dessa maneira, o autor em tela destaca que o sistema escolar brasileiro tomou os parâmetros europeus como referência. Quer dizer, o modelo de educação é importado de países localizados no “centro”. E essa dinâmica traz algumas questões importantes para pensar o acesso escolar por indivíduos sem capital econômico. Pois o parâmetro europeu era caracterizado por forte

“segregação social”, afastando, assim, a população do ensino popular. Já no que tange ao sistema de ensino superior, a entrada era ainda mais restrita, sendo reservada à elite econômica brasileira (AZEVEDO, 2005, p.9). “A intenção do sistema escolar brasileiro era a de prover as necessidades educativas da sociedade, sem lhe alterar a estrutura social, confinando a distribuição de cada educação às estritas necessidades de cada classe” (AZEVEDO, 2005, p.9).

Após a década de 1960 pode-se notar um alargamento dos novos segmentos de comunicação, cinema e a editoração são alguns dos segmentos que podem ser destacados. Melo (2003) com o objetivo de caracterizar a “história das ciências da comunicação no Brasil”, divide em alguns momentos essa “narrativa”. Sendo que três períodos são importantes para o desenvolvimento deste capítulo.

No período denominado de “fortalecimento” destaca-se a fundação de escolas de jornalismo situados no Sudeste, bem como a ascensão dessa área do conhecimento em âmbito acadêmico. No entanto, é somente na década de 1960 que se percebe a inclusão de outras áreas da comunicação, além do campo estritamente acadêmico.

Outra importante fase é a que Melo (2003) chama de “consolidação”, em que as escolas e faculdades de jornalismo modificam o nome para faculdades de comunicação. É o momento em que a chamada “cultura de massa” está ganhando terreno no contexto nacional. Por último, temos a fase da “institucionalização”, que é caracterizada, sobretudo, pela presença de cursos de jornalismo nas universidades. Já com um aumento expressivo.

A história do jornalismo no Brasil passou por diferentes momentos. O jornalismo de opinião se confundiu com uma espécie de “ativismo político”. Já na era industrial, no Brasil, destaca-se mudanças “administrativas”, ou seja, os jornais se tornam um empreendimento de mercado. É um momento de afirmação de um “espírito de competição”.

A evolução dos meios gráficos e editoriais dá o tom do que pode ser denominado como a fase de modernização do jornalismo: a transformação na

linguagem jornalística; a influência dos Estados Unidos e o surgimento do “lead” são itens que se fazem presentes durante este processo.

### **1.1 O processo de surgimento de categorias sociais.**

Estudar o processo de gênese de categorias sociais é um esforço sociológico relevante porque “rompe” com pré-noções e com a cristalização de representações que são consequências de contextos históricos específicos. Analisando o surgimento da “região”, por exemplo, Bourdieu (1989) destaca a *performatividade* do discurso feito pelos produtores de representações e a autoridade dos intérpretes que reivindicam legitimidade para falar em nome de uma “identidade”. No entanto, o trabalho de representação apresenta uma dimensão prática (objetiva) que define a “realidade”, assim, essa interferência no princípio de estruturação, organização e funcionamento permite capturar os “efeitos” das lutas de jornalistas esportivos no arranjo do futebol, no Brasil.

Em primeiro plano, aciono alguns autores que, de certo modo, nos permitem inscrever essa pesquisa em uma sociologia do debate. Para tanto, adotando perspectiva semelhante (construtivista e concorrencial), em trabalho recente, Pinto (2018) indica possibilidades sociológicas de apreender uma categoria forjada socialmente.

A crença no “consumidor” foi objeto de estudo do referido autor que, para fins analíticos, buscou identificar o processo subjacente à construção da categoria em destaque. Para tanto, ressalta a força do direito e da economia como campos que possibilitaram o debate em torno do “consumidor”. Dito de outro modo, a reconstrução da gênese da categoria permitiu observar os agentes que tiveram papéis determinantes na produção de sentido, existência e reconhecimento. De igual modo, estabelece a competição em torno dos intérpretes que falam em nome daquela categoria. Desta forma, destaca-se a emergência de “grupos diretamente interessados” em impor uma definição de consumidor.



[...] de fato, a sociologia da categoria de consumo é um caso especial de uma sociologia das classificações sociais, isto é, uma sociologia das lutas objetivamente política de classificação e representação do mundo social. Devemos integrar sociólogos no assunto porque alguns deles, discutindo a qualidade final da sociedade, participam de sua própria maneira nas apostas que mobilizam (PINTO, 2018, p 7.)

Qualquer “categoria” do mundo social não pode ser percebida pelo sociólogo como “natural”, pois os processos de lutas entre diferentes grupos são apagados como efeito de “amnésia” (BOURDIEU, 2014). O que se apresenta como um elemento pertinente para construção de nossa problemática, posto que, construir o espaço em que o conjunto de jornalistas se encontra, seus recursos e suas disputas em torno do futebol enquanto objeto de análise (ou suas atuações enquanto porta-vozes) é uma chance de fugir aos “automatismos” verbais e mentais (BOURDIEU; CHARTIER, 2011; BOURDIEU, 1996).

Tomamos de empréstimo a análise feita por Neiburg (1997) sobre a “invenção” do *peronismo*, na Argentina. A abordagem empreendida pelo autor ao estudo do “peronismo” é indispensável, pois apresenta como diferentes lutas travadas por grupos (incluindo os “intelectuais”) daquele país, contribuem para a fabricação da categoria e, conseqüentemente, do debate em torno da “história social” e interpretações sobre aquela “etiqueta”. “[...] como todo fenômeno social e cultural, o peronismo resulta das ações de diferentes agentes sociais, situados em diferentes áreas do espaço social [...]” (NEIBURG, 1997, p.16).

[...] Foram estes os produtores das interpretações, os intelectuais que, em busca de uma aproximação com o povo, propunham opções que variavam desde sua própria peronização – racionalizada como sendo uma autocrítica da posição antiperonista anterior ou como uma repentina descoberta das virtudes do antigo regime – até a desperonização do povo, quer por meios mais abertamente autoritários, quer por processos mais lentos de educação democrática (NEIBURG, 1997, p.20).

Seguindo essa pista de investigação, acredita-se que, analisar os jornalistas esportivos na condição de porta-vozes do futebol, é um caminho que possibilita compreender, de maneira sociológica, o estudo das representações e dos repertórios mobilizados de forma comparativa entres seus lugares de

atuação em relações a outros espaços mais amplos e em relação às dinâmicas internas.

A análise dessa categoria feita por Federico Neiburg (1997) é essencial para o desenvolvimento desta tese por, no mínimo, dois motivos: 1) permite perceber o processo de “invenção” de uma categoria que produziu consensos entre as “estruturas mentais e verbais” dos agentes que nela se encontram inseridos, cuja consequência é a “essencialização” de processos históricos, sociais e políticos que se encontram como chave explicativa, sendo caracterizadas por princípios de lutas travadas, para dizer o que resumiu a *identidade* argentina numa expressão a-histórica (BOURDIEU, 1996; 2011).

Sabemos que as palavras e seus significados são produtos sociais, sua história e seus conteúdos são inseparáveis de modo como elas são utilizadas, das realidades que descrevem e da crença na existência dessas realidades. A história das palavras que servem para falar das realidades nacionais – justamente como sociedade ou cultura – mostra que elas também foram inventadas para legitimar a existência dessas realidades e, por isso mesmo, ocultam as lutas sociais e os processos pelos quais adquiriram sentidos (NEIBURG, 1997, p.14).

Destaca-se no trabalho à centralidade que os “intelectuais” argentinos assumem na fabricação do peronismo naquele país. Ademais, suas inscrições no debate revelam, mais uma vez, o amálgama entre domínio da ciência e o da política. Quanto mais a atuação dos diversos grupos de intelectuais sobre o peronismo dava-se no sentido de interpretar de forma crítica a “peronização”, mais estes contribuía para produção de sentido de uma “cultura” política daquele país.

[...] As interpretações do peronismo formuladas por poetas e escritores, ensaístas “liberais” ou “nacionalistas”, teóricos das novas vanguardas políticas e estéticas, sociólogos e historiadores requeriam propostas de reorganização da sociedade e se faziam acompanhar por verdadeiros projetos de nação (NEIBURG, 1997, p.20).

Do mesmo modo, destaco que a atuação de literatos que se dedicaram a escrever sobre os esportes no Brasil, compõem, assim como na Argentina, símbolos de “nacionalidade” e proporcionam ao futebol, sobretudo, um espaço no imaginário coletivo.

## 1.2 O subcampo do jornalismo e a “especialização” de papéis

O processo de construção de um ofício está geralmente relacionado ao tipo de saber que apresenta características específicas. Esse argumento é ineficiente quando não se coloca em questão as instituições (sobretudo o Estado) como legitimadoras de um saber. Dessa maneira, quando se discute o que define a especialização de um papel profissional, toma-se algumas práticas semelhantes que ocorrem fora de instituições “legítimas”. Dentro de grandes centros de estudos, por exemplo, o processo de especialização pode ser tomando diretamente/concorrencialmente ao amadorismo. Assim, destaca-se que um processo visa a eliminar o que poderia ser chamada de uma prática não legítima.

É preciso levar em consideração os processos históricos, bem como o espaço-tempo em que se pode demarcar o surgimento de uma profissão. A terminologia “profissional” está relacionada a algum tipo de educação “superior” e uma formação. Não tenho a pretensão de produzir um debate a fundo da sociologia das profissões, mas por exemplo, tomo alguns argumentos de Eliot Freidson (1986), quando ressalta que “os profissionais são especialistas de tempo integral”.

Trata-se então de uma separação de “profissionais” e “profanos”, pois o autor destaca que o profissionalismo pode ser caracterizado por uma “entrega” quase que total a um ofício, em que um profissional toma o seu ofício como fonte de renda, e “não como uma obra de diletantes ou amadores de tempo parcial, ou pessoas que trabalham num emprego num ano e em outro no ano seguinte” (FREIDSON, 1986, p.196).

Algumas obras descrevem com riquezas de detalhes o processo de profissionalização/especializações de algumas categorias. Quando se toma o “político”, por exemplo, destaco o autor francês Eric Phélippeau (2001), que utilizou a expressão “profissionalização política” para destacar o surgimento de novas “elites políticas”. Se trata de uma atividade que em determinado contexto

precisou de um verdadeiro conhecimento político-administrativo de eleições – sobretudo estatístico.

Outro ponto destacado pelo autor está ligado às tensões que envolvem as especializações, e esse fator é fundamental para esta tese de doutoramento, pois como ressalta o autor, indivíduos sem prestígio social e econômico tiveram que entrar na arena política utilizando outros recursos. Isso remete a um espaço marcado por rivalidades e tensões com políticos estabelecidos que ele chamou de notáveis dos meios aristocráticos e ricos. Nesse caso, a própria (re)definição da profissão política se soma às lutas entre os grupos (PHELIPPEAU, 2001).

Movimento semelhante foi feito anteriormente por Norbert Elias (2006), que refletiu sobre a historicização da gênese da profissão naval, sobretudo na Inglaterra. O ponto de partida da análise é a disputa entre dois grupos diferentes para exercer a atividade naval. Na marinha não se tinha uma separação clara entre oficiais navais e líderes militares. Com algumas disputas marítimas, para proteger ou conquistar territórios, fez-se necessário um tipo de saber especializado - uma frota – que dominasse a arte de embarcações.

Estes dois grupos foram recrutados para o desenvolvimento desta atividade, no entanto, a integração desses indivíduos não apagam a concorrência marcada, sobretudo, por prestígios e recursos sociais “externos” à atividade. A colaboração de ambos os grupos para alcançar finalidade comercial e militar, fez nascer uma nova divisão e uma nova hierarquia.

Dessa forma, o processo de recrutamento para a entrada nesse ofício tomou os antecedentes sociais como critérios. Ou seja, a relação entre marujos e cavalheiros era influenciada por suas ligações com os estratos mais gerais da sociedade inglesa de que faziam parte.

Bourdieu (1983) ao demonstrar o processo de autonomia e profissionalização do campo esportivo, enfatiza que a história dos esportes está relacionada a disputas de grupos e, sobretudo, pelo menos em sua gênese, por uma espécie de filosofia política sobre os esportes. Quer dizer, não meramente grupos que lutam por uma definição legítima sobre os esportes,

mas as práticas esportivas adquirem diferentes sentidos, que estão, por exemplo, ligados aos corpos.

Nesse sentido, as classes sociais praticavam esportes tomando princípios que ultrapassaram as fronteiras dos próprios esportes. Nesse quadro também se observa a presença de uma disputa entre amadores e profissionais, e no mesmo sentido ressaltado acima, aqui o profissionalismo está ligado a competição e à comercialização. O futebol era um esporte praticado por *élites*, mas que nesse processo de autonomia do campo esportivo, passou a ser vinculado às massas. Esse descolamento das práticas esportivas de sua concepção original está atrelado ao surgimento de instituições que passaram a regular essa prática.

Ainda tomando a categoria futebol como forma de exemplificar o argumento, tomo o processo de profissionalização do futebol propriamente dito, para mostrar questões próximas as que já foram destacadas. Damo (2003) ressalta que a nomenclatura “profissional” é caracterizada por “competência”, bom desempenho e dedicação.

Nesse caso abordado, o que separaria o par amadorismo/profissionalismo além da própria mudança morfológica desse esporte, seria a remuneração, performance e legislação trabalhista.

O surgimento de uma federação internacional, e de federações nacionais que organizam este esporte caracterizam esse processo. A criação de várias instituições aqui, remonta ao que Freidson (1986) chamou de intensa divisão social do trabalho, que está juntamente a estes processos de profissionalização.

O papel de jornalista e o espaço do jornalismo, sofreram significativa redefinição de práticas com a televisão. Este meio passou a ser um instrumento em que a informação atinge de forma veloz a quase todos. Trata-se de uma ferramenta que capturou a atenção dos telespectadores com fatos que interessam a todos. Um conjunto relevante de pessoas toma a televisão como principal fonte de informações. E não por acaso os temas espetaculares estão sempre presentes.

Por outro lado, precisa-se colocar esse instrumento dentro de um conjunto de relações de forças. Pois a televisão e os jornalistas ajudam na construção da realidade. [...] o jornalista é uma entidade abstrata que não existe; o que existe são jornalistas diferentes segundo o sexo, a idade, o nível de instrução, o jornal, o meio de informação [...] (BOURDIEU, 1997, p.30).

Dessa maneira, a competição se faz presente dentro deste espaço. O que implica dizer que assim como qualquer espaço, seguindo as trilhas de Bourdieu, o jornalismo é caracterizado por princípios que estão em disputas por diferentes jogadores, e que funciona com leis próprias. Mas que por outro lado sofre pelas “atrações” e “repulsões” de outros espaços.

[...]Os jornalistas – seria preciso dizer o campo jornalístico – devem sua importância no mundo social ao fato de que detêm um monopólio real sobre os instrumentos de produção e de difusão em grande escala de informação, e, através desses instrumentos, sobre o acesso dos simples cidadãos, mas também dos outros produtores culturais, cientistas, artistas, escritores, ao que se chama por vezes de “espaço público”, isto é, à grande difusão[...]. [...]Embora ocupem uma posição inferior, dominada, nos campos de produção cultural, eles exercem uma forma raríssima de dominação: têm o poder sobre os meios de se exprimir publicamente, de existir publicamente, de ser conhecido, de ter acesso à notoriedade pública[...] (BOURDIEU, 1997, p.66).

Desse modo, o jornalismo exerce, de certa forma, influência sobre outros por essa possibilidade de “demandas”, pois este canal se tornou o lugar em que as “cousas” podem ganhar publicidade, o que não se pode descartar as questões ligadas à “política” também. A validade de informações, de causas de diferentes categorias sociais, passou a existir através do jornalismo televisivo. No entanto este espaço é dependente de forças exteriores, das demandas e das regras do mercado (BOURDIEU, 1997, p76).

O perfil dos jornais e dos jornalistas se constrói com demandas que acompanham a própria metamorfose da notícia. A lógica de mercado esteve presente nas mudanças de diversas conjunturas - sobretudo com a “revolução” tecnológica. A mudança na linguagem, nas próprias informações e no ofício, indicam como essas disputas podem ser caracterizadas. A mudança nessas e dessas práticas passam por este nível de compreensão e captação de recursos deste espaço.

A notícia ganhou sua forma moderna, copiando o relato oral dos fatos singulares, que, desde sempre, baseou-se, não na narrativa em seqüência temporal, mas na valorização do aspecto mais importante de um evento. No caso do texto publicado, essa informação principal deve ser a primeira, na forma de lead - proposição completa, isto é, com as circunstâncias de tempo, lugar, modo, causa, finalidade e instrumento. Deflagrou-se uma campanha permanente contra a linguagem retórica e destacou-se a importância da ética como fator de regulação da linguagem jornalística (LAGE, 2003, p. 8).

Mas como o futebol passou a ganhar público através dessa mídia? O jornalismo esportivo, sobretudo por tratar do futebol como sendo seu grande expediente, e também por esse esporte ser o mais praticado no mundo, alcançou significativo espaço no cotidiano dos brasileiros. Pode-se destacar que os programas de esportes têm espaços garantidos nos meios de comunicação. Os jornalistas esportivos, assim, constroem uma realidade social sobre o futebol através de programas televisivos com grande audiência.

Segundo Benjamin (1994), a figura do narrador é fundamental para a compreensão da cultura tradicional, que valoriza a transmissão oral de histórias e conhecimentos. O narrador é um indivíduo que possui um conhecimento íntimo e pessoal dos eventos que narra, e que transmite essa experiência de forma autêntica e direta. Ele é capaz de conectar o passado e o presente através de suas histórias, e seu conhecimento é baseado na experiência vivida e transmitida de geração em geração.

No entanto, com o surgimento da modernidade e da cultura de massa, a figura do narrador começa a perder sua importância. A cultura moderna valoriza a informação objetiva, o conhecimento especializado e a tecnologia da comunicação, em detrimento da experiência pessoal e da tradição oral. Benjamin argumenta que essa mudança na forma de narrar afeta profundamente a nossa compreensão do mundo e da história.

Segundo Benjamin, a narrativa moderna é marcada pela perda da experiência direta e pela fragmentação da experiência vivida. As histórias são contadas de forma impessoal e objetiva, e a conexão entre o passado e o presente é enfraquecida. Isso leva a uma sensação de alienação e estranhamento em relação ao mundo, que é intensificada pela tecnologia da comunicação e pela cultura de massa.

O que está em jogo é a análise de como a “narrativa” foi dando espaço a outras modalidades de comunicação. As mudanças ocorridas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, além de caracterizar transformações econômicas, sociais e culturais, nota-se que as experiências “pessoais” passaram a ser contadas por canais que “distanciaram” o narrador do ouvinte. Quer dizer, a comunicação de cunho mais “artesanal” – a oralidade – cedeu lugar à outras técnicas.

A figura do “narrador” encarna uma espécie de comprometimento “moral”, de narrar o cotidiano, dando assim um efeito de “realidade”, de norma. Todavia, com a chamada nova era dos meios de comunicação, a narração deu lugar à informação. Na primeira, a narrativa tem uma validade singular, produto de relações sociais historicamente construídas na experiência dos grupos. A segunda, agora, pressupõe verificação, veracidade e validação (BENJAMIN, 1994).

Benjamin (1994) nos caracteriza o processo de “mortificação” de um estilo de contar as experiências individuais e de grupos, que tomava como principal forma a comunicação oral. O que está em jogo é a análise de como o “narrador” foi dando espaço a outras modalidades de comunicação. As mudanças ocorridas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, além de edificar novas relações de poder, de produção econômica, social e cultural, também proporcionou novos meios de transmissão da vida cotidiana. Isso também envolve como as práticas esportivas também passaram, inversamente, a se aproximar dos seus seguidores. “Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais” (BENJAMIN, 1994, p.197). Uma de suas principais contribuições é a teoria do narrador, que é uma reflexão sobre a natureza da experiência narrativa e sua importância na cultura moderna.

### **1.3 A especialização do jornalista esportivo no Brasil**



O esforço de destacar alguns trabalhos que se debruçaram para apresentar processos de gêneses de “ofícios,” são relevantes para este capítulo por conta de caracterizar lutas, repertórios, dinâmicas específicas, afirmação e consolidação de espaços. Desse modo, no meu entendimento, se faz necessário discutir sobre como o jornalismo esportivo se especializou e quais são as exigências e pautas legítimas que promoveram certa particularidade em relação a outros espaços do jornalismo.

O que se convencionou chamar de jornalismo esportivo no Brasil, passou a ser considerado enquanto um espaço de lutas e concorrências singulares, a partir de eventos esportivos televisionados. Esses eventos mostram indícios de que houve uma mudança no perfil de quem esteve autorizado a escrever sobre os esportes no começo do século XX, por exemplo. O problema de discutir sobre o jornalismo esportivo, certamente, está relacionado com o grau de demandas exteriores que o campo jornalístico sofre, de maneira mais ampla, o que incide diretamente nesse polo mais específico (BOURDIEU, 1997). O que corresponde às contribuições de Neveu (2006) que destaca como o espaço jornalístico é caracterizado por processos de conversão e de reconversão de recursos, pois em diferentes contextos não se tem a exigência de “titulação” para necessariamente ser considerado e/ou reconhecido como jornalista.

Desse modo, caracterizar o jornalismo no Brasil e o processo de especialização deste papel se apresenta como um obstáculo, pois diferente de outros campos, com fronteiras mais delimitadas ou com os critérios de entradas mais constrangedores, no jornalismo se dá o contrário. Por exemplo, dada as condições de disparidades culturais, em determinados contextos franceses, o exercício de jornalista não é praticado por agentes que reivindicam “titularidade” na execução dessa atividade. Dessa maneira, observa-se que a constituição deste ofício se desenvolve já em condições em que não se delinea pelo fato de produzir notícias ou refletir sobre elas (NEVEU, 2006).

Essas orientações teóricas, dadas as suas particularidades, caminham para o mesmo sentido no que se refere ao jornalismo como um campo que está condicionado, também pela “teatralização” da notícia. No jornalismo

esportivo, que é a temática abordada aqui, quando se toma o futebol como produto “legítimo” entre os jornalistas do Brasil, percebe que as reportagens ganham o tom de “denúncia”, “extra cotidiano” ou até mesmo de “ridicularização”. Devido aos atores deste jogo não serem de acesso relativamente fácil, nota-se que as notícias em torno destes indivíduos adquirem diferentes sentidos no “jogo”.

Dadas as dificuldades pela ausência de definição de um campo jornalístico, esse espaço é caracterizado pela “multiplicidade” de recursos que são validados em seu interior, qual seria a apreensão de critérios distintivos para classificar o jornalista enquanto um agente dotado de competências específicas ou com sentidos comuns a um grupo de profissionais do jornalismo?

A profissão médica e/ou jurídica, ou ainda a engenharia, apresenta claramente os seus critérios de inclusão ou de exclusão de seus jogadores. O título escolar, as especializações, a validação e reconhecimento em conselhos dos seus respectivos ofícios, tudo isso caracteriza quem está autorizado a exercer esses ofícios. Então esses espaços ganham um modelo de “realidade”. Existe um sentido de “profissão” que tomo como parâmetro para pensar a questão do jornalismo e dos jornalistas esportivos, que pode ser observado no trecho a seguir:

[...] Uma “profissão” supõe condições formais de acesso à atividade (diploma, certificado). Ela detém um monopólio sobre a atividade que rege, como o ilustra a organização dos advogados ou a dos médicos. Ela dispõe de uma cultura ética que pode fazer valer pelos meios contratuais que o Estado lhe outorga (é o caso das ordens profissionais). Ela forma, enfim, uma comunidade real: seus membros atribuem a ela o essencial de sua energia social, são conscientes de interesses comuns (NEVEU, 2006, p.36).

Tomando essa noção sobre profissão da sociologia funcionalista, minimamente se observa um paradoxo, pois existe um estatuto legal no jornalismo francês, por exemplo. No entanto, o exercício deste ofício não está condicionado ao aspecto de legalidade jurídica. Ao contrário, pouco depende da posse de diplomas. Por outro lado, não se pode negar que existe um conjunto de competências comuns que são compartilhados neste espaço.

Assim, esse aspecto enfoca a própria debilidade que caracteriza o campo jornalístico, e por conseguinte, a porosidade referente às entradas, que inclui jornalistas “não-oficiais”, que desempenham atividades dos titulares (NEVEU, 2006, p.36).

Destarte, isso não implica dizer que não existem critérios de reconhecimento entre os seus pares mais legítimos, pois há princípios “éticos” e de pertencimento. Destaca-se alguns indicativos que ensejam a ideia de “grupo”, como tempo de trabalho na mesma atividade, “missão” de levar notícias à população, bem como compartilhar de uma mesma identidade de “grupo” (NEVEU, 2006, p.37). Contudo, a não obrigatoriedade da titulação específica em jornalismo, promoveu ampla diversificação de saberes, que se fez parte constituinte na formação deste espaço.

Essa configuração pode ser destacada quando tomamos o futebol como objeto de notícias. Ao conceder páginas sobre a dinâmica deste esporte no cotidiano, o jornalismo esportivo se tornou um espaço “real”, com a contribuição de escritores, literatos e cronistas para a formação dessa subárea do jornalismo.

Analisando o campo do jornalismo francês, Neveu (2006) frisa que entre as décadas de 1960 e 2000, no contexto daquele país, várias transformações podem ser notadas. Houve uma “renovação” entre os jornalistas, que implicou na posse de diplomas em jornalismo; as mulheres detinham títulos em cursos literários. E elas tinham mais dificuldade em encontrar empregos. Outro indicativo apresentado foi o aumento significativo de *free-lancers*. O que caracteriza a “instabilidade” em empregos nesse ofício.

Tanto Bourdieu (1997) quanto Neveu (2006) já alertam que o campo do jornalismo é caracterizado por ampla diversificação de saberes e de demandas. Então qual seria a relevância de estudar as especializações de subcampos?

Para refletir a esta questão, tomo como referência o texto “Os subcampos especializados do jornalismo”. Marchetti (2002) fez movimento semelhante ao autor supracitado acerca do campo do jornalismo francês, que

ao estudar o processo de subcampos no jornalismo daquele país, oferece pista relevantes no que diz respeito a mudança de configuração deste espaço.

A autora analisou o polo dos jornalistas “generalistas” e dos “especialistas”, tomando como base “propriedades públicas” e as “propriedades dos jornalistas”. Com essa estratégia se evidenciou que o aumento sistemático de jornalistas como diploma ocupou espaço nos critérios de recrutamento, mas não implicou em reduzir os jornalistas “generalistas” (como apresentam como principal trunfo uma espécie de “cultura geral”). O que implica dizer que a ideia de grupo “coeso” ou ainda de uma “unidade” profissional é cada vez menos presente.

A procura por mais “experts” ajuda a entender o peso de especializações no campo jornalístico, pois temáticas específicas ganham anuência de leitores igualmente específicos. Quer dizer, percebe-se uma relação de “crédito” entre os dois segmentos que, conseqüentemente, desencadeia uma disputa pelos sentidos da profissão: já que de um lado, se tem um perfil de jornalista mais “intelectual” e toma vários saberes incorporados para refletir sobre diferentes temáticas. Por outro lado, o que confere a ideia de “especialidade” é a possibilidade de conhecer um espaço específico com fontes específicas também. O primeiro sem “envolvimento” com suas fontes; o segundo, só passa a existir por conta de questões internas àquele espaço.

Os jornalistas especializados são frequentemente alvo de críticas internas destinadas a estigmatizar sua “convivência ou proximidade” com “as fontes” e a mostrar que não seriam mais jornalistas, mas, antes, porta-vozes do espaço social sobre o qual falam: os jornalistas políticos ou aqueles que cobrem questões “sociais” ou “de imigração” são às vezes vistos como “ativistas” e os jornalistas esportivos como “torcedores”. Os “especialistas” teriam, portanto, uma visão estreita, parcial, tendenciosa ou demasiadamente técnica, ou seja, estariam mais inclinados a acentuar a continuidade do que as inovações espetaculares (MARCHETTI, 2002, p.9).

A procura por jornalistas especializados está diretamente ligado a setores da vida social que não tinha visibilidade ou que não eram objeto de investigação e de produção de conteúdo, ou com menos “prestígio”. Bem como a necessidade de ter um profissional (re)conhecido para tratar de uma questão específica que requer igualmente um saber específico. O terceiro indicativo apresentado por Marchetti (2002) é que passou a existir uma demanda de

“serviço prático”, em temáticas que estão relacionadas ao cotidiano regular das sociedades, como esporte, saúde e política, por exemplo. No entanto, a especialização do papel jornalístico prescinde de um reconhecimento entre os pares, que se caracteriza por um domínio de um saber mais geral.

Da mesma forma, a cobertura jornalística difere quando desloca-se do polo dos veículos generalistas ao da imprensa especializada: enquanto as notícias esportivas<sup>43</sup> dos veículos generalistas nacionais tendem a se concentrar em alguns dos principais esportes profissionais (futebol, fórmula 1, tênis, rugby e boxe), ela é mais diversificada nos canais de televisão ou rádio que atribuem bastante espaço ao esporte e, obviamente, em um jornal esportivo como o *L'Equipe*. Também as relações de força entre os veículos próximos dos diferentes polos variam conforme os subuniversos especializados. Em alguns deles, como o espetáculo esportivo ou a economia, o peso relativo de alguns jornais diários (*L'Equipe*, *La Tribune* e *Les Echos*), publicações semanais ou revistas especializadas dentro da produção jornalística dominante tende a ser igual ou superior ao dos jornais diários generalistas ((MARCHETTI, 2002, p.14).

A especialização de subcampos do jornalismo segundo Marchetti (2002) pode ser caracterizada pela quantidade de jornalistas que tratam de uma temática, bem como a quantidade de publicações e republicações; canais de televisão que produzem informações esportivas ou de outras temáticas que possuem amplo público.

O espaço dos jornais é geralmente fatiado entre editorias que tratam de diferentes assuntos: política, economia, esportes etc. Sendo rígida a atribuição de espaços e deficiente o planejamento, coexistiam às vezes, numa mesma edição, páginas com fotos muito abertas e textos em corpo grande e outras com fotografias esmirradas e textos compactos, dependendo de se ter maior ou menor riqueza de assuntos na área de cobertura de cada editoria. Deslocavam-se anúncios em página indeterminada (de preço mais baixo) para páginas nobres quando era necessário cobrir espaços que a redação não podia preencher, em tal ou qual área de cobertura. Fazia parte da rotina dos secretários e redação (uma espécie de *publishers* ou editores executivos) ler todos os dias grandes *ficada* da edição anterior (as matérias que sobravam), decidindo quais matérias seriam *distribuídas* (diríamos hoje, *deletadas*) e quais deveriam permanecer à espera de lugar nas páginas (LAGE, 2003, p.16).

As disputas nos polos especializados se dão por meio da própria fonte-legítima para quem servem. O acesso a atletas famosos, ou com aparição rara,

por exemplo. Esse sentido econômico é estruturante nos espaços jornalísticos especializados. Por outro lado, no polo menos especializado ou generalista, a competição se dá por uma questão “simbólica”, que é traduzida pela notoriedade ou pela reputação dos profissionais ou de empresas onde estes agentes estão alocados, muito menos que as transações ou lucros econômicos. Isso explica fortemente por que o jornalismo esportivo atende à lógica de mercado. Mais especificamente no futebol, trata-se de atletas considerados de alto nível de rendimento, e que são fontes de notícias e de audiência. A reputação está mais relacionada a questões que são exógenas (MARCHETTI, 2002).

Ao abordar as propriedades sociais dos jornalistas, a autora destaca que o perfil dos jornalistas esportivos pressupõe uma característica que está na contramão dos espaços do jornalismo especializados.

[...] As trajetórias de autodidatas tendem a ser cada vez mais raras, inclusive no jornalismo esportivo, onde elas eram particularmente frequentes. As evoluções morfológicas do grupo de jornalistas esportivos tendem, com efeito, a aproximarem-se das dos profissionais que trabalham em outras rubricas. O nível de educação dos jornalistas esportivos, especialmente em veículos de maior prestígio, é cada vez mais elevado. Conforme vimos a respeito de domínios que exigem conhecimentos menos práticos e mais acadêmicos como a ciência e a economia, os entrantes têm estudos cada vez mais longos, acima da média do conjunto da população. No caso da medicina, do esporte, mas também da justiça, que recentemente estiveram entre as principais incubadoras de assuntos judiciais, a chegada de novas gerações de jornalistas mais qualificados pode ter contribuído, pelo menos em parte, para o aumento de um jornalismo mais crítico, representando uma ruptura com o dos antecessores (MARCHETTI, 2002, p.256-257).

Outro ponto abordado é o processo de socialização profissional. Esse espaço se dá no ambiente de trabalho, em reuniões, redações e associações, quando se trata de um perfil de jornalista mais especializado. Por outro lado, o perfil de jornalista mais “generalista” ocorre em espaços diferentes, pois este tipo de conhecimento é de cunho mais geral. É um estilo que se desenvolve de maneira mais “tradicional” do jornalismo, por meio de figuras encarnadas nos cronistas e/ou literatos (MARCHETTI, 2002).

O próprio desenvolvimento da comunicação e da linguagem oportuniza a entrada do jornalismo especializado no processo de fragmentação

informacional. Grupos específicos procuram igualmente por temáticas específicas, com conhecimento e linguagem específica também. Isso afeta a seleção e recrutamento de jornalistas, pois se passa a perceber a exigência de a especialização em alguma temática, embora não seja um critério decisivo para atuar como jornalista. “A equipe de telejornal atua em função de um *habitus*, inerente ao campo jornalismo, mas influenciado pelos campos econômico e político, assim, muitas vezes um fato, ao ser transformado em informação, precisa alcançar a posição de notícia valor” (SZPACENKOPF, 2003, p.72). Mesmo sentido atribuído por Lage (2003, p.22) para quem “a informação torna-se, portando, matéria-prima fundamental e o jornalista um tradutor de discursos, já que cada especialidade tem jargão próprio e desenvolve seu próprio esquema de pensamento (compare-se a fala de um diplomata com a de um militar ou a de um assistente social com a de um economista)”.

Se existe uma crescente especialização no campo jornalístico, quer ao nível das competências técnicas quer do conhecimento de uma área específica do saber (economia, política, etc.), então as empresas jornalísticas pretendem preferencialmente licenciados em jornalismo com especialização num medium (televisão, rádio, etc.) e com uma pós-graduação numa dessas áreas do saber ou, inversamente, nessas áreas do saber com pós-graduações em jornalismo que contemplem uma área de especialização mediática (SOUSA, 1999, p.2)

O processo de “racionalização” do mundo e descolamento de esferas sociais (PIERUCCI, 2003), fez-se presente do campo jornalístico. A notícia dentro do que se convencionou chamar de “modernidade”, é traduzida dentro de um contexto eminentemente urbano e industrial. O que levou a constituição de estilos profissionais mais específicos. Notadamente, a linguagem como expressão dessa mudança, pode ser notada no jornalismo.

A sociedade moderna é composta por especialistas. Quem atua em um campo profissional ou tem determinado tipo de vida desenvolve conhecimentos muito profundos da especialidade ou na área de interesse, mas tende a ignorar o que se passa nas outras especialidades e áreas. Como, na prática profissões e atividades se interligam cada vez mais, é através do jornalismo que a informação circula, transposta para uma língua comum e simplificada, menos precisa e com potencial bastante para permitir julgamentos e indicar caminhos de investigação a quem estiver interessado.

(LAGE, 2003, p. 9).

Dessa maneira, essas transformações mais amplas nas organizações sociais, são igualmente relevantes para entender o campo do jornalismo, pois a competência desse ofício, pelo menos para parte significativa de seus profissionais, produziu “novos” perfis de jornalistas esportivos.



## **Capítulo II - As práticas esportivas e os primeiros apontamentos sobre a imprensa do esporte no Brasil**

No capítulo anterior, o meu esforço se deu no sentido de apresentar alguns trabalhos que demonstram as condições de surgimento de “profissões”, o que pode ser classificado com uma “sociologia das profissões”. Considero esse ponto de partida relevante para uma tese de doutoramento, em que tomo como objeto o jornalismo esportivo em São Luís, capital do Maranhão. Historicizar o surgimento de qualquer categoria, funciona como uma ferramenta metodológica, para romper com pré-noções que interferem na análise sociológica. No mesmo sentido, pode-se capturar recursos e reconstituir espaços de lutas e disputas por afirmação dentro do jornalismo esportivo. Seguindo esse pressuposto, esse segundo momento se dedica a apresentar e analisar o processo de “surgimento” do jornalismo esportivo no Brasil.

Este segundo capítulo tem como principal objetivo construir um esboço dos primeiros momentos do campo jornalístico esportivo no Brasil. De início salienta-se que a história da imprensa no Brasil remonta ao período imperial. Certamente não é o meu objetivo (d)escrever sobre a história do jornalismo, isso seria inviável, mas traçar em quais condições esse setor do jornalismo vai se consolidando, é relevante para a problemática de pesquisa, pois permite apreender, quais agentes escreviam sobre o esporte e, de maneira processual, analisar a consolidação e transformações deste espaço do fim do século XIX ao século XXI. Logo, esse resgate historiográfico é uma ferramenta sociológica relevante.

Tomando como base esses apontamentos iniciais, cabe investigar se de fato o jornalismo esportivo no Brasil tem alguma “autonomia” em relação ao espaço jornalístico mais amplo. Quando e em quais condições passou a existir a figura de jornalista esportivo e como se deu esse re(conhecimento)? Esse processo, no início, se deu em quais regiões? Todos os esportes eram contemplados? O que significou ser um jornalista esportivo no início do século XX? A entrada e o uso de ferramentas tecnológicas mudaram essa prática e

produziu efeitos sobre os perfis de jornalistas mais “tradicionais” em relação aos mais “novos” na atualidade?

Percebe-se que existem lacunas sobre trabalhos que enfoquem a imprensa esportiva no Brasil no século XX. Dessa forma, tomo como ponto de partida a coletânea intitulada “O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil”, organizada por Melo & Hollanda (2012), que é referência sobre a temática no Brasil. O jornalismo esportivo não tinha publicações sistemáticas, como nos moldes atuais. E isso está diretamente relacionado às práticas esportivas. O esporte que detinha algum destaque no noticiário era turfe, que aparece de maneira sumária na imprensa. “Este esporte já aparece na segunda metade do século XIX de maneira organizada, com programas de provas e regulamentos, com ampla divulgação no jornal da época – jornal do comércio<sup>5</sup>” (MELO, 2012, p.22).

No final do século XIX E início do século XX, logo nas primeiras décadas, é dado maior espaço para as agremiações esportivas dentro da imprensa. Por conseguinte, ressalta-se que a visibilidade atribuída aos esportes, informa que os jornalistas se alocavam na condição de formar opinião pública e, ao mesmo tempo, “os jornais foram produzindo um conjunto de sentidos aos esportes” (MELO, 2012, p.24).

Nesse início, as notícias estavam vinculadas às práticas esportivas, mas também os veículos de notícias estavam próximos a pessoas de “elite”. Aqui já é possível notar que o esporte, ainda que não estivesse diretamente ligado à política, havia uma estreita relação entre a imprensa e indivíduos pertencentes a este espaço (MELO, 2012, p.25). No final do século XIX ainda não se percebe um espaço reservado para os esportes. “A maioria dos jornais, senão todos, mesclavam temas políticos e econômicos. O conteúdo era voltado para a classe média carioca” (MELO, 2012, p.26). Ou seja, o esporte obtinha um

---

<sup>5</sup> O **Jornal do Commercio** foi um jornal com sede na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Circulou de 1827 a 2016. Na época de sua extinção, era o jornal mais antigo em circulação na América Latina (com a mesma denominação). Durante a monarquia, dom Pedro II tinha uma coluna no jornal e, no período de 1890 a 1915, sob a direção de José Carlos Rodrigues, o jornal contou com a colaboração de nomes como Rui Barbosa, Visconde de Taunay, Alcindo Guanabara, Araripe Júnior, Afonso Celso, Lima Barreto, entre outros. Era, então, editorialista, o jornalista José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco. Em 1959, foi adquirido por Assis Chateaubriand e passou a fazer parte dos Diários Associados. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal\\_do\\_Commercio](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_do_Commercio) acesso em agosto de 2022.

lugar marginalizado dentro da imprensa daquele período. Mas ainda assim, em 1893, surgem colunas e periódicos que retratavam com mais frequência os eventos esportivos (MELO, 2012), no entanto, detinha um aspecto informativo e opinativo.

Em outro momento, percebe-se que as crônicas se tornaram um espaço para o esporte. Tais escritos reproduziam tomadas de posições sobre o processo de modernização do país e a construção de um imaginário. Nomes como Machado de Assis, José de Alencar, Arthur Azevedo, Raul Pompeia e Olavo Bilac, escreveram diversas crônicas tomando o esporte como uma via de crítica à “elite” econômica/política daquele período; enaltecer os esportes; ou até mesmo apresentar certa preocupação com a “juventude” do país (MELLO, 2012, p. 37-38). A inserção de imagens/gravuras no esporte ajudou a entender melhor sobre como se deu a construção de valores de “elites” a partir dos esportes – locais de massa, de prestígio e distinção social. Os sentidos dados ao esporte interessaram às elites (MELO, 2012, p.42).

Em função do forte relacionamento estabelecido, a imprensa se constitui em excelente fonte para melhor compreendermos a construção de representações ao redor do esporte. Mesmo que privilegiando determinado ponto de vista, o das elites, em função da sua ambiguidade, típica de sua função mediadora, é possível captar diferentes e divergentes perspectivas sobre a prática, cuja conformação ajuda-nos a entender o quadro de uma sociedade em mudança (MELO, 2012, p.47).

A imprensa daquele período colocou o esporte dentro ou mesclado a vários temas – ou dito de outra maneira, mesmo não tendo um lugar específico dentro da imprensa, não se pode negar que o esporte, quando se tornou “notícia” foi valorizado. A imprensa deu significativa contribuição para o delineamento do campo esportivo no Brasil, sobretudo no final do século XIX e início do século XX (MELO, 2012, p. 47-48).

Outra relação que a imprensa manteve com o esporte, bem como a participação na construção de símbolos de identidade nacional pode ser

localizado através do jornal *a gazeta esportiva*. Esse jornal surge na primeira metade do século XX, por meio do jornalista e advogado Caspér Libero<sup>6</sup>.

Melo (2012) descreve, como as crônicas ilustravam a relação do futebol enquanto modos de traduzir a vida cotidiana no Brasil. Essa dinâmica já sofre significava mudança a partir do jornal *a gazeta*, pois nota-se que o esforço do jornal, além de cobrir os fenômenos esportivos, tentou dissociar os esportes de outras formas culturais (TOLEDO,2012). Ou seja, nota-se que se faz presente alguma fronteira dos esportes em relação a outros espaços da vida social. O que não se observou anteriormente.

O futebol enquanto fenômeno urbano é caracterizado a partir de alguns conflitos sobre os seus significados. A antiga oposição futebol profissional *versus* futebol amador, ganhou páginas no jornal. A cobertura de práticas esportivas pelo jornal, trouxe uma segunda disputa que me interessa na construção da presente tese, pois já se nota uma “querela entre um discurso que reivindicava uma dada especificidade e legitimidade à prática do jornalismo esportivo em confronto com outro, censurado pelo viés profissional, típico da conduta de torcedores, e, portanto, supostamente “amador” (TOLEDO, 2012, p.74).

Frisa-se aqui, a reivindicação, ainda tímida, de um discurso mais técnico sobre as práticas esportivas. O que implicaria numa separação ou afastamento de literatos/cronistas que tratavam de outras temáticas nas colunas de esportes (TOLEDO, 2012). Precisaria de uma cisão entre a caneta que escreve romance daquela que escreve o futebol<sup>7</sup>.

Na década de 1940, o jornal *a gazeta esportiva* sofreu com mudanças significativas no jornalismo de maneira mais ampla. O poder da televisão e de

---

<sup>6</sup> Caspér viria a ser o idealizador da primeira Faculdade de Jornalismo do Brasil – antes da trajetória como comunicador, formou-se no bacharelado de Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito Largo São Francisco. Com 29 anos, em 14 de julho de 1918, este tomou-se diretor e proprietário do jornal “A Gazeta”, transformando a publicação em um dos maiores órgãos de imprensa da época.

<sup>7</sup> Toledo (2012) ressalta que vários cronistas esportivos iniciavam seus textos anunciando a morte de alguém ou um funeral. Com complexificação do jornalismo esportivo, esses aspectos da vida cotidiana foram perdendo espaço em relação à escrita mais “técnica”.

tecnologias coloca-se como um dos principais meios de comunicação. As práticas esportivas experimentaram as “influências” dessas novas ferramentas

Destaco que, tomando o jornal *A gazeta esportiva* como referência, não existe ou não é muito perceptível a formação de um campo ligado especificamente ao jornalismo esportivo, por mais que o futebol já demonstrasse forte adesão à “nação” do Brasil, e esse aspecto se apresentou como obstáculo à formação de papéis especializados na análise esportiva. Por outro lado, se existia uma demanda exterior ao jornalismo esportivo - outros atores, os agentes “legítimos” que trabalharam para dar sentido às práticas esportivas, eram encarnados na figura de “literatos”.

O que de fato fez o jornalismo esportivo existir enquanto tal? Como se deu o reconhecimento de análises esportivas como um “ofício” de indivíduos com competência para isso?

A primeira metade do século XX, de fato, marcou o aparecimento de jornais com temas esportivos. Ainda que o destaque dado aos esportes seja totalmente diferente de décadas passadas, é importante frisar que eles estão situados no eixo São Paulo - Rio de Janeiro, o que pode ser uma constatação relevante para a minha pesquisa que se desenvolve fora dessa região.

Enquanto em São Paulo, o jornal *A gazeta esportiva* dedicou páginas aos seus números, para descrever os mais diferentes esportes, no Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports* se apresentou como um dos mais relevantes sobre a temática. O primeiro, de maneira ainda tímida, marca a tomada de um espaço próprio para o jornalismo esportivo. Já o segundo, pode-se dizer que concentrou forte emancipação do jornalismo esportivo (HOLLANDA, 2012).

O surgimento e a afirmação do *Jornal dos Sports*<sup>8</sup>, ligado ao cronista Mário Filho<sup>9</sup>, coincide diretamente como a popularização do futebol, profusão

---

<sup>8</sup> O tradicional diário esportivo carioca "Jornal dos Sports" foi o primeiro periódico especializado em esportes no Brasil. Fundado no dia 13 de março de 1931, por Argemiro Bulcão e Ozéas Mota, com um ativo de seis contos de reis, foi inspirado no jornal italiano "Gazzeta Dello Sport" e ficou famoso pelas suas páginas "cor-de-rosa". Em 1936, os jornalistas Mário Filho e Roberto Marinho compraram o "JS". A última mudança no controle do "JS" aconteceu no dia 22 de fevereiro de 2008, quando o publicitário Arnaldo Cardoso Pires assumiu o controle administrativo do periódico. Disponível em <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/jornal-dos-sports-2165> acesso em agosto de 2022.

do rádio, unificação de ligas de futebol e o seu processo de profissionalização. Pelo fato de estar situado no Rio de Janeiro, que já foi a capital do Brasil, favoreceu a instalação do referido jornal, ou pelo menos desse gênero jornalístico (HOLLANDA, 2012, p.81-82).

Os jornais tinham um perfil, que não necessariamente mudou tanto da década de 1930 até os dias atuais, no que diz respeito ao plano administrativo, pois a gestão familiar se fazia presente (SODRÉ, 1999). E o jornal de Mário Filho não escapou a essa lógica. Embora com o rádio e, posteriormente, a televisão, como principais meios de comunicação no Brasil. No entanto, o processo de modernização que a imprensa dessa década experimentou, colocou uma estrutura com características empresariais nos jornais (ou menos familiar) (SODRÉ, 1999).

Hollanda (2012) concede informações importantes para pensar esse momento de afirmação/emancipação do jornalismo esportivo no Brasil. E vale ressaltar a influência dos jornais estrangeiros, pois antes da década de 1930, os jornais poderiam ser caracterizados como “multiformes”, o que mudou como a ideia de “unificação” dos jornais, com inspiração europeia.

Um dos objetivos estabelecidos ao estudar a temática do jornalismo esportivo é investigar a composição dos perfis de jornalistas esportivos. Este objetivo permite, ao mesmo tempo, analisar o campo jornalístico (sua afirmação, evolução, crises, etc.), bem como identificar os trânsitos e recursos que tendem a maximizar as chances de os jornalistas adquirirem notoriedade neste espaço.

O que está em pauta aqui é o prosseguimento de estudos que investigaram os espaços compósitos ou em justaposição a outros (REIS & GRILL, 2008; DOS ANJOS, 2002). Tomei o espaço do jornalismo esportivo

---

<sup>9</sup> Mário Filho (1908-1966) foi um jornalista esportivo e escritor brasileiro que nasceu no Recife. Filho do jornalista Mário Rodrigues e Maria Ester era irmão do também escritor Nelson Rodrigues. Mário Filho comprou o "Jornal dos Sports". Em 1947 criou os Jogos da Primavera, e em 1951, os Jogos Infantis e o Torneio Rio-São Paulo, que depois se tornou o atual Campeonato Brasileiro. Outros esportes, como regata e turfe, também tinham espaço nas competições e nas páginas do jornal. Como profissional de imprensa, deixou um legado que formou gerações. Escreveu uma vasta obra, como "Copa do Mundo de 62", "Viagem em Torno de Pelé", "História do Flamengo" e "O Negro no Futebol Brasileiro". Disponível em [https://www.ebiografia.com/mario\\_filho/](https://www.ebiografia.com/mario_filho/) acesso em agosto de 2022.

como uma arena, para “testar” pistas dadas por alguns trabalhos que tomaram a temática do jornalismo como objeto de investigação (ARIEL TAVARES, 2018; COELHO, 2014; PETRARCA, 2013).

Nesse sentido, a trajetória do jornal dos Sports indica informações relevantes, pois seus principais colaboradores exerciam funções simultâneas à ocupação de jornalistas esportivos. Com passagem por outras esferas do poder, o jornalismo esportivo se aproximava (ou não esteve afastado) do campo da política. O perfil dos jornalistas esportivos do jornal em pauta é caracterizado por indivíduos que exerciam atividade de “cronista, dirigentes de clubes, presidentes de entidades desportivas, bacharéis, políticos e literatos” (HOLLANDA, 2012, p.96).

Evidencia-se que a própria constituição do jornalismo esportivo se deu através da incorporação de “cronistas multifacetados”. Então cabe a seguinte proposição: houve algum momento em que o campo jornalístico passou a incorporar perfis estritamente ligados ao saber e a competências específicas desta arena?

Pelas dificuldades encontradas para traçar, de fato, quando surge o jornalismo esportivo no Brasil, a coletânea intitulada “O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil”, contribuiu para situar, não a autonomia da imprensa esportiva, mas como as revistas que surgem a partir da década de 1930 ajudam a fazer esse mapeamento.

Desse modo, Couto (2012) fez um estudo sobre a revista “Manchete Esportiva”, que surge sob propriedade do grupo Bloch<sup>10</sup>, com o objetivo de destacar a vida esportiva no país. Estas primeiras décadas do século XX, denotam forte dedicação jornalística ao futebol. Isso pode estar relacionado à produção de uma identidade nacional pelo Estado brasileiro. E nesse sentido

---

<sup>10</sup> Adolfo Bloch um dos mais importantes empresários da imprensa brasileira, fundador do grupo de mídia que levava seu sobrenome, foi o criador da revista semanal Manchete, em 1952. E fundou em 1983 a Rede Manchete de Televisão. A Manchete Esportiva, publicação da Bloch Editores, circulou semanalmente entre novembro de 1955 e maio de 1959. Foi nela que Nelson Rodrigues se consolidou como cronista esportivo, escrevendo, a cada semana, um pedaço da história da crônica e do futebol no Brasil, em sua associação à idéia de uma identidade nacional. As crônicas, tal como a revista, também registram uma temporalidade de véspera: precedem o momento em que a indústria cultural se instaura efetivamente no país. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/4799> acesso em agosto de 2022.

cabe ressaltar que a imprensa teve forte papel na propagação do futebol enquanto um produto identitário (COUTO, 2012).

Este jornal seguiu o mesmo aspecto dos demais, pois recrutou “literatos e cronistas” para a construção de textos. Poetas e cronistas como Drummond de Andrade e Manuel Bandeira faziam parte da equipe (COUTO, 2012). Até então nota-se que as décadas avançam e surgem colunas e periódicos que dedicam espaços para destacar as práticas esportivas. No entanto, ainda não se percebe uma mudança no perfil de quem escreve. Ainda sem muito espaço na imprensa, já se pode destacar a utilização de recursos visuais. A manchete esportiva, com referência à Europa passou a mobilizar em seus conteúdos jornalísticos as fotografias, sobretudo, ligadas ao futebol (COUTO, 2012).

A década de 1950 é um contexto em que a população brasileira está conseguindo adquirir informações em diferentes fontes (televisão e revistas). O que implica dizer que a imprensa esportiva passou a ganhar mais destaque no cenário nacional. Segundo Couto (2012, p.111) o jornal “Manchete Esportiva”, tornou-se “um produto de indústria cultural de massas, cujos padrões de comportamento social, político e econômico seriam moldados de acordo com os interesses de uma classe média urbana em crescimento constante”.

É relevante destacar que o jornal em pauta era de propriedade “familiar”. Por mais que o jornalismo tenha passado por transformações significativas, o gerenciamento de famílias ainda é perceptível no século XXI. Essa constatação promove uma reflexão sobre as questões ligadas ao jornalismo “centro-periferia”, pois trata-se de jornais situados na região com maior poder econômico e político. Por outro lado, essa dinâmica não é exclusividade de grandes centros, pois a nível local, os jornais também são de propriedade de famílias. Embora se observe a presença forte de indivíduos “competentes” no interior desses estabelecimentos de notícias.

Destaco mais três revistas que, de certo modo, ganharam destaque nacional. Em 1959 o jornal do *Esporte* contou o “apogeu” do futebol brasileiro por conta da copa do mundo de nações ocorrida em 1958. Embora o futebol seja considerado a prática esportiva mais veiculada por esse jornal, nota-se



que outras modalidades são incorporadas ao longo de sua trajetória. A natação, o basquete e o polo aquático são exemplos dessa diversificação que tomou conta de suas páginas (CABO, 2012).

Já na década de 1970 a revista *Placar*<sup>11</sup> se coloca como principal fonte de notícias sobre as práticas desportivas no Brasil. Durante muito tempo a imprensa esportiva brasileira foi traduzida por este veículo de comunicação. Esta revista foi totalmente marcada pela dedicação aos esportes. De forma mais geral, a década de 1970 é marcada pela presença de militares na política e pela copa do mundo que ocorreu naquele período. Nota-se que a revista *Placar* insere um recurso na forma de apresentar os conteúdos, que ocorre através da utilização da fotojornalismo e de charges (MALAIA, 2012).

Por último, pode-se ressaltar o surgimento da revista *Lance*, no final da década de 1990, que ajudou no processo de afirmação do jornalismo esportivo, bem como as anteriores. No entanto, cabe frisar que a diferença entre essa revista e as localizadas entre os jornais da década de 1930-1950, é que sua administração não era de cunho “familiar”, mas de investidores profissionais (STYCER, 2012)

As primeiras colunas de esportes ou as práticas esportivas aparecem, em grande parte, foram classificados como esporte de “elite”. O futebol enquanto esporte mais popular no Brasil (já algum tempo) foi erigido sob este rótulo. Ao certo, parece que nessa narrativa existem algumas controversas importantes.

Nas primeiras páginas deste capítulo, o futebol, no Brasil, parece ser um esporte praticado por “elites”, que tinham acesso à clubes e às ligas (que não necessariamente eram profissionais). Contudo, as primeiras narrativas também colocam o acesso às notícias como uma questão para as elites, pois as

---

<sup>11</sup> Seu primeiro número data de 20 de março de 1970 e, em sua primeira fase, a revista foi semanal, ao longo dos anos 1970 e 1980, e assim permaneceu até agosto de 1990. Lançada pouco antes da copa de futebol de nações, teve o objetivo de preencher a lacuna de uma publicação nacional sobre o esporte. A revista levantou como bandeira a estruturação e modernização do comando do futebol brasileiro. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Placar> acesso em agosto de 2022.

primeiras colunas e diários, que eram escritos por literatos, excluía a possibilidade de a maioria dos brasileiros acessarem a este conteúdo.

No fim do século XIX e início do século XX, escrever sobre as práticas esportivas, suscita escrever sobre “política” e “economia”. Os esportes, e, sobretudo, o futebol, não foi levado “a sério”. Alguns literatos tomavam este esporte de maneira lúdica<sup>12</sup>. Por outro lado, nas primeiras décadas do século XX, havia um jornal que já dedicava páginas aos esportes, e não era voltado para “elites”, mas para a “comunidade” italiana, com sede em São Paulo (COELHO, P.V, 2004).

“Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade – lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderia tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e, conseqüentemente, ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto” (COELHO, P.V, 2004, p.17).

A história do jornalismo esportivo no Brasil pode ser caracterizada por mudanças importantes na conjuntura política deste país. Nas primeiras décadas do século passado, sobretudo o jornal A Gazeta Esportiva ganhou notoriedade nacional por cobrir quase todas as práticas esportivas. Após este jornal, nota-se uma lacuna de jornais com essa envergadura, o que voltaria a existir no fim da década de 1960, com a revista Placar (COELHO, P.V, 2004).

O futebol recebeu vários significados, no Brasil, ao logo do tempo. Os sentidos atrelados a esta prática esportiva se passam fortemente pela atuação da imprensa escrita. Vários periódicos, colunas, jornais e revistas, apresentam propostas de como deveria ser este esporte. O que possivelmente produziu algum tipo de influência em sua organização.

---

<sup>12</sup> “O leitor da imprensa buscava diversão nas páginas dos jornais e para eles, um contingente condicionado pela ficção folhetinesca, os fatos da vida real disponibilizados através da imprensa com relatos jornalísticos permitiam uma fuga da realidade imediata sem, contudo, jamais se afastarem dela. Afinal, o sucesso das narrativas estava justamente no fato de o leitor poder se identificar com as estórias, projetando-se nelas e tomando-as como objeto de discussão nas rodas de que participava” (SOUSA, 2005, p.73).

A revista *Placar*, por exemplo, que se tornou bem popular a partir da década de 1970, durante alguns momentos de sua trajetória, reivindicou, através de alguns números, que este esporte deveria ser “modernizado”. No entanto, não seria o mesmo sentido de modernização erigido pelos literatos do fim do século XIX, que tomam o esporte para falar da “evolução” urbana e arquitetônica das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. O sentido de “modernizar” o futebol no Brasil, esteve ligado à ideia de organização e disciplina, e não ao de profissionalização, como discussão presente na primeira metade do século XX (SALDANHA & GOELLNER, 2013).

Todavia, profissionalismo em *Placar* não significa apenas remunerar os dirigentes. Nesse momento, a gestão profissional é entendida, sobretudo, como um novo olhar sobre o futebol. A começar pelo calendário. Se “tabelas horrorosas” e “campeonatos deficitários” são relacionados à “cartolagem amadora”, espera-se que a profissionalização seja acompanhada de mudanças nesta área [...] A alusão ao futebol europeu como modelo de organização, profissionalismo e modernidade, aliás, é recorrente na *Placar*. Todavia, ao eleger a Europa como parâmetro, a revista não traz de lá apenas o molde dos campeonatos. Ela importa, sobretudo, uma nova maneira de pensar a relevância dos torneios e jogos [...] (SALDANHA & GOELLNER, 2013, p.284-285).

Esse sentido de “modernidade” empregado ao futebol pela revista *Placar*, eleva a ideia de negócios e de lucro. O que ultrapassa a ideia de profissionalização ou de “identidade nacional”. O futebol, nesse “novo” sentido, passou a corresponder a forte “racionalização” em sua organização e gestão. Essa dinâmica afetou diretamente o espectador /torcedor, pois seria necessário consumir o futebol enquanto um produto, como um espetáculo. Bem como a própria ideia de “dom” em relação a estruturas científicas com objetivos de melhorar a performance e os resultados.

A representação de jogador-moderno presente em *Placar*, portanto, parece ser produzida a partir da conjunção de um “corpo-máquina”, que deve se submeter à formação científica oferecida por especialistas em espaços como Centros de Treinamentos e Escolinhas, e um “corpo-mercadoria”, desvinculando de seu clube e vendido diretamente a empresas patrocinadoras (SALDANHA & GOELLNER, 2013, p.293).

Evidencia-se uma dupla mudança no futebol e na imprensa escrita esportiva: a) aspectos ligados ao lucro e desempenho na prática esportiva

tornam-se cada vez mais debatidos; b) a imprensa esportiva escrita atribuiu novos sentidos ao futebol, sobretudo a ideia de futebol como uma “prática moderna”, o que eliminou por completo qualquer característica de amadorismo.

## **2.1 O futebol no rádio e na televisão: um esporte de “massa” e a consolidação do jornalismo esportivo**

Pela dificuldade de datar com exatidão o início do jornalismo esportivo no Brasil, um recurso metodológico útil foi estudar alguns trabalhos acadêmicos que tomavam a trajetória de jornais que dedicavam colunas sobre as práticas esportivas no Brasil. Sobretudo os jornais que forneceram informações disponíveis, o que não significa que não existiam outros. Nesse sentido, tomam-se os jornais mais populares segundo as pistas de uma literatura que abordou essa temática de maneira mais específica. Sendo assim, os jornais aparecem como principal meio de divulgação de práticas esportivas, com ênfase no futebol. Aspecto que não foi tão diferente, quando mudamos a fonte de informação – o rádio.

No entanto, o radiojornalismo esportivo foi um gênero de notícia que se fez presente paralelamente aos jornais. Ainda de maneira incipiente e “amadora”, as notícias eram basicamente retiradas dos jornais e lidas no rádio (BEZERRA, 2008, p. 38). Em outro sentido, o rádio informou o “ritmo do impulso modernizador” e indicou mudanças na vida urbana” (JORGE, S., 2008, p.46).

Pode-se dizer que além dos jornais, que ajudaram na construção do futebol enquanto forte elemento de “identidade” nacional, o rádio foi um meio de comunicação relevante para este processo. Pode-se igualmente afirmar que os jornais retrataram o processo de profissionalização deste esporte, enquanto o rádio contribuiu para a massificação do futebol no Brasil. Como se observa no trecho a seguir.

O rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa. O ponto de partida desse processo é a primeira narração detalhada de um jogo de futebol [...].

Em 1931, a radiodifusão no Brasil não havia se consolidado, pois tinha somente nove anos. O vínculo de comunicação ainda parecia uma novidade exótica e mal começava a procura de uma linguagem própria do meio. Predominavam a improvisação e o amadorismo. Grande parte do noticiário no rádio dependia do tesoura, ou seja, os locutores liam na íntegra e comentavam textos recortados do jornal. O jornalismo de esportes não era tratado de forma muito diferente (SOARES, E. 1994, p.17).

O processo de massificação e profissionalização do futebol, em meados da década de 1930 se deu com contribuição do rádio. Contudo, as condições para o exercício do radialismo eram precárias. A popularização do esporte não necessariamente ofereceu condições de afirmação do rádio. De forma gradativa é que se percebem inovações tecnológicas no radialismo esportivo (BEZERRA, 2008, p.42).

Desse modo, destaca-se a “criatividade” dos radialistas esportivos, que encontraram soluções para “driblar” as condições desestruturadas do ofício. A demanda de jogos internacionais é um fator apontado para a busca de melhores condições desta atividade. “A persistência em narrações esportivas diretas provocou a busca de melhoria nos equipamentos e o gênero acabou influenciando o desenvolvimento do jornalismo radiofônico brasileiro. Essa contribuição se deu principalmente com as coberturas externas (SOARES, 1994, p.38).

Assim, o rádio foi um forte vetor do futebol no Brasil, juntamente com os jornais que começaram a dedicar páginas ao futebol. Esse processo ainda sofreria outra transformação com a inserção da televisão, que oportunizou a possibilidade de ouvir e assistir às imagens coloridas. Esses recursos contribuíram de maneira significativa para a afirmação de um espaço voltado para o noticiário esportivo.

## **2.2 O futebol como produto da indústria cultural**

No que pese a caracterização da ascensão e afirmação do futebol no Brasil como esporte mais “valorizado”, sem dúvidas, a ideia de profissionalização

dessa prática esportiva é um momento cercado por várias “tensões”. Este processo repousa sobre forte exclusão étnica<sup>13</sup>. Jogadores negros não foram admitidos em clubes profissionais, por exemplo. Outro ponto é o aspecto econômico, pois já se insere uma lógica monetária nessa atividade. O futebol profissional se tornou um “espetáculo de massa”, devido ao grande “interesse” financeiro (ROSENFELD, 2013).

A Profissionalização do futebol no Brasil precisou produzir uma “barreira” contra o “amadorismo”. Os jogadores então passaram a ser “funcionários” dos clubes. Esse aspecto produziu efeitos nas dinâmicas do jogo, pois agora a prática era caracterizada por questões financeiras. Na década de 1930 já se pode perceber o fluxo de jogadores de nacionalidade brasileira em outros países que tiveram esse processo anterior ao Brasil. Ressaltam-se apenas dois estados brasileiros que foram pioneiros nesses sentidos: Rio de Janeiro e São Paulo. Não por acaso o jornalismo esportivo passou a existir primeiramente nessas capitais.

O futebol passou a ser um “produto” comercializado. As colunas e periódicos passaram a separar páginas para o futebol profissional. No rádio também se tinha programas voltados para a transmissão de jogos e debates. Pode-se dizer que o futebol se enquadrou como parte integrante da “indústria cultural”. Este conceito está ligado à Escola de Frankfurt, que reflete como “fenômenos culturais” orquestram os comportamentos dos indivíduos. “[...] A unidade evidente do macrocosmo e do microcosmo demonstra para os homens o modelo de sua cultura: a falsa identidade do universal e do particular. Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e o seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear[...]” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.57).

O futebol enquanto um “fenômeno das massas” pode ser pensando como uma forma de “mercantilização” que atingiu todas as “classes” no Brasil. Dessa forma, uma das contribuições mais determinantes da Escola de Frankfurt é como

---

<sup>13</sup> Poucas décadas antes do processo de profissionalização do futebol no Brasil, se deu o “fim” da escravidão. Logo se identifica que em muitas dimensões (cultural, política e religiosa) os negros eram excluídos/impedidos de participar ou de ter legitimidade e/ou reconhecimento para esta modalidade esportiva.

os meios de comunicação ajudaram nesse processo, já que não necessariamente todos os brasileiros tinham condições econômicas de comprar “informação”. Nesse sentido, a circulação de notícias sobre o futebol se deu sobre um “sistema” que tinha “o cinema, rádio e as revistas” como principais meios (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.57).

Dessa maneira, a imprensa esportiva foi cada vez mais se colocando em um espaço de destaque, sendo os jornalistas e radialistas, as figuras que contribuíram diretamente para que o futebol fosse o desporto com mais visibilidade. Ao futebol foi atribuído vários significados: lazer, identidade, mercado, etc.

Dentro dessas percepções sobre a efusão do futebol, nota-se que as transmissões esportivas corroboravam para que houvesse uma identificação com o público. Na minha análise, essa dinâmica está na base do jornalismo esportivo enquanto um espaço de destaque no cotidiano dos brasileiros. Dito de outro modo, os programas de rádio, as revistas e os programas televisivos (mais tarde) teriam altos índices de audiência. O que ajuda a explicar esse lugar estruturante do futebol dentro do jornalismo é sua capacidade de produzir diversas “sensações” nos torcedores, sobretudo o de “identificação”

Os jornalistas esportivos foram se consolidando com papéis, em vários programas voltados à temática, que colaborou para a narrativa do futebol como um produto da “espetacularização do corpo”. O que indica já certa mudança quando se compara a forma de descrever o jornalismo esportivo, pois agora nota-se exigências que vão de encontro as modalidades do engajamento jornalístico de antes. Quando apenas “escrever” era um critério de entrada neste espaço. Os recursos tecnológicos inflacionaram os critérios de admissão e reconhecimento.

### **2.3 O jornalismo esportivo na televisão**

Os jornais e o rádio são dois componentes significativos para o processo de massificação das práticas desportivas no Brasil, sobretudo o futebol. O

terceiro componente que ajuda a entender a consolidação do jornalismo esportivo como um setor notável, é o advento da televisão.

O jornalista (ou o jornalismo) tem um conjunto de instrumentos para produzir e propagar informações. Tem ao seu favor um meio de acesso aos indivíduos em grande escala. Dessa maneira, o jornalismo esportivo foi produzindo, narrando e apresentando o futebol como um espetáculo “ao vivo”, que conseqüentemente, adquiriu espaço no entretenimento dos brasileiros.

A cultura de massa se expandiu cada vez mais no Brasil, a partir de 1950, com a admissão da televisão. Embora no início fosse de acesso a uma pequena parte da população (elite), nas décadas subsequentes, com os eventos esportivos de destaque, alcançou significativa audiência e consumo.

Essas transformações na comunicação, e sobretudo no jornalismo esportivo, também realçou um debate sobre a “identidade” brasileira, pois percebe-se uma nova via identitária do “nacional” alinhado a um aspecto mais de mercado, de popularidade do futebol (ORTIZ, 1988).

O monopólio do rádio e dos jornais, que faziam as análises e sínteses das práticas esportivas, logo sentiram o peso da televisão no campo jornalístico. Essa estrutura logo capturou narradores e cronistas esportivos, e permitiu ao telespectador, ouvir e ter acesso instantâneo a imagens (BEZERRA, 2008). O esporte na televisão correspondeu a uma estratégia de “prender” a atenção de quem ali pudesse enxergar mais do que um simples esporte, mas o produto de um espetáculo, como indica Bezerra (2008, p. 78).

A comunicação televisiva é um fator muito presente na sociedade contemporânea e aliada ao futebol, que como vimos é um fenômeno cultural e social faz com que esta parceria renda grandes índices de audiência para as emissoras. Por isso cada vez mais existe a preocupação com a iluminação, cor, definição, enquadramento, movimento e colocação das câmeras, cortes, edição, replay e equipamentos de última geração. Nas transmissões esportivas vemos placas, faixas e painéis, estrategicamente colocados no ângulo de visão da tv. As camisetas dos atletas esportivos também têm espaços reservados para o nome dos patrocinadores. Tudo é pensado como forma de espetáculo e faz parte da indústria que o esporte movimenta.



A televisão então, por conta do conjunto de aspectos retratados no trecho acima, coloca-se como um meio forte de “produção cultural”. A notoriedade dos agentes que coordenam as transmissões, os jornalistas, está diretamente associada à sua capacidade de produzir uma realidade descrita na televisão e em suas engrenagens (BOURDIEU, 1997).

A comunicação de massa, em que se tem o jornalista como principal ator, também produziu uma figura que legitimou este espaço, que foi o espectador. No entanto, com a consolidação das práticas esportivas no Brasil, tem-se a figura do espectador que é torcedor ao mesmo tempo. Dessa maneira, a afirmação do esporte contemporâneo encontrou na “revolução” da comunicação televisiva, uma forte “indústria”.

Em especial, a televisão promoveu a comercialização do esporte, pois de forma processual, este meio de comunicação obteve predomínio nas sociedades “modernas” e urbanas. O consumo de massa se deu a partir de então, pelo que se pode “ver”. Ao mesmo tempo, a televisão proporcionou a sonoridade e imagens (BOITELLO, 2005).

Certamente a intensificação das práticas econômicas, no esporte, estão ligadas ou podem ser explicadas pela ideia de “lucratividade”, com o profissionalismo que alguns desportos desenvolveram. O futebol – mas não somente ele – assume o papel de produto esportivo mais rentável no Brasil.

A televisão surge na primeira metade do século XX, e alguns esporte já receberam transmissões, o que não foi algo desprezível. Pois o fato inaugurou um processo que ganharia bastante espaço no cotidiano de milhares de pessoas. Os eventos esportivos ganharam uma rotina, e poucos outros espaços (economia ou política, por exemplo) tem essa regularidade. Todavia, o surgimento da televisão não implicou o afastamento de admiradores dos esportes locais, como foi imaginado, ao contrário, a lógica mercadológica de lucro foi intensificada.

Com a produção em massa dos aparelhos de tv e a difusão de canais por todo o mundo, instaurou-se, inicialmente, um relacionamento de certa rivalidade entre a televisão e os dirigentes esportivos, pois estes

temiam que o televisionamento ao vivo pudesse diminuir o público pagante de ingressos. Mas o tempo logo revelou-se desnecessário, e com o aparecimento do sistema de satélites para transmissões a longa distância, ao vivo, a partir dos anos 60, esporte e televisão passaram a partilhar de uma “relação simbiótica”, o que significa que eles se apoiam mutuamente, e dependem um do outro, especialmente no plano econômico (BETTI, 1988, p. 35)

A passagem das práticas desportivas no Brasil, sobretudo o futebol, para a televisão encontra-se juntamente ao processo de profissionalização deste esporte. O que implica dizer que, cada vez mais o futebol, nas telas de televisões, não estaria ligado ao universo do amadorismo ou do jogo lúdico (DAMO, 2003), mas aos “profissionais” do jogo e do jornalismo esportivo. Desse modo, a combinação do futebol profissional e do monopólio de jornalistas na “arte” de falar sobre o esporte, aparece em processo conjunto. Pode-se dizer que um ajudou ao outro na afirmação e consolidação, no entanto, certamente o este processo de afirmação de um “corpus” de jornalistas esportivos de seu trabalho ativo em promover influência na representação sobre este polo (mais específico) e, conseqüentemente, no jogo.

[...] A partir de então, a evolução da prática profissional depende cada vez mais da lógica interna do campo de profissionais, sendo os não profissionais relegados à categoria de público cada vez menos capaz de compreensão dada pela prática. Em matéria de esporte, estamos frequentemente, na melhor das hipóteses, no estágio da dança do século XIX, com profissionais que se apresentam para amadores que ainda praticam ou praticaram; mas a difusão favorecida pela televisão introduz cada vez mais espectadores desprovidos de qualquer competência prática e atentos a aspectos extrínsecos da prática, como o resultado, a vitória [...] (BOURDIEU, 2004, p. 2018).

Dessa maneira, o descolamento gerado no campo jornalístico pelos profissionais do jornalismo esportivo, no que diz respeito ao sentido do “jogo”, os colocou em posições de produzir efeitos sobre os “sentidos” de torcer. Outro efeito pode ser dito, quando passou a existir a figura de “telespectador”, pois parece que é alguém que pode opinar sobre o jogo, mesmo que isso não tenha nenhuma interferência prática sobre as regras, e cada vez menos, no jogo e nas lutas internas aos jornalistas esportivos.

O esporte, sem sombra de dúvidas, é um tema que permite revelar um conjunto de dinâmicas e lutas pelo direito de dizer como deve ser jogado ou praticado; ou até mesmo sobre quem pode praticar e como se deve organizá-lo. O jornalista esportivo, que está dentro de uma matriz maior, que é ser jornalista, está dentro de um campo em que ele é dominado?

Embora a “política”, “economia” ou a “ciência”, aparentemente tenham mais “peso”, e por conseguinte sejam objetos de notícia, ainda assim, depois que houve o processo de profissionalização do futebol no Brasil, nenhuma outra temática obteve tanto espaço, sobretudo na imprensa televisiva, aparecendo nos programas diários que tratam especificamente das rotinas dos clubes de futebol profissionais. O que implica dizer que, com os recursos “iconográficos”, voz e imagens, o jornalismo esportivo foi se afirmando como um ramo do jornalismo que não necessariamente pode ser caracterizado como um polo dominado (embora muitos possam acreditar que sim).

Os esportes, a partir das transmissões televisivas, foram transformados em uma narrativa competitiva e ligada a mais eficaz performance. Esse tipo de mídia produziu a “competição esportiva” em “uma luta simbólica”, e não real (BETTI, 1998, p. 39). Essa narrativa, às vezes dramática, tem a ver como os jornalistas esportivos criam códigos de influência a partir do lugar que ocupam.

Na década de 1950/1960 o campo jornalístico esportivo ainda não apresentava uma fronteira bem definida do que significava ou do que representava este ofício (BOURDIEU, 2011). A demarcação ou a falta dela, está relacionada, de certa forma, com a própria constituição das primeiras descrições sobre os esportes no Brasil.

A configuração da notícia foi fortemente caracterizada pela presença de literatos e/ou cronistas, que eram responsáveis por apresentar vários aspectos do cotidiano através das letras. O esporte é um espaço cercado por sensações e sentimentos, aspectos que eram dominados por este perfil de escritor. Nesse sentido, as ferramentas tecnológicas não necessariamente desclassificaram este tipo de escritor ou de cronistas esportivo, ao contrário, passaram a conduzir jornais (ou as edições de jornais), só que agora com mais recursos audiovisuais.

## 2.4 O jornalismo esportivo na atualidade

Nos programas de televisão por “assinatura”, por exemplo, os “porta-vozes” se posicionam sobre diferentes temas (gênero, mercado do futebol, “crise”, tecnologia etc.) que atravessam as “linhas” do campo futebolístico. O estudo de tomada de decisões acerca de conteúdos mais diversificados e que, de algum modo são colocados como “questões da sociedade”, podem indicar uma transformação sobre esse tipo de jornalismo. Para tanto, uma das possibilidades que se apresentam nessa dinâmica é a “hiperpolitização” da vida social que atinge *domínios* que não se circunscrevem apenas a arena política.

No tópico passado foi discutido, como o processo de entrada da televisão no jornalismo esportivo não excluiu os perfis que escreviam ou noticiavam os eventos esportivos no Brasil – cronistas e letrados. Agora estes indivíduos passaram a exercer outra atividade – a narração (BEZERRA, 2008).

O jornalismo esportivo, então, passou a produzir notícias com valor de custo, o que se apresenta como um forte aspecto dentro do fazer jornalístico atual. O aparecimento de anúncios publicitários, patrocínios e marcas, demarcam a forte influência que caracteriza o campo do jornalismo. Mesmo com a constituição de um espaço específico, que se notou por produzir e apresentar as práticas esportivas como principal objeto, este campo é caracterizado por dinâmica singular. Bourdieu (1997, p.76) já destaca como o campo jornalístico sofre com a lógica mercadológica: “O campo do jornalismo tem uma particularidade: é muito mais dependente das forças externas que todos os outros campos de produção cultural [...] Ele depende muito diretamente da demanda, está sujeito à sanção do mercado [...]”.

Dessa maneira, evidencia-se que o jornalismo esportivo é consolidado por conta da inserção, principalmente, da televisão. No entanto, a notícia esportiva se tornou um produto vendável, o que interfere diretamente na produção da notícia e do fazer jornalístico.

Dessa maneira, mais do que uma singela transformação da notícia esportiva em produto econômico, o que está em disputa é o princípio de ser jornalista, pois notadamente o campo econômico apresenta outras lógicas (BOURDIEU, 2005; PEDROSO NETO, 2016). O que se destaca aqui é que o espaço jornalístico, que em tese seria ocupado por jogadores “legítimos”, sofreu mutações significativas com a publicidade (BEZERRA, 2008).

Esse novo sentido no exercício do jornalista esportivo por conta do viés econômico, acarretou numa disputa pela própria redefinição deste espaço que era ocupado por letrados e cronistas - “intelectuais”, que tinham como fator primordial a escrita voltada para o esporte como um elemento dentro da “identidade” nacional, “urbanismo”, modernidade, etc. Estes espaços agora são ocupados, também, por jornalistas esportivos.

Acuado, o jornalismo vem curvando-se ao sistema, flexionando junto seus conceitos, valores, padrões e posicionamentos. Os princípios da nova ordem neo-econômica provocam mudanças nas relações dentro das redações dos jornais, na interação do profissional com a sociedade, nas escolas do jornalismo, na hierarquia dos saberes, na dinâmica das mentalidades, no artesanato das notícias e no cotidiano do fazer jornalístico. Enfim, os traços no neoliberalismo estão em todas as áreas associadas ao campo do jornalismo. Em consequência, a lógica do mercado parece estar provocando uma transformação generalizada dos padrões éticos, estéticos e culturais do universo da informação, reduzindo aparentemente o jornalismo a uma simples esfera de sustentação para interesses eminentemente comerciais (MARSHALL, 2003, p.).

Evidencia-se assim, que o jornalismo esportivo abriu espaço para o perfil de jornalistas que, não necessariamente, teriam como principais trunfos os recursos “legítimos” para jogar com os pares do jogo (BOURDIEU, 2011), ou até ser identificado como um intelectual. Nesse processo em que a lógica de mercado marca o campo jornalístico esportivo, o perfil de jornalista que “vende” e anuncia patrocínios, ganhou destaque e se afirmou dentro deste espaço (BEZERRA, 2008).

Em consequência disso, esse novo perfil de profissional do jornalismo e do jornalismo esportivo, de maneira mais específica, passou a ocupar cargos de notoriedade/visibilidade e com salários elevados, o que não acompanha

“ideais” ligados aos “princípios” gerados pela profissão, como exemplo, a ideia de “imparcialidade” (BEZERRA, 2008).

Nesse sentido, a lógica de mercado impôs ao jornalista esportivo um constrangimento no exercício do seu ofício, pois a televisão como principal via de comunicação, o “veredito” passou a ser dado por uma clientela “exterior” ao campo jornalístico (BOURDIEU, 1997).

Essa dinâmica no jornalismo esportivo pode ser classificada como uma mudança de paradigma, pois princípios como “objetividade” e “imparcialidade” passaram a concorrer com a ideia “espetáculo” e “audiência”. A televisão ocupa esse lugar que permitiu a produção de novos efeitos no campo jornalístico.

Assim, o reforço da influência de um campo jornalístico, ele próprio cada vez mais sujeito à dominação direta ou indireta da lógica comercial, tende a ameaçar a autonomia dos diferentes campos de produção cultural, reforçando, no interior de cada um deles, os agentes ou as empresas que estão mais propensas a ceder à sedução dos lucros “externos” porque são menos ricos em capital específico (científico, literário etc) e estão menos seguros dos lucros específicos que o campo lhes garante imediatamente ou em prazo mais ou menos longo (BOURDIEU, 1997, p.110).

O que se apresenta como consequência da entrada da televisão e, por conseguinte, da lógica do mercado no campo do jornalismo, são disputas por princípios de excelência do “verdadeiro” sentido (o que e como ser dito) do jornalismo, bem como ser representado (quem pode e o que deve ter), e o perfil (intelectual ou não) de jornalista.

[...] Há, hoje, uma “mentalidade-índice-de-audiência” nas salas de redação, nos editores etc... Por toda parte, pensa-se em termos de sucesso comercial. Há apenas uns trinta anos, e isso desde meados do século XIX, desde Baudelaire, Flaubert etc., no círculo dos escritores de vanguarda, dos escritores para escritores, reconhecidos pelos escritores, ou, da mesma maneira, entre os artistas reconhecidos pelos artistas, o sucesso comercial imediato era suspeito: via-se nele um sinal de comprometimento com o século, com o dinheiro...Ao passo que hoje, cada vez mais, o mercado é reconhecido como instância legítima de legitimação [...] (BOURDIEU, 1997,p.37).

A consolidação do campo do jornalismo esportivo, com a entrada de vários recursos tecnológicos, acompanhou a lógica de “notícia-produto”, o que está diretamente ligado com o perfil de jornalista esportivo. Esse novo “operário” da construção da informação esportiva no mundo contemporâneo é caracterizado mais pela “produtividade” e o “lucro” que possa gerar, do que pela capacidade de “refletir” e “criticar” o seu objeto de trabalho – o esporte.

A política, assim como o esporte, admite um tipo de cobertura que não se pode chamar simplesmente de noticiosa. Tanto em política quanto em esporte, cada acontecimento pressupõe algo exterior a ele e que lhe dá sentido: a “situação política”, a “situação no campeonato e no ranking.

A notícia esportiva é o jogo ou a disputa. Delas as pessoas tomam conhecimento assistindo ao espetáculo ou a partir de resumos – os lances principais. Todo mais é constituído de declarações e decisões, tomadas num clima de paixão, em torno das quais se propõem análises e prognósticos – a crônica desportiva.

Cabe ao repórter de esportes documentar essas declarações e decisões, atento ao contexto emocional em que se situam e à natureza empresarial que hoje assume a atividade desportiva. Mas não deve perder de vista os aspectos éticos do esporte, seu poder de catarse – catalisador de tensões sociais – e a finalidade educativa de sua prática, que deve voltar-se para a saúde física e mental. (LAGE, 2003, p. 50-51).

Essa dinâmica trouxe um paradoxo no campo jornalístico, pois se percebe vários jornalistas que não necessariamente tomam a lógica do entretenimento, mas que reivindicam autoridade pela forma “tradicional” nos debates esportivos ou em mesas redondas.

Estas tensões, mutações e “missões” que podem ser encontradas no campo do jornalismo esportivo são relevantes para compreender algumas visões de jornalistas situados fora do polo “dominante”. Isso se faz possível por conta de uma forte relação entre o centro-periferia (SIGAL, 2002; BERTRAND BADIE & GUY HERMET, 1993), pois o exercício do jornalismo feito em lugares de “centro”, no Brasil são referências de como se deve fazer jornalismo esportivo.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Pelas pesquisas feitas por mim até aqui, o eixo São Paulo - Rio de Janeiro se apresenta, por excelência, com protagonistas do campo jornalístico esportivo.

No entanto, isso não se apresentou como uma unanimidade, mas não se percebeu tanta discordância entre os entrevistados, que o lugar de onde os jornalistas esportivos, muitas vezes já consagrados, os legitimam enquanto agentes “autorizados” para falar do esporte (em várias dimensões que vão da “política à economia ou à estética dos movimentos).

Neste segundo capítulo foi feito um esforço para apresentar o processo de surgimento do campo do jornalismo esportivo no Brasil. Para tanto, como se nota relativa dificuldade em estabelecer um marco temporal para o surgimento do jornalismo esportivo propriamente dito, estabeleci uma estratégia (que também é metodológica) que procurou investigar os primeiros jornais que dedicaram páginas ao esporte.

Dessa maneira, esse esforço me permitiu, ao mesmo tempo, fugir de algumas “sociodiceias” sobre a história do jornalismo esportivo no Brasil, e capturar os perfis de quem escrevia ou de quem estava autorizado, à época, a escrever sobre o esporte.

Desse modo, o capítulo demonstra que literatos e cronistas eram, por excelência, agentes que escreviam sobre os esportes. E que, analisando a morfologia do campo jornalístico esportivo, mesmo com a entrada de ferramentas tecnológicas, estes indivíduos não deixaram de se fazer presentes nas redações, rádio e televisão. O que indicou que a constituição e a consolidação do jornalismo esportivo, não se deram por competência específica, mas por recursos exteriores que interferem diretamente em seu funcionamento (BOURDIEU, 1997).

Outro ponto que merece destaque é que, no Brasil, o jornalismo esportivo está quase em todos os contextos ligados ao futebol, esporte mais praticado no país, já definido como símbolo de identidade nacional. Nesse sentido, o futebol contribuiu para que houvesse um espaço regular nos meios de comunicação de massa, em que os jornalistas esportivos eram figuras de destaque. Pois além de dar “vivacidade” a este “espetáculo”, pôde-se capturar os perfis de jornalistas ao longo desse processo. Cada vez mais, passou a se observar a presença de jornalistas com trunfos para se enquadrar à dinâmica



mercadológica deste campo, o que se aproxima ao trabalho de Bourdieu (1997).

Por outro lado, observa-se que também existem jornalistas que reivindicam um tipo de jornalismo esportivo “tradicional”, quer dizer, caracterizado em reflexões” críticas, na “ausência” de uma demanda de fora do próprio jogo. A “autonomia” de quem escrevia sobre os esportes no começo do século XX, já era ilustrada pelas ingerências de grupos ligados à política, o que pode ser um indício de que o jornalismo esportivo já surge condicionado a esta lógica, o que se tornou mais complexo com a transformação da notícia esportiva em “produto” comercial.

Esse percurso se fez necessário, porque permitiu entender alguns aspectos do jornalismo esportivo a nível nacional, bem como identificar recursos e “perfis” de agentes que produziram efeitos nesse espaço. As mudanças observadas serão analisadas na próxima seção, onde apresento um apanhado do jornalismo esportivo a nível local, em que a parte “empírica” da pesquisa se desenvolveu. Isso me permitiu comparar e identificar as disputas em torno de ser “jornalista esportivo” e as transformações ocorridas nessa arena.

## **2.5 O jornalismo “especializado” em São Luís**

A imprensa tem a sua gênese no Maranhão na primeira metade do século XIX. Os dados sistematizados por Nascimento (2007) indicam a numeração de 510 títulos de jornais. A região Norte deste estado concentrou o maior percentual de periódicos, sobretudo em São Luís. Na região Leste, encontra-se um equilíbrio nessa distribuição, entre 1821 a 2006. Na região Sul a imprensa se voltou para a pecuária. A região Centro apresentou menor número. Somente na década de 1930 é que o jornalismo surge na região Oeste, na cidade de Imperatriz, com o jornal “O Alicate” (PINHEIRO, 2007). A região Norte, no que tange à produção de noticiário jornalístico, foi caracterizada por retratar disputadas políticas. E a região sul por retratar o crescimento do agronegócio daquele lugar.

O espaço do jornalismo passou por diferentes transformações desde o final do século XIX até a atualidade. Isso pode ser dito com base, cada vez mais presente, da divisão de “áreas” ou “subespaços”, que tornou jornalistas especializados em determinados tipos de agendas. Embora o nosso foco seja a investigação sobre o jornalismo esportivo em São Luís, faz-se pertinente ressaltar a presença de ao menos duas divisões ou demarcações presentes no jornalismo ludovicense: o jornalismo cultural e o jornalismo político.

O jornalismo que pode ser considerado “especializado”, passa-se pelo jornalismo cultural, político e esportivo. Nas três modalidades identifica-se questões em comum: demandas exteriores ao “produto” legítimo dessas atividades. Essa dinâmica se confunde com a própria História do jornalismo brasileiro, em que as fronteiras de “quem” e “como” se exerce a comunicação apresenta certa plasticidade. Quem pode fazer jornalismo? Como fazer jornalismo? Essas questões que abrem a esta seção refletem polarizações que se apresentam de forma regular nessa temática – jornalista profissional versus jornalista amador; especialista versus generalista. Essas contradições se tornam um obstáculo, quando não estudadas de maneira “intermediária”, que trato aqui, como a possibilidade de capturar recursos e princípios de *di-visão* desse exercício profissional (BOURDIEU, 2004).

## **2.6 O jornalismo cultural**

O jornalismo cultural, aborda temas para públicos específicos, e possui traços de uma “especialidade jornalística”, revelando uma reciprocidade entre o leitor e o discurso, que consolidada, projeta ou silencia valores culturais (CAVALCANTI, 2016). O Jornalismo cultural pode ser tratado como um setor especializado por tecer análises e pautas que concernem a diferentes formas de identificações presente em diversos grupos. Certamente que essas pautas não estão fora de contextos mais gerais, ainda assim, é possível destacar um conjunto de matérias e de profissionais que se dedicam a retroalimentar questões com relevo social.

“As características que diferenciam o jornalismo como um todo e o jornalismo cultural em particular apresenta-se através de pautas que enfocam questões referentes a temas específicos da cultura, da arte,

do comportamento e do lazer. Determinam-se, ainda pela análise, desdobramento e aprofundamento de questões relevantes para a vida social, atualizando temas e personalidades” (MIRANDA, 2005, p. 86).

“O jornalismo cultural é uma área de especialização que se realiza sob as mesmas circunstâncias do jornalismo geral e é influenciado por todos os momentos políticos e econômicos do país. Ele expressa tanto uma visão crítica, discutindo questões em pauta na atualidade, quanto opiniões ou conteúdos tradicionalmente identificados com o status quo das sociedades onde emerge (MIRANDA, 2005, p. 80).

O jornalismo cultural enquanto um produto de empresas capitalistas também sofreu impasse que se apresenta em diferentes tipos de jornalismo: um “ideal” deste próprio espaço contra as pressões exercidas pelo polo econômico (MIRANDA, 2005). Nesse caso, em particular, a especialização assume um posicionamento de se distinguir da notícia cotidiana, produzindo notícias com base em critérios e regras e estratégias desse âmbito. A crítica é a forma “pura” de operacionalização da notícia no jornalismo cultural.

“A profissionalização e a especialização têm levado à substituição dos críticos de tradição literária por jornalistas afinados com a análise de produtos culturais, nos cadernos diários de cultura e algumas revistas. Nesse sentido, alguns suplementos literários e cadernos culturais acabam por se constituir em verdadeiros espaços de resistência” (MIRANDA, 2005, p.87).

Pode-se dizer que os jornalistas esportivos “clássicos” também apresentam uma forma de luta em relação às mudanças no âmbito do jornalismo esportivo. Nota-se que jornalistas com “autoridade” emitem visões “críticas” sobre o noticiário do futebol. Um dos agentes estudados, Juracy Filho, é um caso exemplar, de como a posição alcançada no jornalismo esportivo dar legitimidade para a tomada de “opiniões” que ultrapassam a fronteira das “quatro linhas”.

O advento da internet como via importante de comunicação, que ampliou a produção e a circulação de coberturas de eventos culturais, não implicou no desaparecimento de vias chamadas de “tradicionais” no jornalismo e no jornalismo da cultura. O segundo possui números significativos de títulos especializados. No entanto, a “mercantilização” dos “produtos” jornalísticos não necessariamente acompanhou a “qualidade” na produção (FARO, 2006).

O indício que sustenta o argumento que se pode falar do jornalismo cultural como um espaço “especializado”, em São Luís, além de diversos eventos, encontros e atividades, a presença de programa de pós-graduação nessa área apresenta-se como uma evidência de formação de especialistas nesse tema.

## **2.7 O jornalismo político**

O jornalismo político é um gênero de produção que se debruça na construção de notícias ligadas à política. Certamente existe uma dificuldade em definir o que é política. Ao longo do tempo, vários estudiosos – da Filosofia à Ciência Política, da História às Ciências Sociais – tecerem esforços para definir essa categoria de forma conceitual. “Tudo é política (SODRÉ, 1998) quer dizer, em um nível de entendimento, que os fatos políticos e as decisões tomadas nesse espaço determinam a vida no cotidiano. Decerto, a política não escapa à um conjunto de lutas de diferentes agentes sociais e grupos, para definição “legítima” de princípios de vida (BOURDIEU, 1989).

O jornalismo político, então, aloca-se dentro deste viés, que busca analisar os “protagonistas” no âmbito político, social e cultural. Além de retratar diferentes lutas dessa esfera, passou a dar notoriedade a certos personagens. O caminho do jornalismo político se tornou singular, sobretudo no Ocidente, com a afirmação de ideais democráticos (GANS, 2004). No caso americano, os indivíduos passaram a reivindicar seus interesses a partir de diferentes instituições. As pressões do mercado econômico, as disputas políticas e ingerências pessoais, fizeram parte da agenda de jornalistas dedicados à produção de noticiário político. O que levou a relativa falta de “credibilidade”, já que as fronteiras mal guardadas no jornalismo (de maneira mais ampla) não apresentam diferenciação entre seus especialistas ou não (lógica muito presente em contextos com pouca institucionalização de papéis sociais).

A lógica de maximização das audiências é indissociável do discurso utilitário e do interesse factual já observado. Os barões da imprensa são empresários capitalistas antes de serem soldados intermediários de forças políticas, o que dissocia o jornalismo do engajamento partidário. A lógica empresarial contribui assim para uma profissionalização forçada (NEVEU, 2006, p.25).

No entanto, contra a falta de “confiança” nos jornalistas políticos (por parecer que quase sempre há uma “inclinação política) se nota um número significativo de pós-graduação nesse gênero de notícia, bem como mudanças na relação jornalista e político “profissionais”, que passaram a se posicionar via assessoria de imprensa (FERNANDES, 2020).

O jornalismo político está presente em São Luís como um gênero de produção jornalística. Essa área especializada do jornalismo concentra-se na cobertura e análise de questões políticas e governamentais. Os jornalistas políticos, com regularidade, se debruçam na produção de notícias relacionadas às eleições municipais e gerais, campanhas políticas, tomadas de decisões de governos, políticas públicas, “escândalos” políticos, “corrupção” e outros assuntos relacionados à política. A sua atuação se dá, de maneira mais visível, na dimensão pragmática da “política”.

No estado maranhense, a política é um tema bastante debatido, é uma questão importante, pois o estado é um dos mais importantes da região Nordeste do Brasil, sobretudo do ponto de vista econômico. A política do Maranhão, assim como em outros estados da federação brasileira, tem sido historicamente dominada por algumas famílias políticas influentes, o que coloca essa pauta nos expedientes regulares do jornalismo.

A mudança no governo na década passada, promoveu um deslocamento de análises, pois as ações governamentais foram caracterizadas como “progressistas”. O jornalismo político no Maranhão teve um papel fundamental na cobertura e análise dessas mudanças políticas. Vários meios de comunicação locais, regionais e nacionais têm equipes de jornalistas políticos que cobrem a política do Maranhão.

No entanto, assim como em outros lugares, o jornalismo político no Maranhão também enfrenta desafios, incluindo ameaças à liberdade de imprensa, intimidação de jornalistas e falta de recursos financeiros para investir em investigação jornalística. Além disso, a polarização política e as disputas partidárias também podem afetar a objetividade e a imparcialidade do jornalismo político. Em síntese, o jornalismo político no Maranhão é uma área

importante para a cobertura e análise de questões políticas e governamentais no estado.

## **2.8 O jornalismo esportivo**

Embora o surgimento da imprensa no Maranhão seja datado a partir de 1820, o cronista João Tavares já destacava algumas atividades denominadas como “recreativas”, nesse estado. Entre 1821 e 1860, mais de 180 jornais circularam em São Luís, e foram de cunho político e literário. O primeiro “esporte” aparece de forma tímida, na década de 1830, no jornal intitulado “Echos do Norte”, destacando a capoeira. Em 1840 aulas de esgrima foram noticiadas. Já na década de 1880 o jornal “Diário do Maranhão” faz uma notícia sobre o turfe. A fundação do Club de Regatas Maranhense foi anunciada em 1900, pelo jornal “Regeneração”. Na segunda década do século XX, “O Jornal”, noticia a fundação do clube esportivo “Club Zinho”. Neste mesmo ano, este jornal criou uma coluna intitulada “Os Desportos”. Enquanto o jornal “O Estado” dedicou uma coluna denominada “Foot-Ball”, para informar notícias especificamente sobre o futebol (VAZ, 1993; 1995a).

Na década de 1940 surgiu o primeiro jornal que se dedicou somente em noticiar as práticas esportivas. “O Esporte” foi fundado e dirigido por José Ribamar Bogéa. A justificativa para este jornal seria dar “projeção” nacional ao esporte maranhense. Este jornal, ainda que mantivesse a mesma estrutura, passaria a se chamar de “Jornal Pequeno” (VAZ, 1993).

A crônica esportiva ou as notícias desportivas foram contadas e escritas no século passado, por figuras não classificadas como jornalistas esportivos, com a especialização desse papel, mas por literatos e cronistas, que encarnavam uma simbiose entre jornalista e poeta, com um pouco de “magia” (COELHO, 2005). A forma de construir textos e matérias esportivas pode assumir uma linguagem mais acessível ou não, bem como pode assumir contornos literários. O cronista esportivo pode ser caracterizado pela capacidade de atribuir certa “dramaticidade” e “emoção” aos jogos. Com a inclusão das tecnologias no jornalismo as publicações de notícias sofreram transformações, sobretudo pela informatização, nos anos de 1990. Nesse

momento destaca-se, que a linguagem e a forma de feitos no rádio também ganharam as páginas dos jornais.

A linguagem do rádio foi para os impressos. Metáforas. Figuras de linguagem, vocabulário rico com muitas gírias foram fundamentais nesse modelo de comunicação. Isso passou a influenciar os torcedores. Estava começando uma nova etapa na forma de noticiar os fatos esportivos. O imaginário ilustrava o show do espetáculo, um pouco mais além da realidade. Os personagens que fazem parte de um cenário esportivo passaram a ser o grande destaque no dia-a-dia dos noticiários, envolvendo cada vez mais a grande massa de ouvintes, telespectadores ou leitores de jornais e revistas especializadas [...] (COELHO, 2005, p.25).

Com o processo de modernização no jornalismo esportivo, obter “qualificação”, agora, está relacionado com a formação de cunho universitário, o que tensionou representações “naturalizadas” de “vocação” e “dom” para exercer narrações e transmissões ligadas ao esporte. No entanto, esse processo demorou a ser incorporado à região nordeste, pois o tipo de programa era feito a partir de “opiniões”. Nesse tipo de programa não havia a obrigatoriedade de conhecer as regras, estratégias, jogo tático e informações técnicas de partidas. A “emoção” e/ou “paixão” pelo clube orientava a performance dos jornalistas.

No Maranhão, durante as décadas de 1960 e 1970, na Rádio Timbira e na TV Difusora, os jornalistas que apresentavam os plantões esportivos também eram responsáveis por apresentarem programas “culturais”, por exemplo, o jornalista Edivan Fonseca, que além de programa esportivo, seguia responsável pelo “Saudosa Maloca”, um programa musical (COELHO, 2005). Com a modernização do radiojornalismo esportivo surgem as demarcações de funções. Anteriormente um jornalista, como consta no relato de alguns entrevistados, exercia várias funções. Agora, o repórter é um setorista, quando se fala em futebol, é o responsável por coletar informações diárias, e produzir gravações de componentes administrativos e de atletas. Nesse novo estilo, falar “ao vivo”, estar dentro do campo de jogo e passar informações configura essa função.

Já o comentarista tem o papel de análise tática, técnica e de projetar os movimentos e a condução da disputa. A mudança em relação ao jornalista

esportivo clássico é que, dificilmente os comentaristas são dramáticos ou fazem observações de cunho pessoal. Observa-se a mobilização, por parte desses profissionais, de recursos tecnológicos e de estatística que reforçam os seus argumentos. Geralmente nos intervalos das partidas, mesas “gráficas” e “computadorizadas” demonstram os movimentos no jogo. O narrador tem a função de transmitir aos ouvintes com grau de detalhes. A este profissional a “emoção” e “chavões” são tidos como “aceitáveis”, pois a qualidade da narração pode ser ingrediente importante na obtenção de audiência. Os coordenadores de esportes, agora, fazem a produção, pautas, supervisionam os roteiros, a equipe técnica, tarefas e a estrutura. Essa função era exercida pelo repórter que, ao mesmo tempo, acumulava essa tarefa entre outras (COELHO, 2005).

Encontrar um marco definidor sobre o início do jornalismo esportivo no Maranhão é um obstáculo presente para todo pesquisador que visa estudar a temática sobre este lugar. A obra que tomamos como base, para escrever essa seção, apresenta essa narrativa também. Contudo, na década de 1940 foi fundada a Associação de Cronistas Esportivos do Maranhão (ACEM). Na década de 1970 surge a Associação dos Cronistas e Locutores Esportivos do Maranhão (ACLEM), ambas com sede no Palácio dos Esportes. Essas associações podem indicar reconhecimento mútuo entre os jornalistas esportivos.

A obra do jornalista esportivo Lima Coelho (2005), intitulada “Fala, Tigre! Apontamentos para a História do Jornalismo Esportivo no Maranhão”, já indica a dificuldade de sistematização de dados e de memória sobre a crônica esportiva, radiojornalismo e do jornalismo esportivo. Esse fato pode dar pistas de qual é o lugar que o jornalismo esportivo maranhense ocupa em relação ao espaço mais amplo do jornalismo, pois, retirando a região sudeste do país, a produção de notícias esportivas enquanto pauta, não tem o mesmo destaque de temas “políticos” e “econômicos”, etc.

Eu acho que o jornalismo esportivo do Maranhão... tudo depende muito do que o mercado, né? Nós temos o futebol do Maranhão, que o Brasil acha que o lugar mais humilde em relação ao futebol seria o



Maranhão, seria Sergipe, isso sem contar com o Amapá, Rondônia, Roraima que parece que nem existe nesse mapa do futebol, mas no que existe, nós aqui estaríamos numa situação secundária, né? Uma vez ou outra o Sampaio, numa campanha boa, numa campanha de Campeonato Brasileiro, mas não temos um suporte ou aporte que tem São Paulo, tem o Rio e tem Minas, né? Eu acho que nós aqui ficamos até abaixo do Pará, abaixo do Ceará, uma vez equiparando. Esse lado da economia, do tamanho desses clubes de futebol, eles têm reflexo no jornalismo, a profissão correlata, na profissão do jornalismo esportivo. Mas como profissional de imprensa, como radialista, como jornalista, como o quesito especial no nível cultural, o tamanho da inteligência do nosso pessoal, eu acho que nós estamos sim, aí não se compara pelo lugar pequeno do futebol, mas se compara pelo tamanho grande. Nós estamos aqui a altura de qualquer Recife, de qualquer Salvador, qualquer Belo Horizonte... O nível cultural do nosso profissional é de altíssimo gabarito (Entrevista concedida pelo presidente da ACLEM, Técio Dominici, em 2021)

Embora haja uma divisão em relação a isto, alguns entrevistados acreditam que o jornalismo esportivo praticado no eixo sul-sudeste é referência; já outros discordam disso. E ressaltam que o jornalismo esportivo praticado no Maranhão satisfaz as exigências desse mercado, mesmo concordando que haja falta de estrutura, investimentos e reconhecimento.

O estudo de jornalistas esportivos em São Luís pode ajudar a entender como eles lidam com as especificidades culturais e também, como o esporte é praticado e vivenciado na região, além de permitir investigar como os jornalistas esportivos lidam com as suas narrativas e discursos. A sociologia pode investigar como os jornalistas esportivos lidam com os interesses econômicos e políticos envolvidos nessa indústria, e como eles dão visibilidade às contradições e desigualdades presentes nesse campo e como suas práticas e discursos afetam a construção da identidade esportiva do Maranhão.

Outra fonte de informações, é a “principal” obra escrita sobre o jornalismo esportivo maranhense, de autoria do jornalista esportivo Lima Coelho (2005), que está no universo de pesquisa estudado, intitulada *“Fala, Tigre! Apontamentos para a história do jornalismo esportivo no Maranhão”*. Este livro conta como se deu a história do desenvolvimento dos esportes em São Luís. Em alguns momentos, a obra traz impressões pessoais do autor sobre a sua trajetória no campo jornalístico e no campo do jornalismo esportivo maranhense.

A obra supracitada permite classificar o jornalista como um dos principais construtores da história do jornalismo esportivo local, pois dentre os oito (9) jornalistas entrevistados, apenas Lima Coelho apresenta produção de livros, o que indica uma relação com o jornalismo, diferente dos demais agentes. Outro ponto que será destacado é que o autor deste trabalho produziu artigos e livros sobre outras temáticas totalmente diferentes dos esportes. Bem como ocupou cargos em espaços de consagração, não relacionados ao jornalismo esportivo no Maranhão.

## **2.9 A produção da crença no jornalismo esportivo**

O processo de construção das profissões é caracterizadas por um conjunto de regras, atributos, concorrências e lutas, intrínsecas a própria profissão. Acrescenta-se a isso, um elemento que é estruturante e que da vida ao engajamento dos jogadores em seus espaços legítimos, a “crença” no próprio jogo (BOURDIEU, 2011). Recuando um pouco mais ao tempo, analisa-se o processo da “crença”, objetos de estudos da sociologia, de Durkheim à Bourdieu. Dessa forma, a análise dos jornalistas esportivos aqui estudados, oportuniza contribuir, ou pelo menos seguir o esforço de tantos outros sociológicos que se debruçaram para dar luz a estes aspectos nas relações sociais.

Pierre Bourdieu (1996) grifa que a produção da crença é um aspecto fundamental da produção cultural. A crença seria caracterizada como uma disposição internalizada pelos indivíduos e moldada por sua posição social e histórico-cultural.

Na obra "Introdução à Sociologia", Norbert Elias (2008) destaca que a produção da crença é um aspecto fundamental do processo de socialização. É indicado pelo autor, que a socialização é o processo pelo qual os indivíduos aprendem as regras e normas sociais e se tornam membros de uma sociedade, bem como, que a socialização é um processo contínuo e que a produção da crença é um aspecto fundamental desse processo. É nesse dinamismo que os indivíduos aprendem a acreditar em certas ideias e valores

como verdades inquestionáveis e que essas crenças são fundamentais para a coesão social e a estabilidade das sociedades.

Já o sociólogo britânico Anthony Giddens (2018), em seu trabalho intitulado “Problemas centrais em teoria social: Ação, estrutura e contradição na análise”, discute a produção da crença como um aspecto fundamental da reprodução social. Ele argumenta que a reprodução social é um processo pelo qual as estruturas sociais são reproduzidas e transformadas ao longo do tempo. Destaca também, que a produção da crença é fundamental para a reprodução social, uma vez que as pessoas precisam acreditar nas regras e normas sociais para que elas possam ser reproduzidas. Trata-se de uma crença que envolve um exercício de interação entre as ações individuais e as estruturas sociais mais amplas.

Edward Herman & Noam Chomsky (2002), discutem a produção da crença na mídia de massa. Eles argumentam que a mídia de massa tem um papel fundamental na formação das opiniões públicas e na produção do consenso social. A obra destaca que a mídia de “massa” é dominada por um grupo de grandes corporações que têm interesses próprios a proteger. Essas corporações usam a mídia para produzir narrativas e representações que moldam a percepção das pessoas sobre a realidade. A produção da crença na mídia de massa é muitas vezes alcançada por meio de técnicas como o enquadramento seletivo, a omissão de informações importantes e a “manipulação” da linguagem.

Os jornalistas esportivos mais antigos apresentam uma forte crença na modalidade em que desempenham as suas funções dentro do jornalismo que podem ser sociologicamente explicadas por meio de contribuições de Bourdieu. Para o sociólogo francês, a crença é uma disposição ou uma inclinação para aceitar algo como “verdadeiro”, mesmo que não haja provas concretas para sustentá-lo. Essa disposição é moldada pela posição social e pelo *habitus* (conjunto de disposições adquiridas ao longo da vida) de cada indivíduo.

O conceito de crença em Bourdieu está intimamente ligado ao conceito de *habitus*, que se refere às disposições incorporadas e internalizadas pelos indivíduos ao longo de suas vidas. O *habitus* é moldado pela posição social,

pela educação e pela experiência de vida de cada indivíduo, e influencia a forma como eles percebem e interpretam o mundo ao seu redor. As crenças e o *habitus* são fundamentais para a reprodução da estrutura social, uma vez que moldam as percepções e comportamentos dos indivíduos e mantêm a ordem social estabelecida.

Tomando o jornalismo como um “campo cultural”, o conceito de “ilusio” é central na teoria de Pierre Bourdieu sobre a produção e reprodução cultural. Em termos gerais, a ilusio se refere à crença e ao investimento emocional que os agentes culturais, como artistas, escritores e outros produtores culturais, colocam em seu trabalho e na competição pelo reconhecimento e prestígio no campo cultural. Bourdieu argumenta que a ilusio é fundamental para entender a dinâmica do campo cultural, pois é o que motiva os produtores culturais a continuar trabalhando e competindo por reconhecimento e sucesso. A ilusio é, portanto, uma espécie de “paixão” ou “vocação” que impulsiona os agentes culturais a se dedicar intensamente a seu trabalho, muitas vezes em detrimento de outras formas de satisfação ou recompensa.

No entanto, Bourdieu também argumenta, que a *ilusio* é uma ilusão, no sentido de que os agentes culturais, muitas vezes acreditam que estão competindo em um campo de jogo justo e igualitário, quando na verdade o campo cultural é marcado por desigualdades de poder e recursos que favorecem alguns produtores em detrimento de outros. Entender a *ilusio* é fundamental para entender a dinâmica do campo cultural e as relações de poder que o permeiam.

As mudanças ocorridas no jornalismo esportivo, colocam em cena novos perfis de jornalistas, por outro lado, no que se refere à “visibilidade” de jornalistas “clássicos”, percebe-se relativo predomínio em espaços de consagração – academia e institutos – onde são caracterizados pelo direito de silenciar ou de nomear (BOURDIEU, 2002). A autoridade conferida a estes produtores de bens culturais permite acúmulo de prestígio e de reconhecimento no espaço do jornalismo esportivo. O poder simbólico, como lembra Bourdieu (2003, p.7-8) é “o poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

Os jornalistas esportivos interferem diretamente na produção da cultura e nas disputas simbólicas, intrínsecas ao próprio espaço que fazem parte. Já que “[...] nenhuma ação pode ser diretamente relacionada à posição social dos atores, pois esta é sempre retraduzida em função das regras específicas do campo, no interior do qual foi construído [...]” (LOYOLA,2002, p.66).

### Capítulo III – Trajetórias, lutas e “sentidos” no jornalismo esportivo em São Luís.

O estudo de percurso biográfico dos jornalistas analisados, permitiu compreender um conjunto de recursos que estão associados à atividade jornalística, os critérios de entrada, os “fundamentos” desse espaço, bem como mapear possíveis mudanças no jornalismo esportivo, por meio de associações à “nova” e “antiga” geração. Os percursos socioprofissionais possibilitaram demarcar a relevância de vínculos de amizade, outras ocupações e os usos do título acadêmico. Haja visto que, alguns agentes entrevistados, começaram a exercer o jornalismo como uma atividade mesmo antes de obter a formação escolar superior. Faz-se necessário, explorar quais os trunfos se fizeram legítimos para as suas inscrições nesse jogo.

Para melhor sistematização dos dois grupos, a disposição dos jornalistas de duas “gerações” foi dividida por quadros, acompanhando um pequeno box, em que destaque algumas informações biográficas cedidas a partir de entrevistas, com o objetivo de qualificar ao máximo possível o universo de pesquisa. São nove (9) jornalistas que compõem o universo de pesquisa. No primeiro quadro estão os jornalistas na “antiga” geração (4). No Segundo quadro apresentamos os outros cinco (5), da “nova” geração”.

Nome	Nascimento
Herbert Fontenele	23/12/2041
Lima Coelho	15/03/1945
Heraldo Moreira	04/03/1964
Paulo Pelegrini	14/10/1974

*Herbert Fontenele*

*O radialista Herbert Fontenele Filho, o comentarista do "povão", piauiense, nascido em Piracuruca, Nascido em 23 de dezembro, de 1941, Fontenelle chegou ao Maranhão ainda jovem, com 22 anos. Iniciou a carreira como jornalista esportivo.*

*Lima Coelho*

*Carlos Alberto Lima Coelho, nasceu em São Luís, Maranhão, no dia 15 de março de 1945, Filho do sapateiro Silvério Florentino Coelho e a professora primária, Nadir Lima Coelho. Ingressou no comércio, atuando como balconista, em uma das lojas Pernambucanas, na rua Grande, em São Luís.*

*Heraldo Moreira*

*Comunicador por vocação!  
Advogado por opção!  
Professor Universitário por paixão!  
Quero estar com quem amo, onde curto e fazendo o que gosto.*

*Paulo Pelegrini*

*A sua inserção no jornalismo está ligada ao seu pai, que é economista e radialista. E também pela “curiosidade” de saber como funciona a produção de jornais. “O rádio nasceu em mim” – era uma questão de família “Ele se diz da geração do papel “– meio de comunicação formal*

Neste segundo quadro estão os novos jornalistas esportivos e algumas informações biográficas.

Nome	Data de nascimento
Gaudêncio Silva Pinto de Carvalho	10/ 07/ 1995
Rodrigo Anchieta Barbosa	15/ 10/ 1986
Maysa Rodrigues	08 /03/ 1996
Gil Porto	20/01/1978
João Ricardo	03/12/1985

**Gaudêncio Silva Pinto de Carvalho**

*Nascido em família classe média baixa; pai com ensino superior incompleto e técnico em contabilidade; mãe com ensino superior completo. Fundamental em escola particular; ensino médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Maranhão; Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão*



Rodrigo Anchieta Barbosa

*Sou radialista, formado em Rádio e Tv pela UFMA. Sou filho de mãe solteira que cursou apenas até o ensino médio. Ensino Superior Completo.*

Maysa Rodrigues

*Minha mãe é formada em medicina veterinária pela UEMA, mas não atua mais na área desde que o meu irmão mais velho foi diagnosticado com diabetes tipo 1 com um ano e quatro meses; hoje ela faz um trabalho administrativo no MAVAM (Museu da Memória Áudio Visual do Maranhão). O meu pai é formado em direito pela UFMA, promotor de justiça atuando na área de família. Estudei em escolas particulares durante toda a minha formação. Cursei 4 períodos de direito na UNDB, 6 de psicologia no CEUMA, e atualmente, curso o sexto período de comunicação social, habilitação: jornalismo.*

Gil Porto

*Nasceu na cidade de Estreito (MA), cursou o ensino médio naquela cidade. O seu pai era motorista e a sua mãe era dona de casa. Começou a ouvir rádio e a gostar de rádio com o seu avô. O seu irmão mais velho também gostava de ouvir rádio, “então eu*

*peguei já dele a questão de ouvir rádio, e aí vai até hoje”.*

*João Ricardo Gomes Barbosa*

*Seus pais não possuem formação superior. A sua mãe é natural Alcântara, era pescadora e, dona de casa. Já o seu pai trabalhou comércio. O seu pai chegou a fazer um teste na extinta rádio Ribamar. “Minha vó e meu avô, principalmente vovó que falou pra ele que era pra ele procurar um emprego de verdade porque ele já ia constituir família, então naquele período, inclusive pra meus avós não eram vistos como um ramo profissional seguro”.*

A hipótese inicial desse presente capítulo é que houve transformações durante o processo de consolidação do jornalismo esportivo, que indicam duplamente um novo rearranjo – tanto do campo jornalístico quanto do “ideário”, de sentidos e representações sobre esse ofício. O trabalho de campo e a produção de dados que se realizou na cidade de São Luís (MA), onde se percebe “pouca” produção acadêmica sobre a temática, que já é um indicador de que essas posições no jornalismo (esportivo) não aparecem como um espaço “oficialmente” específico dentro do campo do jornalismo.

Nesse sentido, as entrevistas foram um recurso metodológico, meio encontrado para apreender e capturar como os jornalistas esportivos dessa localidade constroem sua “identidade” profissional, que está conectada igualmente a orientação teórica com inspiração em algumas dimensões de

análise desenvolvidas por Pierre Bourdieu (1989), que permitiu reconstruir, relativamente, um espaço de disputas entre duas gerações de jornalistas, situados em rádios e emissoras de televisão.

Para melhor compreensão da inserção dos agentes investigados no campo do jornalismo esportivo, faz-se necessário estudá-los de maneira relacional. Isso implica dizer, que as bases sociais e culturais são importantes dimensões de análise para cotejar os sentidos atribuídos ao exercício da profissão (CORADINI, 2005). Tendo em vista que o jornalismo esportivo não está apartado de questões sociais, compreender as trajetórias profissionais é um indicativo de como os posicionamentos sobre temáticas “exógenas” ao jornalismo esportivo aparecem, como um recurso legítimo na disputa sobre quais são as pautas igualmente legítimas nesse jogo. Ou ainda, pode indicar a distinção de um perfil mais “tradicional” em relação a uma “nova” geração, que se aproxima de um perfil clássico de jornalistas mais ligados às questões gerais do cotidiano, e não de questões específicas do *metier* (MARCHETTI, 2002).

### **3.1 O jornalismo esportivo como “talento”: O jornalismo antigo**

O primeiro agente estudado foi o jornalista Heraldo Elias Nogueira Nunes, mas conhecido com Heraldo Moreira. No começo da profissão o seu nome de “guerra” era “Batista”, o agente então iniciou a sua vida profissional na rádio educadora em 1982. Além de comentarista, ele acumula ocupações como a de professor e na advocacia. Sua carreira no jornalismo esportivo começou na década de 1980. Depois de trabalhar na Rádio Educadora, passou pela Rádio Timbira e Rádio Ribamar. A sua trajetória no jornalismo sofreu uma pausa quando o jornalista foi para o Rio de Janeiro estudar o curso de Direito. No seu regresso à cidade de São Luís, voltou a trabalhar na Rádio Educadora e depois na Rádio Mirante. Sobre a sua entrada no mundo do direito e o jornalismo, ele destaca que “o jornalismo é a paixão, mas o que paga as contas é a advocacia” (Trecho retirado da entrevista com Heraldo Moreira, concedida em 2021).

Um dado em comum, que pode ser percebido nas entrevistas com jornalistas que ingressam no jornalismo esportivo em décadas não recentes,

está relacionado ao início da atuação no jornalismo, o que não foi muito diferente na carreira do jornalista em destaque, pois começou como estagiário, “carregando gravador”. Logo depois se tornou repórter. No entanto, o exercício na reportagem é algo que se confunde com a sua percepção dentro do jornalismo pois, suas narrativas, “não tenho como ser mais repórter” ou “sou de dedicação integral”, “sou de entrega”, são ressaltadas como se não houvesse a possibilidade de exercer a função a partir de predicados que ele vislumbra como ideal dentro deste campo. Outro fator que o distingue, é o fato de não ter trabalhado em jornais impressos. Uma das relações que usa como distinção, foi ter trabalhado com o jornalista Fontenelle, na Rádio Mirante e na Rádio Timbira.

Na entrevista com Heraldo Moreira, destaca-se uma informação sociologicamente relevante, que caracteriza o jornalismo esportivo e, ao mesmo tempo, implode uma oposição que tomei como base para a construção do questionário de entrevista. A partida para a investigação dos dados pertinentes, foi orientada com base na ideia de jornalistas “clássicos” e “novos”, em que tomei como parâmetro a mobilização de ferramentas tecnológicas, embora não somente esse fator, mas se mostrou decisivo para a divisão entre um perfil e outro. Destarte, é evidenciado na análise dessa entrevista, que, o próprio movimento dentro do jornalismo esportivo indicou um momento de transição entre as gerações “antigas”, para as “novas gerações”.



(<https://m.facebook.com/radio.timbira/videos/no-ar-fome-de-bola-1205-com-heraldo-moreira/137554318359897/> site visitado em janeiro de 2023).

O jornalista esportivo Heraldo Moreira, relata ter convivido com três gerações distintas, entre 1980-1984, 1997-1998 e 2017 e 2021, em suas passagens que versaram entre o radialismo e o esporte. No terceiro momento, em sua reinserção no jornalismo esportivo maranhense, ele se considera pertencente a uma “nova geração” do jornalismo. Sobretudo por conta de sua “adaptação” às novas tecnologias. Por outro lado, quando se recua um pouco mais ao tempo, sobretudo na década de 1980, ele se sentiu pertencente a uma geração “antiga” do jornalismo esportivo maranhense. A própria idade e ou décadas em que se iniciaram as carreiras dentro dos jornalisismos, aparecem em outras entrevistas como marco de separação, quando se pensa essas categorias “novos” e “antigos”. No entanto, ao analisar a entrevista de Heraldo Moreira, o dado pode ser indicativo de que quando se pensa uma geração antiga, ou uma geração nova, não é somente o uso de tecnológicas que estão em disputas para definição do jornalismo e do jornalista esportivo.

Durante o esforço na descrição e análise dos primeiros jornais no fim só século XIX e início do século XX, onde não se observa a presença de tecnologias na produção de notícias, tinha-se a presença de figuras que eram notadamente caracterizadas pela escrita (estamos falando de literatos) que não tinham formação acadêmica em jornalismo, mas que se legitimavam justamente, por (re)conhecimento enquanto “senhores das letras”. Nesse sentido, pode-se perceber que os literatos além de descrever sobre os esportes e a “modernização” do Brasil, possuem estilos de produção escrita não ligadas a um lugar formal, como é o jornalismo esportivo especializado nos dias atuais, em uma redação de televisão, por exemplo. Ademais, ressaltar essas características é importante na própria representação de como se pode delinear o que se chama “velho” e “novo” dentro do jornalismo, que funcionam como categorias de disputas e de “exaltação”. Quando dizem que fui “estagiário” de um jornalista já “estabelecido”.

“O jornalismo esportivo logo no começo, ele era essencialmente vocacional. O cara que trabalhava com o jornalismo esportivo, ele era apaixonado por aquilo. Ele gostava daquilo. Ele queria ser aquilo. Ele não tinha nenhuma formação técnica. Era inspiracional. Era vocacional. Ele aprendia fazendo. Por isso, eu até acho que os jornalistas daquela época eram geniais. Por que eles precisavam ter aquilo no sangue. Tenho que ter o dom [...] particularmente eu entendo que para você fazer alguma coisa, ou você nasce ou você aprende. Não tenho como aprender a técnica porque ela não existia. Então nada de tecnologia. Pura inspiração” (Entrevista com Heraldo Moreira, concedida em 2021).

Nota-se que as categorias “vocação” “dom” e “inspiração” definem a percepção de um jornalista esportivo da antiga geração. O espaço para a criatividade é uma das principais marcas para este perfil. E, decerto, destaca-se que os cursos acadêmicos e universitários de jornalismo, produziu um efeito sentido de “profissionalização” em detrimento dessas prerrogativas. Que necessariamente se deve incluir as tecnologias e procedimentos escolares para a produção de notícias acerca dos esportes. Isso pode ser observado quando se pensa, dentro no jornalismo esportivo, a setorização. Trata-se de repórteres que são responsáveis por “cobrir” uma agremiação esportiva, apenas. O que significa dizer, que existe cada vez mais o afastamento das

ocupações de cargos dominantes, que geralmente estão dentro das redações. Dito de outro modo, as (sub)divisões dentro do jornalismo esportivo retirou do chamado jornalista esportivo “clássico” a possibilidade de atuar seguindo os moldes baseados na “livre” produção de notícias, ou de acordo com a “genialidade” que marcou o jornalismo esportivo no começo do século passado.

Os dados biográficos do jornalista esportivo Herbet Fontenele e as suas percepções das transformações sobre o jornalismo esportivo, foram retirados do nono episódio do “Histórias do Rádio”, um programa apresentado por Adalberto Júnior.<sup>15</sup> O jornalista Fontenele é natural do município de Piracuruca, no Piauí. Iniciou a sua trajetória no jornalismo ainda no seu estado. Já no Maranhão, na década de 1960, a Rádio Timbira foi o seu primeiro emprego. Exerceu também, a função de repórter e de coordenador esportivo na Rádio Ribamar. Foi diretor da emissora Mirante, na década de 1990. Ainda tendo exercido o cargo de Secretário de Esporte em São Luís, e de Adjunto da Secretaria de Esporte, sob a gestão de Jackson Lago. Dentro do radiojornalismo Fontenele foi repórter de “rua” (alguns chamam de “pista”), operador, redator, noticiarista e apresentador. Essas foram algumas funções dentro do jornalismo. Observa-se que o perfil deste jornalista é caracterizado como “clássico”. Em sua entrevista ele ressalta que o rádio sofreu várias mudanças, mas que não se pode afirmar que hoje é melhor do que em sua época.

[...]Hoje o radialista está vindo do banco da Universidade, a formação que se tinha antigamente dava uma formação bem melhor. Só que o aprendizado do dia-a-dia precisa ter talento[...]houve um avanço no rádio de tecnologia, de equipamento, mas em termos de formação a gente não evoluiu muito, de criatividade [...]se fazia tudo sem internet e sem televisão. Hoje em dia houve até um retrocesso. Sempre tem o ouvinte fiel do rádio. O rádio tem um imediatismo que a televisão ainda não tem. O rádio traz prestígio, e via esse prestígio você consegue coisas sem negociar seu pensamento, com dificuldade, mas dá pra viver (Entrevista de Herbert Fontenele ao programa “histórias do rádio, 2021).

---

<sup>15</sup> Disponível no Youtube.com <https://www.youtube.com/watch?v=QjPjJrCjEiQ> acesso em janeiro de 2023.

Frisa-se, que o novo perfil de jornalista esportivo, prescinde de escolarização superior na atualidade. O primeiro sentido de “formação” separa as duas gerações de jornalistas, pois nas décadas de 1950, 1960 e 1970, cursar comunicação não era pré-requisito para desempenhar funções no jornalismo. Segundo ponto, a ausência de meios tecnológicos não eram obstáculos para a produção de notícias ligadas ao esporte, ao contrário, apenas indicava que seria necessário recorrer a outros recursos.



<https://oimparcial.com.br/cidades/2015/06/morre-o-comentarista-esportivo-herbert-fontenele/>

Contudo, como já apresentado em outro perfil de jornalista esportivo “clássico”, ser portador de “talento” caracterizou essa geração, bem como a expressão “prestígio”, que funciona como um maximizador de “circulação” social (BOURDIEU, 1979). Essas questões se apresentam para o Juracy Filho e o Gil Porto, ambos pertencentes à nova geração. Nesse sentido, não se trata de uma “exclusividade” dos jornalistas antigos, mas sim de “valor” presente no jornalismo, e que, portanto, apresenta-se nas duas gerações. Ainda se destaca a própria produção de um consumidor de rádio e outro de televisão, que foram aqui salientadas na entrevista como “imediatista”, pois a notícia no rádio chegaria a um tipo de público igualmente diferente de quem busca as notícias sobre os esportes por meio da televisão.

Paulo Augusto Emery Sachse Pellegrini é um jornalista esportivo de São Luís. Com formação em comunicação, na década de 1990, possui especialização em ciências da informação, pela UFMA, que era ligado ao curso de biblioteconomia, bem como fez especialização em jornalismo cultural na contemporaneidade, ligado ao curso de comunicação. Também tem o título de



Mestre por um programa de pós-graduação pela UFMA. Além de ser jornalista, também exerce a ocupação de professor. Coordena a Rádio Universidade Fm.



<http://www.universidadefm.ufma.br/equipe/paulo-pellegrini-2/>

Você se considera pertencente a qual geração do jornalismo esportivo de São Luís?

“Eu acho que eu tenho idade suficiente para ser considerado um jornalista clássico. Boa parte dos novos, os meninos mais novos, foram meus alunos ou estagiários. Então eles não são da minha geração. No entanto, eu não sou veterano em relação a outros. O próprio Juracy Filho é mais velho do que eu. Então eu acho que sou um clássico. Eu não sou um jornalista diário, cujo a principal função é produzir e compartilhar conteúdos de jornalismo esportivo. Eu me considero mais um jornalista cultural. Essa área da cultura é mais rotineira para mim. Eu gerencio um programa que é 70% música. Mas eu tenho inserções no jornalismo esportivo. Fui comentarista de formula 1 nos anos 90. Tive uma coluna no Jornal Estado do Maranhão, para escrever sobre formula 1. Em 1998, eu e meu pai produzimos um “suplemento” com a história de todas as copas do mundo. Depois eu escrevi colunas de esportes para alguns jornais. Em 2014 eu fiz duas colunas de esportes na rádio universidade fm. Eu não cubro o esporte no dia-a-dia. Fiz um podcast na rádio, chamado de “bate papo futebol clube”, que trata de assuntos amenos sobre os esportes, mas me considero parte de uma geração tradicional do jornalismo esportivo” (Paulo Pelegrini, maio de 2023).

Este jornalista, ao ser perguntado a qual geração se filiaria, disse se considerar um jornalista clássico. O primeiro critério utilizado por ele foi a “idade”<sup>16</sup>. Depois, percebe-se um princípio hierárquico, pois os mais novos foram alunos e/ou estagiários seus. No entanto, a própria “idade” se mostrou um critério “controverso”, pois outro jornalista citado por ele, é mais velho, só que se considera pertencente a nova geração. Os usos sociais da “idade” aqui, se apresenta como um princípio legítimo para se situar dentro de uma geração, contudo, é um critério não estruturante no universo de pesquisa.

Paulo Pelegrini, embora tenha atuações no jornalismo esportivo, se considera um jornalista cultural. Segundo ele, um dos critérios para ser jornalista esportivo é “produzir conteúdos de esportes, bem como acompanhar o dia-a-dia desse segmento e dentro de sua trajetória, isso não é uma regularidade.

“A tecnologia é um divisor de águas, pois existe uma geração de que está afeita em relação a ela, do que a outra geração que estava acostumada a fazer jornalismo de outro jeito. O jornal impresso está desaparecendo. O rádio e a TV conseguiram se adaptar em relação ao digital. O jornal impresso tem um custo caríssimo, inclusive do ponto de vista ecológico. Isso está fazendo as empresas migrarem para o formato “online”. Os novos leitores não usam os jornais. Está tudo no celular. Os antigos têm mais dificuldades de irem se integrando em relação aos novos que já nascem com esses recursos. Essa dificuldade é de ordem operacional. E hoje se faz tudo online, ninguém monta uma mesa de som em uma cabine para transmitir um jogo. O operador cria um link e coloca no ar. Um técnico antigo não saberá fazer, só os novos. O segundo é de ordem de linguagem. Essa mudança engloba textos mais curtos, mídias, texto com imagens e vídeo. O relato de uma partida de futebol hoje não é apenas um relato, ou um artigo. Ele vem acompanhado de um gráfico, um vídeo e um link. O domínio dessa linguagem é dominado pelo aluno que

---

<sup>16</sup> O reflexo profissional do sociólogo é de lembrar que as divisões entre as idades são arbitrárias. É um paradoxo de Pareto dizendo que não sabemos com que idade começa a velhice, como não sabemos onde começa a riqueza. De fato, a fronteira entre a juventude e a velhice é, em todas as sociedades, uma questão controversa. [...]A representação ideológica da divisão entre jovens e velhos concede, aos mais jovens, coisas aos mais velhos [...] a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente, na luta entre os jovens e os velhos [...] (BOURDIEU, 2002, P.137-138). Frisa-se que estou tomando como parâmetro as sociedades “ocidentais”, pois nas sociedades “tradicionais”, indígena e africanas, a idade das pessoas define papéis sociais, mas não é critério de exclusão.

entrou no curso agora. Os antigos precisam aprender na prática” (Paulo Pelegrini, maio de 2023).

Na sua percepção a tecnologia é um fator determinante na mudança de gerações dentro do jornalismo e do jornalismo esportivo. A produção de notícias está deixando, segundo ele, de usar o papel de maneira gradativa. As empresas estão investindo no mundo digital, na notícia “online”. O que acompanha a mudança no perfil de consumidores. O formato de notícias esportivas, agora, são caracterizadas por vídeos e imagens. Como destaca Benjamin (1985), as transformações de experiências narradas mudou significativamente com o advento de recursos tecnológicos.

“Eu não vejo como um “dom” ou “talento” como algo que os jornalistas antigos sejam dotados. Eu vejo o contexto. O jornalista tradicional tem duas coisas ao seu favor. A primeira, a experiência que o faz lidar com situações sem desespero. O tradicional consegue lidar com o imprevisto com tranquilidade. Pela formação livresca, com o ritmo de vida de vida mais lento. As pessoas, mais antigamente, conseguiam absorver e conseguiam expressar a sua percepção de um jeito mais “fácil”. Então é mais fácil de um jornalista tradicional se lembrar da escalação de um time, ou a sequencia de campeões do campeonato maranhense, do que um garoto que não precisa de preocupar com isso. Isso reflete na maneira de se expressar. O domínio da oratória e da retórica. Saber construir o raciocínio me parece que essa turma tradicional possui. E isso não tem a ver com a falta de talento dos mais novos, é o “contexto” de vida que não requer mais isso. O mais novo produz um “meme” para se expressar” (Paulo Pelegrini, maio de 2023).

O que caracteriza a geração clássica de jornalistas esportivos é a “experiência”. Lidar com os imponderáveis é de controle dessa geração, segundo ele. O uso da “oratória” e da “retórica” são trunfos acionados por ele para se distinguir dos novos jornalistas. A maneira de se expressar também é uma diferença entre ambas, pois o “raciocínio” é típico de uma geração ligada aos livros, enquanto a atual geração usa imagem recorrentemente dentro da produção de notícias.

“O jornalismo especializado aborda diferentes dimensões da sociedade de maneira específica. A cultura, o jornalismo cultural; A política, o jornalismo político; o meio-ambiente, o jornalismo ambiental; Polícia e Violência, jornalismo policial; esporte, jornalismo esportivo. Isso é próprio de uma segmentarização da sociedade, da relação capital-trabalho.

Isso gerou uma demanda. O jornalista especializado é o que trabalha, de fato, em algumas dessas áreas. Por exemplo, Mauro Naves, é um jornalista que trabalha com esportes, você não vai ver ele trabalhando com outros assuntos, sobre política ou cultura. Zema Ribeiro trabalha só com cultura, em São Luís. Werton Araújo, que cobre os jogos dos times maranhenses em todas as séries do campeonato brasileiro, que é um jornalista que cobre o futebol há duas décadas, cobre também o São João. Jornalistas não especializados podem cobrir diferentes áreas do jornalismo. O Marcos Uchoa, da globo, era assim. Cobria copas e guerras. Nem todo jornalista necessariamente é especializado. Eu não me considero um jornalista especializado por isso. Porque eu estou militando na cultura e no esporte. Sou jornalista cultural até pelas especializações, pela pós-graduação e jornalismo esportivo, porque pratico com alguma continuidade. Dentro do jornalismo especializado, colocando uma lupa, existem os jornalistas especializados em futebol, basquete e vôlei, que seria uma especialização. O que acontece hoje, por falta de jornalistas especializados nessas áreas, as emissoras estão contratando ex-atletas, eles que são os especialistas nas áreas” (Paulo Pelegrini, maio de 2023).

O que caracteriza o jornalismo especializado é a abordagem específica de um tema, dentro de sua percepção. Então o jornalismo especializado está em oposição ao generalista? O que se nota no jornalismo esportivo é a atuação de jornalistas esportivos em temas esportivos estritamente, é “raro”, pois temas de outras ordens se apresentam de maneira “transversais” ao futebol, sobretudo. O que indica como essa temática ocupa um terreno que se legitima com o auxílio de outros temas (como política, economia, e cultura, por exemplo).

O segundo ponto é que os não especialistas em jornalismo esportivo podem falar sobre os esportes, inclusive pela dificuldade de pós-graduação nessa área. Em São Luís identifica-se apenas uma pós-graduação em jornalismo esportivo, mesmo que o número de graduados em jornalismo/comunicação seja significativo.

E o terceiro ponto é referente a “especialização dentro da especialização”, significa dizer, que um jornalista esportivo é especializado em um determinado esporte. Nessa dinâmica, a raridade aumenta ainda mais, soma-se a isso a entrada de ex-atletas de esportes específicos que passaram a ocupar as funções de analistas dentro de cada esporte, retirando de forma

substancial a presença de jornalistas especializados ou “duplamente” especializados.

### **3.2 O jornalismo esportivo como “técnica”: O novo jornalismo**

O jornalista esportivo Gil Porto foi o primeiro jornalista entrevistado, e indicou outros jornalistas da Rádio “Timbira”. Gil Porto é natural da cidade de Estreito (MA), de origem social baixa, fez a sua escolarização primária e secundária no seu município de origem. O seu avô, marceneiro, foi quem lhe instigou a ouvir rádio. Coursou radialismo e jornalismo entre as décadas de 1990 e 2000, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), onde se graduou. Ainda cursou Geografia, mas não concluiu. Sua trajetória no jornalismo é marcada por diferentes passagens em diferentes jornais de São Luís. Alguns considerados por ele como “grandes” e outros que não teriam essa envergadura.

[...] trabalhei no Estado do Maranhão e no O Imparcial, desses três grandes, sempre na reportagem, e depois eu assumi a editoria de esportes nos jornais, então foi esse aí. Em rádio eu já trabalhei em várias emissoras, comecei na Educadora, fui pra Mirante, fui pra Mais FM, fui pra Rádio Capital, voltei pra Educadora é... E agora na Timbira. Em televisão, eu trabalhei na Mirante, na TV Guará é... Nessas duas, nessas duas, trabalhei um período na Band, mas foi bem curto o período, o projeto lá não foi pra frente na época, então foi bem curto o período, basicamente na Guará e na Mirante, como apresentador na Guará e na Mirante fui produtor do Globo Esporte. E, o jornal que eu fiz, que eu criei um jornal foi Super Esporte, tenho muitos exemplares lá em casa, Super Esporte, esse era o jornal que dava mais trabalho do planeta pra fazer um jornal, e olha que era semanal. Jornal eu escrevia, só não editava, tinha uma pessoa que ajudava também na edição, mas eu ajudava também na edição porque não dava tempo porque aí tinha que escrever e editar tudo ao mesmo tempo, tudo no mesmo horário de domingo que ele saia pra segunda-feira, então eu ia pro estado, ia pra rádio a tarde, no começo da tarde, depois ia pro estádio, trabalhava na rádio, trabalhava como reportagem tudinho lá no estádio, depois voltava ia pra redação desse jornal, que a gente alugava uma sala, nessa redação escrevia tudo, selecionava algumas matérias, fazia várias páginas locais, várias páginas nacionais, selecionava tudo, títulos, fotos, era tudo desse jeito [...] (Entrevista com Gil Porto, concedida em 2021).

A sua múltipla posicionalidade dentro dos jornais indica um perfil de jornalista esportivo que precisou desempenhar diferentes funções dentro do campo jornalístico. De repórter até a editoria de esportes, de apresentador até à produção de programas televisivos marca uma carreira de um jornalista que se classificou como um profissional que “conseguiu” utilizar as ferramentas tecnológicas que compõem o trabalho profissional do jornalismo. Outro ponto que pode ser destacado é o seu percurso pelo rádio, pois a sua atuação no início de carreira no jornalismo radiofônico, mostra como era comum passar por esse meio de comunicação.

Classificando-se pertencente a uma “nova” geração de jornalistas esportivos, o acúmulo de funções revela que, por não ser especialista (com formação especializada), desempenhar diferentes papéis não necessariamente o diferencia muito dos jornalistas que se consideram da geração “clássica”, pois estes também aglutinavam várias funções simultaneamente. Dessa maneira, evidencia-se que acumular funções dentro do jornalismo esportivo é mais uma forma de afirmação do que uma diferenciação em relação aos antigos. Então nesse caso não se pode afirmar que o “novo” corresponde diretamente a uma nova formação de jornalistas especializados. A concentração de papéis caracteriza-se como um recurso relevante em um espaço em que as “fronteiras” não são definidas.

[...]então já comecei com o esporte, tô trabalhando com esporte até hoje, mas isso desde começo, mas trabalhando muito tempo também em jornalismo geral também faço jornalismo geral, então sempre fazendo isso aí, mas trabalhando com rádio, trabalhei em jornal também, já fui muito tempo repórter de jornal editor de esporte também, então já trabalhei em três jornais aqui, três grandes jornais, tive um jornal só de esporte, fiz isso também. Antigamente, que jornal dava alguma coisa, que as pessoas se interessavam mais por jornal, então eu tive um jornal só de esporte realizei esse sonho cheguei a realizar. Era um jornal 100 por cento de esporte então, fiz isso, muito tempo trabalhado, já trabalhei em sites também ao mesmo tempo disso tudo, sempre com rádio, sempre trabalhando, trabalhava com rádio, trabalhava com TV, trabalhava com rádio, trabalhava com jornal. Às vezes, já cheguei a trabalhar com os três ao mesmo tempo, rádio, jornal e televisão era vida de louco, era sem folga, sem dia nenhum que jornal só não trabalhava dia de sábado, mas eu trabalhava na rádio e na TV dia de sábado, e dia de domingo era dia de futebol, tinha que trabalhar, fazer transmissão, fazia programa, tinha programa

fim de semana então...[...] (Entrevista com Gil Porto, concedida em 2021).

Algumas questões levantadas no capítulo primeiro deste trabalho podem ser percebidas nesse trecho da entrevista deste agente, no que pese aos gêneros jornalísticos. Mesmo que sua entrada no jornalismo tenha sido através já de um setor específico (jornalista esportivo), destaca-se que isso não anulou que, em algum momento, “fazer jornalismo geral” seja um critério de excelência deste próprio campo. Outro ponto que merece destaque é o exercício do jornalismo, tanto da televisão como no rádio, o que informa que a televisão, não necessariamente, desqualificou o jornalismo esportivo radiofônico, como poderia se pensar.

Trata-se de um jornalista que iniciou a vida profissional antes de concluir o curso em jornalismo, o que implica dizer que não estava inserido enquanto uma figura já consagrada do jornalismo esportivo de São Luís. Ao contrário, os jornalistas aqui analisados, de duas gerações, como eu classifico, exercem funções dentro do jornalismo antes de concluir o curso superior ou até mesmo antes de iniciar um curso de formação. O que mostra que obter o título em jornalismo/comunicação, não é critério consolidado para a entrada neste espaço (PETRARCA, 2007).



(<https://www.youtube.com/watch?v=tZ81pE9THkg> acesso em 19 de janeiro de 2023).

Ressalta-se que o jornalismo esportivo no Brasil era dominado por literatos e/ou cronistas já consagrados, o que implica dizer que não se percebeu a inserção em vários meios de comunicação, ou tampouco o exercício de vários papéis para alcançarem “legitimidade” e “reconhecimento” enquanto jornalistas “esportivos”; ao contrário, a posição consagrada dentro da literatura os permitiu, sobretudo, escreverem sobre o futebol em diferentes momentos: do surgimento à consolidação deste esporte. Do mesmo modo, o saber sobre generalidades (que caracterizou notadamente a escrita de alguns literatos) indica, possivelmente, um trabalho fora das exigências e padrões de comunicação exigidos para atuação de jornalista nos diferentes espaços midiáticos.

[...]Eu fiz coisas diferentes também que aqui não tem mais, aqui no nosso jornalismo esportivo nos jornais que foi na Folha do Maranhão, comecei na Folha do Maranhão que era tabloide que os jornais são do tamanho grandão mesmo aqueles e eu



fiz o tabloide na Folha do Maranhão um jornal pequeno, não é o Jornal Pequeno, é um jornal pequeno chamado tabloide e aí, eu fiz e implantei isso lá na Folha do Maranhão[...] (Entrevista com Gil Porto, concedida em 2021).

Outro ponto que se destaca é a mudança nos formatos de produção de notícias esportivas. O tabloide, que é um jornal com formato menor do que o convencional, e com muitas ilustrações perdeu espaço no jornalismo esportivo da atualidade. Esses recursos demarcam como diferentes jornalistas se diferem pela utilização de ferramentas mais novas e mais “tradicionais”. O que implica em pensar o que caracteriza ou se define como o “novo”. Para Gil Porto, a definição de jornalista “novo” está fortemente ligada a “menos” esforço e à condição de mobilizar ferramentas da “internet”.

“Rapaz, os mais novos têm interesse só nas tecnologias, mas estão ficando mais preguiçosos tem esse detalhe, o pessoal tá muito acostumado eu tava até comentando ainda agorinha que o pessoal tá muito Control C/Control V, tá se acomodando muito. Se pegar um pessoal desse que faz hoje pra escrever jornal, eles não vão querer pra ter aquele trabalho, por exemplo, fazer um caderno de esporte pra um jornal? Se for botar ninguém se interessa, ninguém vai atrás. Tu bota uma pessoa que vai ser editor de jornal, ele vai fazer o quê? Ele não vai se interessar, aquela coisa, lei do menor esforço “ah, aqui só tem duas páginas no jornal, eu vou fazer só essas duas páginas, não vou procurar trabalho pra mim, até porque o salário não vai aumentar, ainda tinha esse detalhe, que quando eu fazia também, o salário não aumentou por eu fazer aquilo ali, se eu fizesse aquelas o salário seria o mesmo, se eu fizesse dez, quinze páginas, vinte páginas, o salário ia continuar o mesmo, então aumenta o serviço, mas não aumenta o salário. Então, as pessoas hoje em dia estão mais preguiçosas por conta da internet que é mais comodidade, quanto mais rápido fizer, menor esforço então eu tô achando que a nova geração tem um... Esse tipo de coisa, é um pouco preguiçosa, por causa da internet porque já tem tudo lá, acha mais fácil, até questão de pesquisa, até na escola mesmo já é natural as pessoas em vez de escrever, fazer alguma coisa ir atrás não, vão pesquisar no Google e acham um texto e acham que aquilo ali, às vezes modificam alguma coisa, e passa pra frente” (Entrevista com Gil Porto, concedida em 2021).

Ainda analisando a entrevista de Gil Porto, destaca-se um momento que muito colabora para a constituição de um espaço de disputa no jornalismo esportivo de São Luís. Ao se colocar como novo, ele demarca que é um “novo” que não é “acomodado”. Ressalta-se que o seu percurso no jornalismo esportivo, caracteriza um “sentido” no metier que o distancia de outros novos jornalistas. Quando perguntado sobre o que definiria um jornalista novo, pode-se observar que o entrevistado caracteriza o perfil de jornalista mais “novo” tomando a categoria “tecnologia” como principal divisor entre ambos. Por conseguinte, é colocada em evidência a expressão “preguiça” como uma representação sobre a geração mais nova. O segundo ponto que merece destaque é que o jornalista “novo” tomaria o salário como parâmetro para produzir notícias através de meios de comunicação mais “trabalhosos”. Segundo ele, a lógica de mercantilização se encontra mais presente entre os novos jornalistas esportivos.

Segundo ele, os jornalistas estão mais “preguiçosos” por conta da internet. O que implica dizer que a sua carreira, na origem, é demarcada por dificuldades obtidas no desempenho de seu ofício, como jornadas de trabalho extensas, acúmulo de funções e baixo salário. Não se pode negar que a narrativa se apresenta um tanto “romantizada”, pois se trata de elementos que o diferem de outros jornalistas esportivo igualmente que se consideram “novos”, mas que ingressaram ao jornalismo através de outros recursos. Evidencia-se que essas “dificuldades” legitimam o seu lugar no jornalismo esportivo.

Uma definição de jornalista mais “clássico” segundo Gil Porto:

Muita gente precisa se modernizar porque tem muita gente que ficou presa ao passado, acha que aquilo ali eu não vou aprender as novas tecnologias, eu vou ficar só aqui e isso é o suficiente pra mim, não, mudou... Hoje em dia mesmo quem é das antigas tem que se interessar pelas novas tecnologias, elas vieram pra facilitar mas muita gente fica preso naquela coisa de não querer entrar, é preferível, é tem muita gente que deixou de fazer e no meu caso eu procurei sempre não esperar pelos outros, por exemplo, trabalho em jornal, trabalhei em jornal por muito tempo quando era pra editar, o editor, sempre em esporte, eu trabalhei muito em esporte, sempre o esporte é em último plano e o que acontece, o esporte ficava sempre pra depois, o quê que eu fiz? Aprendi a editar, pra poder não

esperar pelos outros, eu mesmo ia lá e editava as páginas, no rádio a mesma coisa, em vez de ficar esperando o editor de áudio a fazer a editar aquela matéria, aquela reportagem, aquele áudio, aquela coisa eu ia lá e editava, aprendi a editar, sei editar e hoje eu edito muito aqui na rádio. Vídeo a mesma coisa, quando eu trabalhei... Ah, eu trabalhei na TV Meio Norte, tava esquecendo, quando eu trabalhei na Meio Norte, sofria muito por isso, a gente se irritava, ficava... Às vezes eu entrava no ar na TV sem saber o que ia colocar no programa, é que as matérias não estavam prontas, porque as pessoas, os editores, priorizavam as matérias do Jornalismo e a do Esporte deixa pra depois, sempre foi assim. Aí um dia eu cheguei lá, “rapaz, eu quero aprender a editar”, eu mesmo já editava todas as matérias, não esperava mais ninguém, então se o pessoal mais velho se interessasse por isso, seria bom, mas muitos estão presos ainda naquele passado que os avós, que é interessante no rádio, na TV, o interessante é só a minha imagem, no jornal é interessante só isso aqui, então mudou, hoje em dia todo mundo faz de tudo, quem for ficar, quem quer se manter no mercado tem que aprender de tudo, não pode, “ah, eu não sei usar o computador” “tu não sabe usar o computador”, tem muitos, tem muitos, muitas pessoas assim “ah, não sei usar, não editar, não sei fazer isso”, a pessoa tem que mudar completamente diferente, hoje em dia tem que saber um pouco de tudo, de tudo um pouco como eu digo no programa. (Entrevista com Gil Porto, concedida em 2021).

*“Muita gente precisa se modernizar porque tem muita gente que ficou presa ao passado”.* A própria percepção do que é jornalista “novo” e “antigo”, se apresenta de maneira contraditória em sua narrativa, pois ao mesmo tempo, o agente critica os usos de recursos tecnológicos, que afastam os jornalistas de recursos mais artesanais, e, em contrapartida, acredita que os antigos precisam aprender a lidar com essas mesmas novas ferramentas. Nesse sentido, o que pode está em jogo é a sua percepção de como essas ferramentas devem ser utilizadas. Nem podem ser descartadas, e muito menos podem ficar de fora do ofício. O que se pode perceber é que a parcela dos jornalistas esportivos maranhenses, considerados “tradicionais” / “antigos”, acreditam que não devem aprender novas tecnologias. Ele aprendeu a editar vídeo e áudio para não depender de “preferência”, pois o esporte é deixado para o segundo plano. O entrevistado destaca que era um “sofrimento” e uma “irritação” ter que esperar outras matérias do jornalismo. O perfil de jornalista esportivo antigo não tinha como prioridade aprender recursos tecnológicos. No

entanto, não aprender tecnologia na comunicação é um entrave para buscar vagas no mercado de trabalho.

O sentido dado à prática no jornalismo pode ser capturado a partir dos fragmentos acima. Os jornalistas que exercitam essa atividade através de ferramentas tecnológicas, não foram apontados pelo entrevistado com a mesma disposição para a produção no jornalismo, pois a “facilidade” que caracterizam as notícias (em sua propagação) produziu jornalistas esportivos “preguiçosos”, mas o que não se associa diretamente ao perfil antigo, pois o jornalista antigo tem preferência na maneira de produzir as notícias esportivas, priorizando a “imagem” em relação às técnicas de edição. Embora destaque ter conhecimento de ferramentas tecnológicas, a exemplo da edição, como um recurso indispensável para a entrada no jornalismo profissional na atualidade.

Outro destaque que é tomado para análise sociológica é qual é o lugar da notícia esportiva dentro do jornalismo geral, pois entre uma das motivações que levou o jornalista em foco a fazer um investimento no conhecimento “técnico” de editoração de “áudio” e “vídeo” é o lugar marginalizado que o noticiário esportivo ocupa. Quer dizer, outras matérias são classificadas como “mais relevantes”, logo precisam de editoração. Assim, aprender a editar foi colocada como um instrumento, também, de “diferenciação” para as publicações de notícias esportivas.

[...]Sempre o esporte é segundo plano, pode ir em qualquer área da comunicação, eu já trabalhei em todas, jornal, televisão, internet, sempre é assim, o esporte sempre é o segundo plano, não é o primeiro, não é prioridade nunca das emissoras aqui, nunca vai ser prioridade, nem nas emissoras e nem nos jornais nunca vai ser, sempre o mais importante é o jornalismo, e não o esporte, o esporte vem depois, sempre é assim qualquer área que for aqui sempre vai ser assim raramente, tu vai encontrar uma equipe só de esporte na TV, aquela pessoa que só trabalha naquilo ali, no rádio a mesma coisa, no jornal, então vai ser sempre assim, o fotografo, nunca ele vai fotografar primeiro do esporte, ele não vai lá e tiver uma outra pauta ali, ele vai priorizar aquela outra pauta, e depois o esporte vai ser depois, televisão vai ser a mesma coisa, então é complicado. [...] pode dizer mesmo ele te dando mais audiência que muitas coisas, mesmo assim ele não vai ser prioridade, nunca que até o dia que ver alguém tentar mudar

isso a cabeça daquelas pessoas em determinado meio de comunicação por enquanto não veio ninguém aqui a não ser cujo o ponto da vida comprasse uma emissora, que isso é raro de acontecer, chegar pro meu trabalho e querer comprar uma, a não ser quando eu tiver noventa anos, cem anos, aí já vai ser muito tarde praticamente, né, aí então é difícil, se um ... da vida assumisse uma direção, fosse dono mesmo era diferente, mas até lá vai ficar dependendo dos outros nunca vão dá prioridade pro esporte mesmo o esporte tendo mais audiência, principalmente no rádio aqui no Maranhão (Entrevista com Gil Porto, concedida em 2021).

O esporte enquanto tema jornalístico, em São Luís, ocupa um lugar “marginalizado” dentro do jornalismo. Isso é percebido pela ausência de um setor predominantemente “especializado”. O esporte não é prioritário nas pautas, nas confecções de imagens ou na produção de notícias. O jornalista em foco entende que “*sempre o mais importante é o jornalismo, e não o esporte*”. Tampouco o jornalista que se classificou como “esportivo” de maneira “secundária”.

As funções não eram fixas nem, muito menos, compensadoramente remuneradas. A maioria dos ‘cronistas’ trabalhava de graça, só para ter o ensejo de escrever em jornal, já que essa era a sua inclinação, e para poder, principalmente, defender o seu clube, porque, naquele tempo, tal como hoje, o ‘cronista’ tinha seu clube preferido, com a diferença de que, antes, àquela época, ninguém fazia segredo disso. Pelo contrário: eram comuns os escudos à lapela dos ‘cronistas’ e indispensável a sua presença nas comemorações dos triunfos. O redator profissional, mas que fazia da imprensa um simples ‘bico’, tanto podia ser ‘cronista’ de esportes no domingo, como redator policial na segunda-feira, crítico teatral na terça, repórter de rua na quarta, observador político na quinta ou – o que não era raro – tudo isso ao mesmo tempo. Não havia especialização (NEIVA, 1954, p.66 apud PEDROSA, 1968, p.9).

Dessa maneira, evidencia-se um paradoxo no próprio jornalismo em relação as suas dinâmicas. Pois no segundo capítulo desta tese procuramos discutir a ingerência da lógica mercantil no jornalismo. Sobretudo, por conta da “espetacularização” de eventos esportivo, em síntese: quanto mais audiência, mais lucro. Todavia, o esporte em São Luís foi descrito pelo jornalista, como uns dos principais temas no que tange a audiência, mas tal aspecto não corresponde a sua inserção entre as principais pautas.

Em outros Estado da Federação Brasileira, o enfoque dado pelos jornais locais está diretamente associado aos clubes de futebol e aos seus diferentes níveis de organização. A presença de setoristas, sites atualizados (que narram as atividades cotidianas), *redes sociais* e programas de sócio torcedor<sup>17</sup> são exemplos dessa dinâmica. Já em São Luís, não necessariamente se nota tais características, ao contrário, em visita feita à Federação de Futebol Maranhense (FMF), em 2021, constatou-se a falta de memorial e de documentos que revelam qualquer tipo de organização do futebol nessa cidade. Algo que se faz presente em outras instituições de futebol.

O segundo percurso estudado é o do jornalista esportivo Juracy Filho. O jornalista em destaque é filho de Juracy Vieira, um nome importante do radialismo esportivo maranhense. É graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e tem especialização em Jornalismo e Comunicação e Marketing.

A sua trajetória no jornalismo, assim como a do Gil Porto, se dá em coberturas e transmissões de jogos de futebol. Nesses primeiros jogos que celebram o início de sua vida profissional, destaca-se a performance de ser narrador e repórter “de pista”<sup>18</sup>. Trata-se então, de dizer que as funções dentro do jornalismo esportivo maranhense não eram separadas por qualquer critério escolar: especializações. Ao contrário, parte significativa dos jornalistas, já atuam no rádio, jornal impresso e TV antes de cursar o nível superior. Essa característica está diretamente relacionada com o perfil de jornalista da geração antiga. Não se percebe um critério bem definido para a entrada no jornalismo. Tanto os novos como os antigos atuam antes mesmo de se graduarem.

---

<sup>17</sup> “Nos jogos como mandante, os clubes geram receita de bilheteria, embora tenham que arcar com um custo elevado pela operação do evento. Portanto, em geral, há um número de público mínimo abaixo do qual os clubes geram prejuízo. Os programas de sócio-torcedor da maioria dos clubes estão principalmente orientados para a venda antecipada de ingressos e prioridade na compra por parte dos associados em partidas com grande procura. Portanto, é costumeiro consolidar as receitas de bilheteria com as receitas do programa de sócio-torcedor como se fossem uma fonte única” (Nakamura, W. T., & Cerqueira, S. de A., 2021, p.3)

<sup>18</sup> No jornalismo esportivo, o repórter de pista é o jornalista que lida com o dia-a-dia dos clubes. Cobrindo os principais fatos que envolvem os jogadores e os seus dirigentes.

O mercado de trabalho ainda é classificado por ele como mais “exigente” e precisava-se de mais “qualidade” do que na atualidade. Hoje então, para os jornalistas entrarem no mercado de trabalho seria mais “fácil”. No entanto, quando perguntado se ele poderia ser classificado com um perfil de jornalista “clássico”, ele diz que não. Seria da nova geração do jornalismo esportivo maranhense.

Não, não, não, não! Me considero integrante de uma nova geração. E por quê que eu me considero um integrante da nova geração? Porque, Hailton, o Rádio desde o seu primórdio... Você deve ter estudado isso. O Rádio é o pai da Televisão. O Rádio, era muito artesanal, o Rádio era muito de improviso. E alguns profissionais não entenderam a mudança da sociedade e a transformação do veículo que ele estava passando com o advento da internet. Então hoje, se fazer o rádio tá mais fácil do que fazer o rádio de antigamente. Antigamente você tinha repórter que pegava ficha ali pra fazer uma participação e ele usava o orelhão na rua, metia a ficha no orelhão... Ele andava com um monte, um pacotão. A gente tinha repórter aqui como Tony Castro, Denir Cabral, saudosa memória de todos os dois, que andavam na rua com um monte de ficha, hoje você anda na rua com um celular, você fala de qualquer maneira, você fala de qualquer lugar instantaneamente. Então, o rádio de hoje não é um rádio que tem que ser de improviso. Eu costumo dizer pros meus estagiários, pros colegas onde a gente tem a responsabilidade de formação por eles e pelo trabalho que eu faço já passaram Afonso Diniz, já passaram João Ricardo que hoje estão na Mirante. E eu sempre disse que os profissionais estão muito acostumados a sair do rádio, pegar o microfone pra falar. Não deve funcionar dessa maneira. O rádio tem que ter planejamento, entendeu? Pra você fazer um programa você precisa pensar no que vai falar e não falar aquilo que pensa o que está na sua cabeça. Então eu me considero muito fora desse modelo que respeito, foi o modelo inicial de precursores, eles tiveram uma grande participação na construção do Rádio. Hoje não é apenas improviso! Como todo mundo pensa. Tá entendendo? O Rádio é um veículo que continua poderosíssimo com uma audiência avassaladora ainda e formador de opinião mais do que nunca. Porque você pega hoje as pesquisas, XP Pesquisas, você pega o Ibope, você vai ver que 89% hoje quando se fala “qual é o veículo de maior credibilidade?”, a XP fez isso, o Ibope fez isso... “Qual o veículo que você acredita quando você vê ou ouve uma notícia?”, o Rádio. Você vê muito nas redes sociais, mas você não acredita. Mas quando o Rádio informa as pessoas acreditam. Então hoje, mais do que nunca, o profissional do Rádio, ele precisa se reinventar porque o mercado tá pequenininho, as vagas são pra poucos e que esses poucos precisam estar

muito preparados pra fazer suas funções se não vão ser engolidos pelo mercado (Entrevista com Juracy Filho, concedida em 2021).

Ele se considera da nova geração de jornalista esportivo por que na mudança de rádio para a televisão, o conhecimento de novas ferramentas passou a ser estruturantes no jornalismo. O exemplo dessa transformação é que antes, jornalistas usavam “fichas”, e na atualidade o celular é a ferramenta mais mobilizada. Destaca-se que o modelo do jornalista que começa pelo rádio e não pela televisão, é de performance mais “artesanal” e de “improviso (válido para o jornalismo de maneira mais ampla), e tem mais credibilidade. No novo espaço de transmissão e de produção de notícias (d)esportivas, nota-se pouco improviso e maior “normatividade” no exercício do jornalismo esportivo. Os usos de ferramentas tecnológicas, sobretudo a internet, são realçadas como uma das “fronteiras”, segundo o jornalista estudado, para se classificar como “novo” ou “antigo” no meio jornalístico. A representação sobre o tecer no jornalismo, através deste entrevistado, vai ao encontro das “rupturas” com o tipo de jornalismo de “improviso” que marcou a produção de notícias esportivas no século passado. Contudo, frisa-se que o “improviso”, enquanto categoria de “(des)classificação” social, é objeto de disputa pelos princípios “legítimos” no novo perfil de jornalistas esportivos e da produção de notícias.





(<https://www.blogsoestado.com/zecasoares/tag/juraci-filho/> em 19 de janeiro de 2023)

Chama-se a atenção para a “perda” de autonomia da produção de notícias esportivas no novo jornalismo. A performance de jornalistas esportivos na televisão está atrelada a uma estrutura hierárquica, composta por quem organiza as pautas, a edição, o “tempo”, a seleção dos participantes e o que pode ou não ser debatido ou noticiado. Dessa maneira, o não “improvisado” coloca os jornalistas em outro nível de relações de poder.

São jornalistas, como eu te falei anteriormente, que tem uma contribuição fantástica, mas talvez eles não tem tido oportunidade de se adaptar aos meios tecnológicos. Muitos tem dificuldades com os meios tecnológicos e esses meios tecnológicos hoje – o WhatsApp, o Google Meet, Zoom – muitos não participam e aí praticamente acaba expurgando, e

acho que até de uma forma errônea que deveria Sindicatos, entidades, deveriam ter um zelo maior por tudo aquilo que eles representarem. E o quê que a gente vê hoje? A gente vê que eles estão fora do mercado porque se avançou tecnologicamente, mas ninguém teve a preocupação de formá-los nesse novo momento. Então se perde muito daqueles valores que se tinha no passado que era da voz, que era da impostação de voz, que era do timbre de voz e tudo isso hoje perdeu muito de seu sentido porque a voz hoje tem uma câmara de eco, uma Bering por exemplo que ela faz se tua voz é grossa ela afina, ela diminui se ela tá grave, então o que era critério antigamente pra você entrar no Rádio hoje não é mais, entendeu? Então eles estão muito fora do mercado, existem grandes profissionais aí do passado que estão fora do mercado por não se adaptar a essas tecnologias, infelizmente.

A comunicação mudou! Você tem uma comunicação globalizada e não é de hoje, já há algum tempo. Então o profissional, ele precisa estar em constante mutação. Se ele não tiver a consciência em que ele precisa ter uma preparação sempre adequada, ele precisa ter no seu seio a condição de sempre buscar estudar, se preparar melhor, se relacionar melhor com os jovens... Porque há em linhas gerais uma certa dificuldade entre o profissional que é mais ativo e o profissional que é mais novo. Ele sempre trata o mais novo de menino, tá entendendo? Ele trata de inexperiente. Quando aquele profissional mais novo tecnicamente tá muito mais bem preparado. Falta a ela o quê? A experiência de lidar com muitas situações, de muitos temas que esse profissional mais experiente já passou por essas situações e bem. Então o ideal é que você pudesse mesclar essa juventude com essa experiência, entendeu? Se a gente consegue fazer isso, a gente consegue ter uma qualidade maior, porque embora façamos – eu me considero fazer parte dessa geração nova de bons profissionais. A gente não pode abrir mão da experiência. A experiência, ela é fundamental. Ela não pode ser mal utilizada porque se a experiência é mal utilizada, ela se torna um farol aceso pra trás. Entendeu? (Entrevista com Juracy Filho, concedida em 2021).

No caso no jornalista em foco, novamente o “novo” se apresenta com certas tensões, pois ele se considera o “novo experiente”. Ele é o jornalista novo por conta de utilização de tecnologias, mas muitas “situações” vivenciadas dentro de sua trajetória profissional o fizeram “experiente”. Certamente essa categoria se apresenta como forte divisor entre os jornalistas que se consideram de uma nova geração.

Essa nova demanda de tecnologias e ferramentas são evocadas como critérios na classificação do “novo”, porém, quando se toma o esporte dentro do

campo jornalístico mais amplo, destaca-se que o jornalismo esportivo ocupa um lugar de “marginalidade” no Brasil, sobretudo no Maranhão. Isso é evidenciado, quando se analisa o jornalismo esportivo maranhense (na atualidade), pois quanto mais se recua ao tempo, mais se percebe a existência de uma “estrutura” profissional para o exercício do jornalismo. O que está relacionado com a representação de um ofício com moldes ao estilo “clássico”. “[...]Eu transmiti o jogo com quatro produtores, com quatro operadores... Quatro produtores! E nenhuma emissora de rádio aqui tem produção pra narração esportiva. Você sabia disso?” (Trecho retirado da entrevista com Juracy Filho, concedida em 2021).

Olha, a gente vive uma draga terrível no Jornalismo Esportivo do Maranhão. E por quê que você tá falando isso, Juracy? Nós tínhamos cerca de 5 ou 6 emissoras de rádio, me ajuda aí a lembrar. Rádio Difusora, AM, fazia esporte, acabou. Ela migrou pra FM e não faz mais futebol. A Rádio Capital 1180 AM fazia futebol, trabalhei lá durante 15 anos, trabalhei na Difusora durante 5 anos, fazia futebol, ela fechou. Não faz mais. Você tinha a Rádio Educadora até pouco tempo, eu trabalhava lá, trabalhei 5 anos e fazia futebol, não faz mais. Só aí são três, né? Você tinha a Rádio São Luís AM 340 fazia futebol, não faz mais e acabou, são quatro. Hoje você tem Mirante, você tem Timbira. Pra você ver: quatro veículos que acabaram, que não fazem mais esporte. Então antigamente você tinha uma estrutura de Jornalismo Esportivo bem melhor do que a de hoje por incrível que possa parecer. Mesmo levando-se em consideração a tecnologia que nós temos hoje que não tem comparação com o passado, não é? Mas tinha redator, tinha produtor, tá entendendo? Tinha o chefe da equipe, tinha reunião de pauta... Hoje não se tem mais nada disso. Hoje é apenas uma equipe e cada um vai e faz ao seu feitio, à sua linha profissional vai pro ar. Por isso que eu te digo que falta muito pensamento, falta muito planejamento, e falta recursos financeiros. Hoje o mercado é um mercado pequeno e aí o que aconteceu? Houve um empobrecimento do Jornalismo Esportivo do Maranhão. Porque até em nível de concorrência caiu muito. Você tem uma emissora pública que é a Timbira, da qual eu fui inclusive diretor durante 6 anos e você tem a Rádio Mirante. Entendeu? São as duas emissoras que estão aí hoje fazendo esporte, as demais não. Então o mercado tá ínfimo e no que ele diminui, ele diminui em todos os aspectos na minha opinião. Ele diminui na qualidade do Jornalismo, ele diminui na sua condição de cobrar... Antigamente se cobrava mais do esporte, hoje... A linguagem do esporte. Hoje a estrutura da cobertura, a gente nem pode falar muito que é Jornalismo Esportivo, eu não considero. Jornalismo Esportivo é você estar

com um repórter lá dentro da sede do clube. Hoje por uma questão da pandemia, não. Mas antigamente, há uns dois anos atrás, o repórter já não tava indo mais e a gente se acostumou a ter um repórter do Sampaio, um repórter do Moto, um repórter do Maranhão, cobrindo o dia a dia onde era produzido o material que ia pros programas de rádio e aí o comentarista fazia uma análise, o âncora do programa discutia, levantava os temas. E hoje você vê com esse novo formato tecnológico, o clube produz e aquilo que ele produz ele coloca no WhatsApp. Facilita? Facilita. Mas é a informação que vem do clube, não foi uma informação pesquisada, apurada como o verdadeiro Jornalismo. Então nós perdemos muito em qualidade na minha opinião. (Entrevista com Juracy Filho, concedida em 2021).

Em sua passagem pela Rádio Educadora, o jornalista diz que “fazia futebol, não se faz mais”. As informações eram apuradas e busca-se a qualidade. Em sua percepção esse tipo de jornalismo era “verdadeiro”. O que legitimou o jornalismo esportivo no Brasil foi futebol (DAMATA, 1994; LOPES, 1994). É muito recente que outros esportes passaram a se fazerem presentes no jornalismo esportivo. Os programas de televisão tomam o futebol como principal objeto de debates.

Essas transformações e especializações de papéis no jornalismo esportivo, incidiram diretamente da própria percepção do jornalismo, na visão do entrevistado. Quando perguntado sobre a “modernização” do jornalismo esportivo, nota-se que a ideia de “setorização” da notícia esportiva contribuiu para o “novo” jornalismo. Essa dinâmica é caracterizada, quando cada clube (sobretudo de futebol) tem um repórter para noticiar de maneira “exclusiva” a rotina de um clube. O que difere do tipo de jornalista e de repórter de “beira” de gramado, que constrói a informação durante a transmissão dos jogos. Atualmente, durante os jogos, as informações sobre a rotina já são apresentadas durante a narração dos jogos dos clubes. Os clubes de “maior expressão” apresentam tais profissionais, por questões econômicas e de quantidade de seguidores/torcedores. Por outro lado, em estados com “baixo” investimento na produção de notícias esportivas, geralmente o “setorista” é responsável por gerenciar a notícia de mais de um clube, por exemplo, no Maranhão.

O jornalismo esportivo praticado na atualidade, se desenrola a partir de eventos esportivos que atraem multidões. O esporte como indústria cultural modificou e produziu efeitos na atuação do jornalismo, a ponto de promover especializações que não necessariamente fariam parte deste espaço. O papel de denúncia, por exemplo, que caracteriza o ofício jornalístico, no esporte, perdeu força, pois as pautas se desenvolvem a partir da relação com a produção do entretenimento (ADORNO & HORKHEIMER, 1985). A espetacularização do esporte incidiu diretamente na formação de novos jornalistas, pois os instrumentos “válidos” para essa dinâmica envolvem alcance em pouco tempo a muitos espectadores. O que só se pode observar, no tipo de jornalismo que acompanhou os recursos tecnológicos.

A especialização então estaria mais relacionada às demandas mercadológicas do que propriamente ao exercício genuíno do trabalho jornalístico. Assim, ressalta-se que o perfil de “novos” jornalistas se encaixam nessa dinâmica do esporte enquanto “espetáculo”. Por outro lado, quando se volta ao século passado, os próprios literatos que escreviam sobre os esportes, tinham a marca de uma escrita, que expunha notadamente, problemas de ordem social (TOLEDO, 2012). O que raramente aparece na atuação do jornalismo esportivo maranhense e do Brasil. Nesse sentido, as pautas “legítimas”, erigidas a partir das transformações tecnológicas e de especializações de saberes dentro do jornalismo, são caracterizadas como um ato endereçado para a própria manutenção de uma “*doxa*” que se diz diferente de um sentido “clássico” de jornalismo (BOURDIEU, 2011) o que por conseguinte, produz novos perfis de jornalistas. São mudanças que mutuamente se reforçam dentro dessas competências.

“Deixa eu deixar bem claro pra você: na minha opinião e por tudo que eu vivi na minha vida profissional, principalmente lá fora, eu aprendi que a gente não deve fazer diferenciações entre Jornalismo, não existe quando você se forma... Você não se forma pra ser jornalista esportivo, você se forma pra ser jornalista. Então você faz polícia, você faz esporte, você faz cultura, você faz política... Você tem que estar preparado pra isso! Entendeu? Você pode se especializar em Jornalismo Esportivo, entendeu? Eu sou especializado em Jornalismo Esportivo, mas por força de mercado e de condições nem dá

pros que estão iniciando agora fazer isso. Vão morrer de fome! Porque paga muito mal o Jornalismo Esportivo. Entendeu? Paga muito mal. Então hoje o que se vê por conta dessa questão, desse impacto financeiro e econômico dentro do Jornalismo Esportivo, o que se vê hoje são coberturas esportivas<sup>19</sup>. O Jornalismo Esportivo é aquele que apura, é aquele que denuncia, é aquele que mostra a realidade, que se você for analisar quantos jornalistas esportivos hoje, mostra a realidade do que tá acontecendo, aí você vai saber muito bem o que eu tô falando. São poucos que mostram essa realidade. Poucos que mostram como a federação daí de futebol onde o presidente começou um trabalho como interventor, ele fez uma eleição pra ele mesmo ficar como presidente se perpetuar até hoje. Recebe um mensalão de 100 mil reais e um salário de 15. E o quê que ele faz em relação ao futebol? O futebol do Maranhão tá falido. O Sampaio é uma exceção! Uma exceção que tem um presidente lá bom pelo clube principalmente, que faz algumas coisas certas, outras erradas, mas ele consegue levar o Sampaio à Série B, que é uma divisão importantíssima. Mas se você tirar hoje o Sampaio, esquece um instante o Sampaio, faz de conta que ele não está na Série B. Qual a dificuldade do futebol do Maranhão? É o Moto caindo aos pedaços, é o Maranhão que tá na Série D, é o Imperatriz que caiu da C e tá na D hoje, está na última colocação do Campeonato Maranhense ameaçado de rebaixamento. É um Viana que deixou de existir, é um Pinheiro que está aí porque a prefeitura banca. Na hora que o prefeito que está no cargo deixar o cargo, acaba o time... Essa é a realidade! E ninguém discute isso com amplitude, ninguém discute isso de forma democrática, ninguém faz um seminário pra discutir esses problemas todos do futebol. Não se tem! A gente denuncia. Eu denuncio. Eu mostro a realidade, mas são duas, três vezes que estão falando isso. Os outros que por força – eu até entendo – econômica e financeira, de se manter no mercado, de ter o que fazer, de ter uma profissão, acabam silenciando. Isso pra mim não é Jornalismo” (Entrevista com Juracy Filho, concedida em 2021).

No Brasil se pode notar uma dinâmica sobre as federações de futebol (que organizam tanto regionalmente como nacionalmente os esportes) nos postos de comando. Geralmente os presidentes mantêm mandatos de longa duração, mesmo com a existência de processos eleitorais. No maranhão a lógica é semelhante, os últimos dois presidentes da Federação Maranhense de Futebol passaram por um período extenso na ocupação máxima desta

---

<sup>19</sup> “[...]A cobertura esportiva na televisão é um produto que foge ao conceito de jornalismo tradicional porque incorpora marcas identitárias muito fortes ao entretenimento, porém, sem deixar de ser jornalismo, e a noticiabilidade é constituída a partir da complementação entre o que identificamos como valores jornalísticos, de um lado, e como estratégias de mobilização da indústria do entretenimento, por outro” (SOUSA, 2005, p.140).

instância, no entanto, os clubes de futebol deste estado pouco conseguem êxito por falta de patrocínio, por exemplo. Esse fato que foi narrado por alguns entrevistados não é muito divulgado nos meios de comunicação local. O entrevistado Juracy Filho, reivindica ocupar esse lugar de jornalista de “denúncia”, que seria a atividade por excelência do jornalista.

“Oh Hailton, tem sim, tem sim. Melhor você ser presidente de uma federação do que ser presidente da república. Você tem menos trabalho sendo presidente de uma federação porque se a própria imprensa não faz a cobrança por não fazer um jornalismo adequado, esportivo. Porque se faz um Jornalismo Esportivo, você mostra – como eu mostro todos os dias - a realidade do futebol daqui. Todos os times de futebol do Maranhão tá falido. E aí quem tá na frente da federação acha que é “ah, o Juracy é problema pessoal porque ele não gosta de mim”. Não. Não tem problema pessoal. Meu problema é: conhecer a história do futebol, conhecer a história da Comunicação e saber que nós da Comunicação estamos a cada dia vendo veículos fecharem porque a gente não consegue hoje patrocínio, porque quando se vai em busca de patrocínio o patrocinador diz assim pra mim, já cansei de ouvir isso: “eu vou patrocinar porque você é o cara que eu gosto de ouvir, eu vou patrocinar por você”. Eu falei: “não. Espera aí, você vai patrocinar porque eu vou divulgar o teu produto. Não pode ser assim.”. “Não, Juracy. Mas futebol tá tão falido, futebol tá tão sem moral. Esse futebol... falta ambulância num estádio de futebol, aí não tem um jogo porque falta iluminação, não tem um jogo porque a ambulância não chegou a tempo...”. Tem uma máfia agora em relação a loterias, jogos... Participação de jogadores agora vendendo resultados e tudo. E tudo isso acaba denegrindo a imagem do futebol e muita gente se cala, não fala por uma questão até de sobrevivência no mercado. Então esse jornalismo que denuncia, esse jornalismo que mostra a realidade, a gente tem em poucos veículos e em poucos profissionais o exercício dele. Se ainda tivéssemos hoje como era antigamente, na época do meu pai, onde as denúncias eram maiores, onde a crônica esportiva mostrava mais a realidade de perto, a gente já teria mudado muita coisa do que está aí. Então o quê que acontece? O presidente da federação está há 10-11 anos, o que saiu tava 25 anos. Esse vai passar 25 a 30 anos também. Por quê? Apesar de ele não entender nada de futebol. Por quê? Porque pra ele um advogado que como advogado ele não ganharia o que ele ganha hoje. A CBF manda, Hailton, 100 mil reais de mensalão. Por quê que a CBF manda isso pra federação? Pra cada federação ficar calada e você ter vice-presidente, você ter presidente de federação que não pode nem viajar, porque se pegar um avião indo daqui pra Bolívia ele é preso no voo. Então você tem o apoio de todas as federações, não dizem

nada, ó. Caladinho porque recebe seu dinheiro da CBF. E a gente não pode ser jornalista e ficar calado”.

Ainda sobre característica de um jornalismo de “denúncia” o entrevistado diz não possuir vínculos que pudessem interferir diretamente nesse estilo jornalístico. A maneira como é colocada por ele, percebe-se que existe uma ruptura com outros estilos de jornalismo esportivo que buscam relacionar a atividade com demandas econômicas. Então a “denúncia” aparece como uma categoria de “distinção” no campo jornalístico. No entanto, pela própria definição do agente como sendo de uma geração “nova” de jornalistas esportivos, a sua atuação parece se aproximar de um jornalista clássico, no sentido de ter uma relação com aquilo que seria a atuação reconhecida dentro do campo jornalístico – a de revelação e de denúncia. Assim, essa posição demarcada por ele nessa arena trouxe dificuldades na participação de eventos e de debates esportivos no Maranhão. Em determinado evento que foi convidado, usou a fala para questionar o orçamento de uma competição. Segundo ele, a censura foi imediata. [...] *“Rapaz, causou um mal estar muito grande porque não era pra ser perguntado, não tava no script, entendeu? Aí como a gente não é atrelado a A, C ou D... “Juracy, mas essa não é a pauta da reunião.” “Ah, eu tenho que ser censurado aqui?”. “Não, nada disso. Mas não é a pauta da reunião.”. (Entrevista com Juracy Filho, concedida em 2021).*

Analisando outro perfil, o jornalista entrevistado, João Ricardo, percebe como se deu a profissionalização do ofício, bem como o desempenho de papéis no jornalismo e sua afirmação neste espaço.

O jornalista esportivo João Ricardo desempenhou o seu primeiro trabalho no jornalismo dentro do jornal “O Debate”. Foi para a área da comunicação de conteúdo na Faculdade São Luís, atualmente chamada de Faculdade Estácio. No início no jornalismo, João começou a atuar na atividade de “diagramar”<sup>20</sup>. Era um estagiário ou “profissional da diagramação”. Além, de diagramar, ele passou a escrever pequenas notas. Foi do jornal “O debate”

---

<sup>20</sup> Funcionário do jornal responsável por organiza a forma do jornal, colocando os textos, fotos, manchetes, legendas e outros itens no seu devido lugar.



para o jornal “O Imparcial” e, posteriormente, para a TV Mirante. Também trabalhou na TV TIMBIRA, onde conheceu o jornalista Juracy Filho.



(<https://globoplay.globo.com/v/11214372/> site visitado em janeiro de 2023)

No jornalismo esportivo ele se intitula como repórter, contudo, no site em que ele trabalha, é identificado como “redator” (é o repórter quem escreve, apura e coloca no ar). Destaca-se assim, como nas outras entrevistas, o acúmulo de funções assumidas pelos jornalistas na entrada no campo jornalístico.

“No Jornalismo esportivo eu sou repórter, assim o GE, o ponto com (.com) a gente é identificado como redator, é o repórter quem escreve, apura, coloca no ar. Aí, tem a TV eu sou repórter e apresentador às vezes no Bom Dia, no Globo Esporte sou apresentador, na Mirante AM eu sai por enquanto da cobertura do Moto Clube setorista, mas pode ser que eu volte daqui a pouco. Sair porque tem tanta coisa, pra dar uma desafogada aqui, mas na rádio, redator, na TV, repórter, apresentador e eu quero ainda, não sei se Deus quiser isso pode acontecer, tem a participação como comentarista vez por outra, mas eu quero narrar, futuramente é um projeto que eu tenho uma coisa bem pessoal, narrar não sei se pra Rádio ou

pra outros veículos como em streaming já é uma realidade transmissão via internet. É uma coisa eu não sou, mas eu almejo” (Entrevista com João Ricardo, concedida em 2021).

O jornalista João Ricardo se considera pertencente a uma nova geração de jornalistas esportivos do Maranhão. No seu entendimento, o elemento que separa os novos dos antigos é a “idade”. A idade demarca a sua representação do que poderia se chamar de “novos” jornalistas. O que se diferencia dos demais entrevistados, que acionaram as ferramentas tecnológicas, inicialmente, como divisor entre os dois grupos. Em sua representação sobre antigos e novos, a concorrência não se dá uns em relação aos outros, mas sim em relação às pessoas “sem informação”, que divulgam informações. A internet e as redes sociais seriam os meios por onde tais informações de cunho não profissional são produzidas e promovem um “curto-circuito” nas notícias ligadas aos esportes, sobretudo. Fazer parte da nova geração, em sua concepção, é não ter “[...]aquela quase exclusividade de companheiros de antigamente. Eles (os jornalistas antigos) tinham o rádio como companheiro quase único, rádio e tv de formação, hoje a gente concorre com pessoas que não são habilitadas para fazer jornalismo, mas que se dispõe a informar de qualquer forma[...] (Trecho de entrevista com João Ricardo, concedida em 2021).

Então, hoje a gente tá em outro contexto a gente tem essa concorrência, eu posso falar concorrência porque o pessoal gosta muito de receber informação rápida em grupos de WhatsApp, por exemplo, em Redes Sociais e muita gente se informa infelizmente por manchete e é um trabalho árduo e de conscientização hoje, não é só um trabalho de levar informação puro e simples, é um trabalho de conscientização e dizer pra pessoa: olha, informação é importante o conteúdo tem que ser bem apurado e você tem saber se informar. Então, faço parte de uma nova geração que tá aprendendo assim como o Jornalismo, o Mercado e várias outras áreas, aprendendo a como se adaptar e como se posicionar da melhor forma possível nesse meio imerso na internet, cara. Porque a internet é uma coisa que ninguém ainda conseguiu dominar, quem consegue ter dois, três por cento de conhecimento e como manobrar a internet, acaba se destacando em qualquer área profissional (Entrevista com João Ricardo, concedida em 2021).

Outro entrevistado foi o jornalista esportivo Rodrigo Anchieta Barbosa. Nascido na década de 1980, e com ensino superior completo em Rádio e TV pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Rodrigo começou sua trajetória no jornalismo como estagiário, na Rádio Universidade da Ufma. Já no jornalismo esportivo, também iniciou como estagiário na equipe da emissora Rádio Capital Am. Já atuou como repórter e apresentador de programas de rádio. Quando perguntado se pertence a uma nova geração de jornalistas esportivos:

“Sim. Pela abordagem do assunto. Acredito que venho com uma nova forma de falar sobre o assunto e mais atual e adequado com o momento que estamos vivendo. A linguagem utilizada também é algo diferente dos mais antigos. E isso percebi por trabalhar com uma geração que está há mais tempo trabalhando com o esporte. (Entrevista com Rodrigo Anchieta, concedida em 2022).

Evidencia-se que o critério utilizado para caracterizar jornalistas em perfis “atuais”, está relacionado diretamente como a linguagem que se manifesta. Em outro momento, a geração “antiga” aparece com uma linguagem “muito boa” e “muito relevante”. A mudança na atuação dos jornalistas esportivos parece definir os perfis na visão dele;

Sim. A linguagem e a forma de atuar e abordar o assunto mudaram. Hoje temos características que vão além de apenas falar sobre o esporte. Hoje temos mais ferramentas que nos oferecem muitas informações e isso ajuda e muito. Números, estatísticas e outras coisas do tipo estão muito mais presentes que antes e isso é uma diferença das antigas gerações. (Entrevista com Rodrigo Anchieta, concedida em 2022).

O jornalismo esportivo maranhense, dentro do jornalismo é tido como “um campo bem pequeno. Tem melhorado, mas o espaço ainda é bem pequeno e merecia ser muito mais valorizado”. Isso faz com que as referências da nova geração estejam no formato de jornalismo esportivo praticados no eixo sul-sudeste. Para ele a missão do jornalista esportivo é “melhorar” o esporte em que se atua.

A única mulher entrevistada é a jornalista Maysa Rodrigues. Nascida na década de 1990, os seus pais possuem formação superior escolar por universidades públicas. Seus primeiros estudos e o ensino médio, foram cursados em escolas privadas. Ainda com o curso superior em comunicação em andamento, a sua atuação se concentra na produção e coapresentação de programa esportivo, além de ser setorista de um time de futebol da capital maranhense. A sua entrada no jornalismo e, por conseguinte, no jornalismo esportivo se deu através de processo seletivo.

Durante a pandemia, decidi que não faria o ensino a distância por N fatores. Diante dessa realidade, eu sabia que não poderia ficar parada e atrasar a minha formação, decidi então começar a estagiar e entrei de maneira voluntária no jornalismo da Rádio Universidade FM. Trabalhei por um mês como voluntária e logo fui chamada para uma vaga como bolsista na rádio. Nas eleições para prefeito de São Luís, realizei um trabalho em parceria com a rádio Timbira e soube de uma vaga para estágio na rádio. No processo seletivo produzi uma matéria sobre o jogo Sampaio e Ponte Preta, o que chamou a atenção do coordenador de esportes Heraldo Moreira. Participei de uma seletiva presencial com o mesmo e desde então faço parte da equipe de esportes da Rádio Timbira, como estagiária (entrevista com Maysa Rodrigues, concedida em 2022).

De início destaca-se a modalidade de entrada no jornalismo esportivo. A maioria dos pesquisados iniciaram suas trajetórias dentro do jornalismo através de laços de amizade. Nesse perfil analisado, dois momentos fogem à regra dos demais. O primeiro ponto está relacionado com um “processo seletivo” para entrada na rádio Timbira. O que já é um indício de transformação no processo atual de recrutamento de jornalistas. O segundo está ligado ao estágio “voluntário”, pois em alguns casos aqui apresentados, havia o exercício de outra ocupação paralelamente ou concomitantemente ao papel jornalístico. O que implica dizer que este perfil pode ser caracterizado um pouco mais pela sua raridade do que pela sua regularidade. Essa jornalista não se considera especialista no jornalismo esportivo por que além de estar cursando comunicação, não detém cursos em áreas específicas.



Pertencente a uma nova geração de jornalismo esportivo maranhense, uma das principais causas salientadas para se encaixar nesse perfil foi “observar uma nova maneira, e principalmente uma nova linguagem”. O perfil de geração mais antigas são retratadas por não apresentarem, segundo ela, “muitas inovações”. Destaca-se outra mudança em relação ao modo de atuação no jornalismo esportivo. Na atualidade, o que mais acentua essa diferença “é a relação dos jornalistas com os clubes. Observo muitos jornalistas que tem uma relação quase visceral com os clubes, o que acaba por minar a imparcialidade”.

A estrutura tecnológica para o exercício do jornalismo esportivo se apresenta de maneira mais evidente na região sudeste. O jornalismo esportivo no maranhão foi caracterizado pela jornalista como “marginal”. Nos grandes centros, com mais investimentos, a produção de notícias esportivas aparece como um campo já consolidado. Por outro lado, em estados como o do Maranhão, destaca-se que o jornalismo esportivo não é prioridade. Nessas condições, o principal “sentido” dentro do jornalismo, segundo ela, seria “informar o torcedor sobre as informações não só do seu clube, mas também sobre federações que impactam diretamente sobre isso

#### **CAPÍTULO IV- O “Clássico” contra o “Novo”: modalidades de intervenção e estudo de perfis**

Neste último capítulo temos o objetivo de traçar e comparar duas trajetórias de jornalistas esportivos do Maranhão que traduzem a problemática de pesquisa dessa tese de doutorado. Gaudêncio é um jornalista esportivo que está dentro do que consideramos pertencente à “nova” geração de jornalistas esportivos de São Luís. A escolha do jornalista Gaudêncio é justificada por ser por apresentar informações de sua trajetória profissional que possibilita apreender o deslocamento nos sentidos que este espaço sofreu à inserção de ferramentas tecnológicas na comunicação, que por um lado, é distintivo (no sentido de separar perfis “novos” e “antigos”), e por outro é o que afirma o seu reconhecimento em relação aos pares.

Outro ponto que se destaca foi a possibilidade de coletar informações durante a entrevista, e também por acompanhar uma participação em uma faculdade privada de São Luís, onde o agente estudado falou sobre o jornalismo esportivo em São Luís e sobre o desafio de ser considerado “novo” nesse espaço. Nessa participação, foi possível obter informações sobre o seu percurso profissional e de sua atuação juntamente ao jornalismo esportivo.

Já o jornalista esportivo Lima Barreto, foi selecionado por ser um jornalista que se encaixa no modelo de jornalista esportivo “clássico”, um dos percussores no jornalismo esportivo do Maranhão, e com uma gama de informações disponíveis sobre a sua trajetória socioprofissional. Presente em diferentes espaços de consagração, e com diversos livros publicados, este jornalista colaborou para a produção intelectual do jornalismo esportivo no Maranhão. A temática nesse estado apresenta poucas fontes de dados. Sendo assim, ao construir o seu perfil, toma-se como objetivo analisar uma de suas obras que é tomada como referência quando se pensa na história do jornalismo esportivo no Maranhão.

O jornalista Carlos Alberto Lima Coelho nasceu na cidade de São Luís, na década de 1940. Filho de uma professora e de um sapateiro, estudou o primário na escola Benedito Leite, e o ginásio no Liceu Maranhense. O

segundo grau foi concluído no Centro Caixerai, onde fez também o curso técnico em Contabilidade e Administração. Na adolescência atuou como “foca<sup>21</sup>” na rádio Gurupi, dos Diários Associados. Logo em seguida foi convidado pelo amigo de escola, Edy Gárcia, para trabalharem na Rádio Ribamar. Ainda dentro da mesma rádio exerceu a função de operador de mesa de som, e logo em seguida já se tornou apresentador.

O que se destaca sobre as primeiras incursões no jornalismo, se dá ainda na adolescência, com idade não muito comum; O segundo destaque é a indicação de um amigo que permitiu a sua entrada no espaço jornalístico. Os laços de amizade são recursos de atividade em diferentes esferas profissionais no Brasil – política, direito e literatura, por exemplo. No jornalismo antes, durante e depois dos cursos acadêmicos, universitários e técnicos, mediante as entrevistas realizadas entre jornalistas novos e antigos, isso se apresenta como uma dinâmica bastante comum.

Com 18 anos de idade, Lima Coelho abandonou as atividades ligadas ao rádio e exerceu a ocupação de balconista e de gerente de vendas. A loja tinha como proprietário o presidente do MAC (Maranhão Atlético Clube). Via laços de amizade, recebeu um convite para o Plantão Esportivo, na equipe 680. Começou como plantonista esportivo na Rádio Difusora. Na década de 1970, já com a regulamentação da profissão, foi registrado como repórter.

“Fiz algumas matérias para o jornalismo, matérias comuns, até que em 1978, surgiu a grande chance. Uma repórter se recusou a fazer uma matéria em Nova Iorque do Maranhão, porque não queria viajar de avião de pequeno porte. Aí, me chamaram. Bateu um medo mas não podia recusar. Era minha primeira viagem de avião e a matéria era para o Fantástico, da Rede Globo. Embarcamos eu, o cinegrafista Fernando Bulhões, um dos melhores que conheci até então, e o auxiliar Elizaldo, hoje cinegrafista em Imperatriz. A pauta foi feita pelo Antonio Carlos Lima, o queridíssimo Pipoca, então redator dos telejornais. Modéstia à parte, a matéria de dois minutos e meio, ficou uma beleza. No final eu anunciei: e agora direto de Nova York, nos Estados Unidos, fala o correspondente Hélio Costa. A matéria mostrava os contrastes entre as duas cidades....

---

<sup>21</sup> Chama-se **foca qualquer jornalista** em início de carreira e ainda inexperiente, que está “perdido” ou que ainda não conhece o funcionamento do espaço jornalístico.

Com o tempo passei a ser o repórter para as matérias para a TV Globo, onde emplacamos várias matérias para o Jornal Nacional, Jornal Hoje, Globo Esporte...Na época, repórter tinha que ser polivalente, não cobria matéria só para determinada editoria. Escalado tinha que fazer tudo. A essas alturas já tinha deixado o plantão esportivo. Tive algumas inserções como repórter de pista ou setorista de clubes, todos. Em 1980, acho, passamos a cobrir as reportagens do Governo João Castelo também, por solicitação oficial à Difusora. Uma loucura, pois, foi num período em que tínhamos compromissos também com jornal impresso para a produção de matérias esportivas, mais precisamente uma página de noticiário local. Trabalhei em O Imparcial, O Estado do Maranhão, O Jornal, O Debate, como editor geral, entre outros” (Entrevista com Lima Coelho, concedida em 2021).

Frisa-se que a atividade de jornalista esportivo não era caracterizada a partir de competências somente específicas. Ao contrário, a regularidade do exercício da profissão era desempenhar várias atividades (dentro do jornalismo). Nesse sentido, fala-se que o jornalismo esportivo enquanto área especializada é recente. O jornalista, além de desempenhar o jornalismo, também produzia notícias no jornalismo esportivo e vice-versa. O repórter “polivalente” é a representação mais comum encontrada entre os jornalistas que não se consideram pertencentes à geração atual dos jornalistas esportivos. Ser editor, plantonista, “foca”, setorista, narrador e etc., são funções que se encontram no perfil desse jornalista clássico. Em contrapartida, a contemporaneidade é marcada pelas especializações.

Lima Coelho se considera pertencente à geração de jornalista esportivo mais “clássica”, e desempenhou várias funções até chegar à direção de jornalismo da Rádio e TV Difusora, na gestão de Afonso Bacelar. Com Jamenes Calado e outros antigos colegas da crônica esportiva, ajudamos a fundar a Associação dos Cronistas Esportivos do Maranhão e com Francisco Diniz, fizemos a primeira reunião com os radialistas para a criação do Sindicato dos Radialistas do Maranhão. O personagem ressalta em sua entrevista que muitos jornalistas e cronistas dos jornais esportivos de sua época eram “autodidatas”, o que os separa dos perfis de jornalistas que ingressam no jornalismo esportivo no século XXI.



Faz uma diferença enorme entre jornalistas esportivos do passado e a maioria, não todos, do presente: Uma delas se chama credibilidade. Em tempos passados a crônica podia sim sugerir algumas mudanças que eram acatadas porque em várias ocasiões era convidada a participar de reuniões. Com o tempo foram sendo processadas muitas mudanças no setor, desde tecnológico como na forma de narrar (com grito ou sem grito) e a falta de cobertura in loco dos trabalhos técnicos de cada equipe. Hoje se usa mais o telefone para pedir informações, parece mais prático. Os tempos são outros, muitos argumentam formação superior isso e aquilo. Acredito que ainda não haja curso para a formação de narrador esportivo. É uma coisa nata. Eu vi surgir o Juraci Filho. O Jura pai me mostrou uma das gravações dele narrando em casa e eu imediatamente disse: tá pronto, trás ele para narrar um jogo. Deixa que eu comento. Fiz algumas argumentações até que o Jurão topou. Taí o excelente profissional da comunicação no Maranhão (Entrevista com Lima Coelho, concedida em 2021).

Dentro do jornalismo e do jornalismo esportivo, as atividades relacionadas ao metier atribuem legitimidade para o exercício da profissão. Nessa análise em que construímos essa disputa jornalista “clássico” / “novo” uma constatação é que os espaços de consagração mais notáveis são ocupados por jornalistas com perfil mais “clássico”. Lima Coelho, durante a sua trajetória profissional, ocupou essas posições regional e, nacionalmente, está conquistando mais espaços no mundo literário. Autor de 19 livros, lançados em São Luís, entre romances, crônicas, poesias e pesquisa,



O jornalista Lima Coelho além da produção escrita, de diversos gêneros, não somente ao jornalismo esportivo e crônica esportiva, destaca-se pela gama de instituições a que pertence. Observa-se inscrições que estão ligadas a sindicatos e associações de cronistas, imprensa e jornalismo; à Academia Atheniense de Letras e Artes de São Luís e à Academia de Letras do Brasil, fundada em 2001, cadeira nº 01 ALB/MA, com sede em Brasília, diplomado como membro fundador vitalício, em 2003; e no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Essas participações nesses espaços e a produção de livros conferem a este perfil um grau de distinção entre os jornalistas entrevistados. Este mesmo jornalista é responsável por um livro que conta a “história” do jornalismo esportivo no Maranhão.

Seguindo com o objetivo de capturar as representações e sentidos de perfis de jornalistas que se consideram novos. Buscamos justamente o confronto de visões e de percepções do ofício. O jornalista esportivo e estudante de direito Gaudêncio Silva Pinto de Carvalho nasceu na década de

1990. Membro de uma família de “classe média”, seu pai possui ensino superior incompleto e é técnico em contabilidade, e a sua mãe possui ensino superior completo. Estudou o ensino fundamental em escola particular, e o ensino médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão. Graduou-se em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão. Concomitantemente aos estudos de jornalismo, também desempenhou a ocupação de vendedor em lojas.

O Jornalista estudado se considera um jornalista especializado no esporte. O que o tornou especialista não está ligado a cursos específicos no ramo do esporte, mas sim por atuar e estudar somente nessa área. As funções dentro do jornalismo esportivo estão relacionadas às matérias televisivas, apresentação de programa esportivo, supervisão no processo de edição, bem como criação material de esportes para o portal da empresa onde trabalha. Já trabalhou na Rádio Universidade, TV UFMA, Portal Guará, TV Guará. Este perfil se classifica como pertencente à nova geração do jornalismo esportivo maranhense.

Sim, não necessariamente apenas pela idade, mas cresci com o desenvolvimento de tecnologias e linguagens diferentes, linguagens que considero natural para o trabalho com ela. Diferente de outros profissionais com muito mais tempo de profissão que em muitos sentidos ainda não conseguiram se adaptar às novas plataformas (Entrevista com Gaudêncio, concedida em 2022).

No trecho acima se ressalta que a idade não é exclusivamente o dado classificatório entre as gerações. O jornalista aciona as “novas linguagens” e “tecnologias” como recursos que caracterizam o jornalismo esportivo atual. O que na visão dele ainda não foi incorporado por jornalistas “clássicos”. Essas plataformas digitais colaboram para um tipo de criatividade igualmente digital, sobretudo nos portais esportivos. Atualmente o uso de gráficos, cores e figuras ilustram dados estatísticos e tentam dar aos leitores e telespectadores maior facilidade na compreensão da linguagem ligada ao campo do esporte. Isso é muito visível nos programas de debates esportivos. Geralmente são jornalistas

mais novos e com habilidades que fogem ao jornalismo convencional por trás desse tipo de produção imagética.

Outro ponto que se destaca na entrevista, foi a representação do jornalista em relação à atuação dos profissionais mais antigos do jornalismo esportivo. Ele enfatiza que a atuação desses perfis é “muito rígida e padronizada. E observo isso partindo tanto do profissional mais velho quanto das empresas de comunicação também”. Isso é contrastado em relação ao perfil e atuação de jornalistas esportivos atuais. “O perfil atual é de comunicação leve, descontraída e multiplataforma”. Gerações antigas produzem, muitas vezes, apenas para uma delas (rádio ou tv) e sem atualização de linguagem.



Para o perfil novo, a relação com a profissão é encarnada por uma atividade diversificada e, em determinados momentos, lúdicas. Esse sentido de “leveza” no jornalismo também se confunde com a trajetória do agente, que veio do interior, e que para se inserir no jornalismo, destacou o “seu jeito de ser”, “alegria” e ser “brincalhão” como possíveis recursos. Por outro lado, o que marca os perfis mais antigos é a “competência”, “genialidade”<sup>22</sup> e autodidatismo”. Desse modo, na análise dos perfis de jornalistas esportivos maranhenses, mais do que constatar a mudança estrutural do jornalismo esportivo, nota-se certa diversidade de recursos para alcançar relativo sucesso na profissão. Sem deixar de dizer que “classificar” os jornalistas antigos com “padronizados” é prescrever como deve ser o exercício do jornalismo (BOURDIEU, 1996).

Ainda a respeito da entrevista de Gaudêncio, as novas formas de comunicação modificaram diretamente a atuação do jornalismo esportivo, pois o alcance em relação ao público aumentou sumariamente, bem como a dinâmica da disseminação do conteúdo diário do esporte. Além do acesso aos bens de informações, o que está em pauta, sobretudo, é o futebol, que como um elemento da qual a maioria dos brasileiros se reconhecem. Nos canais abertos, geralmente a apresentação dos programas tendem a apresentar dinamismo e linguagem que aproximam os telespectadores do noticiário.

Ao contrário, nos programas igualmente diários de canais por assinatura, percebe-se a presença de perfis antigos de jornalistas esportivos, que debatem e discutem temas diferentes (política, educação, direito e mercado, por exemplo), com vocabulários formais, que indicam um certo tipo de consumidor “prévio”. Quero dizer com isso, quando se toma duas modalidades de produtos ligados ao jornalismo esportivo, além de dois perfis distintos, tratam-se de dois públicos igualmente diferentes.

Ao jornalismo esportivo é atribuído diferentes significados, que estão relacionados às disputas próprias deste espaço, bem como representações e missões mais amplas. Ao estudar este perfil notamos que existe uma “missão” a partir do ofício. Nas palavras do jornalista de Gaudêncio: “É narrar, contar,

---

<sup>22</sup> A ideia de genialidade está ligada a capacidade de “improviso”.

escrever uma parte da história da sociedade maranhense, o esporte da melhor forma possível buscando a imparcialidade”.

De acordo com a citação acima, percebe-se que existe uma “responsabilidade” ao desempenhar esses expedientes no jornalismo que não são estritamente ligados aos “padrões” dominantes da produção de notícias esportivas, mas que estão vinculadas a própria legitimidade para descrever as mudanças mais gerais dos grupos (em âmbito local, regional e nacional). Esses sentidos se aproximam muito de como os literatos do século XIX/XX tomavam os esportes na descrição de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo (TOLEDO, 2012).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essa tese se debruçou na investigação do “jornalismo esportivo” em São Luís, tomando como principal foco, mudanças ocorridas no cenário nacional a partir do século XIX. Nesse contexto foram estudados três aspectos: as condições de emergência de um espaço jornalístico esportivo; o processo de “especialização” do jornalismo esportivo; e as transformações tecnológicas nessa área. Em um plano mais geral, o esforço foi realizado no sentido de situar como se deram as primeiras notícias sobre os esportes, e quais agentes estiveram qualificados para essa produção. Na análise desse contexto histórico, já se revelou o forte papel de literatos/ intelectuais na promoção de notícias esportivas que, longe de um lugar específico, tratavam da temática à luz de transformações sociais, políticas e culturais na cidade do Rio de Janeiro e de São Paulo, sobretudo.

Na investigação dessas primeiras notícias verificamos que os literatos desempenharam o papel de incluir os esportes em duas descrições, sem um espaço prévio, o reconhecimento advindo do espaço literário também os legitimou para tratar de todos os temas, específicos ou não. Nesse momento, ainda sem tomarmos a estruturação que o espaço jornalístico veio adquirir, capturamos alguma sentidos sobre a produção de notícias. A primeira está

ligada a própria condição de produção – pois produzir dentro de casa; sem tomar relações hierárquicas para produzir, e relacionar o desporto com problemas sociais, foram tipicamente exercitados por esses agentes. Segundo algumas características, retratavam esses escritores como, por exemplo, “talento”, “vocação” e “dom” para escrever.

Na década de 1930 os primeiros jornais sobre “esportes” passaram a figurar no Brasil, jornais estes, dedicados a tratar somente de práticas esportivas, sobretudo o “turfe” e o “futebol”. Nesse momento, ainda se percebeu que literatos e cronistas descreviam e narravam os acontecimentos esportivos com base na dramaticidade pois, causar uma nova “realidade” é função desses escritores. Contudo, os surgimentos de diversos jornais que noticiavam os esportes, ocasionaram tipos de recursos mais específicos. Isso foi acentuado com o advento do radiojornalismo e com a televisão, que agora prescindia de um domínio “técnico” na produção do noticiário desportista. A crônica esportiva foi dando espaço a outro tipo de produção.

Tanto o radiojornalismo quanto os jornais impressos e a televisão, ajudaram na construção de um espaço esportivo “especializado”. O aumento significativo de cursos superiores de Comunicação e Jornalismo atestam essa mudança. Que foi passando de um nível “artesanal” para um nível informacional. É justamente nessa mudança que o estudo em tela buscou compreender, como os “sentidos” e os perfis no e do jornalismo esportivo foram forjados, nessa nova configuração.

O espaço jornalístico esportivo em São Luís experimentou essas mudanças mais amplas. Construindo e analisando os perfis de jornalistas em que classificamos, a partir das entrevistas, em “clássico” e “novos”, verificou-se que jornalistas esportivos já estabelecidos e com notório reconhecimento, ressaltam que as suas projeções nesse ofício estiveram, assim como os literatos, pautadas por recursos diferentes para o exercício da notícia esportiva. Além de não terem à disposição, o arsenal de tecnologias para se tem atualmente, os princípios do ofício eram caracterizados através de “crenças” pessoais. Para alguns jornalistas da antiga geração, por toda a dificuldade que tinham, ter “talento” ou “dom” eram aptidões fundamentais para o exercício da

atividade jornalística. A produção de notícias, a investigação e a relação com o esporte eram mais “artesanal”.

Tomando como base o texto “Narrador”, foi possível detectar uma mudança significativa na comunicação e na produção de especialistas, que trouxeram novos princípios e objetivos para se falar em notícia e/informações. As experiências que eram narradas de maneira oral, foram dando cada vez mais espaço a outras modalidades de comunicação, que agora passaram a atingir ampla quantidade de indivíduos através da tecnológica. O “narrador” foi uma figura que foi desaparecendo pela “velocidade” da transmissão de notícias.

No jornalismo em geral também, mas no jornalismo esportivo essa dinâmica causou impacto em vários sentidos. A forma de produzir notícias relacionadas ao futebol sofreu ingerências externas, pois a mercantilização da notícia esportiva passou a representar “lucro”. Ou seja, a relação dos jornalistas clássicos não foi mais guardada a partir de um “desinteresse”. Ao contrário, o novo cenário presumiu que estes agentes usassem a tecnologia para se manter no “mercado”. Outro ponto é a formação superior, que não necessariamente era um recurso legítimo para se inserir neste espaço. Vários entrevistados revelaram que já exerciam esta atividade anteriormente à formação ou de cursar propriamente jornalismo/comunicação.

Parcela dos jornalistas que se classificam como “novos”, destacaram que os usos de recursos tecnológicos, é um dos fatores que demarcaram gerações de jornalistas esportivos em São Luís. No desempenho de suas atividades, os usos dessas ferramentas significam “facilidade” na operacionalização de eventos esportivos, e mesmo nas redações. A “linguagem digital” do jornalismo esportivo implicou um novo tipo de notícia e de público. Notícias mais “rápidas” e com pouco texto estão presentes nessa nova modalidade de jornalismo, bem como figuras e formas de conexões entre o leitor/espectador/telespectador.

Destaca-se a própria mudança na “morfologia” deste espaço, o esporte que era um tema “rejeitado” nos jornais, agora tem programas de rádio e



televisão, jornais impressos, páginas na internet e comentaristas e analistas que tratam de maneiras específicas os esportes. Todavia, com a “espetacularização” dos jogos (sobretudo do futebol), o esporte enquanto tema encontra-se fortemente dependente da lógica econômica em sentido duplo: primeiramente porque a notícia esportiva acompanhou uma lógica “monetária”; segundo, a busca pela “audiência” colocou o jornalismo esportivo em ralação a temas como “Política”, “Direito”, “Mercado” e etc.,

A ideia de “novo” apresentou algumas tensões em relação aos entrevistados. Um sentido foi caracterizado pela idade que os agentes possuem em relação aos demais. O segundo sentido de “novo” está ligado às ferramentas tecnológicas. O que está diretamente relacionado a própria exclusão ou não de uma geração. O terceiro elemento ainda se apresenta nesta investigação, dois jornalistas disseram “experimentar” as duas fases do jornalismo esportivo, o que evidencia ainda mais que a utilização das novas comunicações se tornam determinantes nesse sentido atribuído ao jornalismo esportivo.

O que se define como jornalismo esportivo “especializado” em São Luís, é caracterizado por produzir notícias sobre o futebol. No entanto, não existe uma fronteira bem demarcada sobre o que é de fato um jornalista esportivo especializado, pois os repórteres que informam notícias de modo em geral, falam sobre o futebol, sem necessariamente deter uma competência específica para isso. Essa dinâmica não é uma exclusividade de São Luís. Tratando-se do jornalismo esportivo em um contexto nacional, percebe-se que a ideia de “especialista” é ainda mais abrangente, com a entrada em cena de outros agentes, que são “autorizados” para falar e analisar o futebol. Como os cursos de especializações sobre o futebol padece de “público”, ex-atletas cada vez com mais regularidade estão assumindo o posto de “especialista”

Disto isto, os principais achados desse trabalho de doutorado dizem respeito a constituição de um tipo de jornalismo, que se tornou visível dentro da própria lógica da divisão de atividades dentro do jornalismo, mas que, assim como em seu início, o que qualifica a entrada no jornalismo esportivo são recursos que são acionados através de experiências externas a ele. Ter o título em jornalismo confere legitimidade para exercer este ofício, de modo a se

debruçar em diferentes temáticas. Por outro lado, percebe-se que dentro do jornalismo esportivo, para ser especialista, o jornalista precisaria fazer uma pós-graduação nessa área e não atuar em outras, e ainda assim, não estaria ileso a competição com comentaristas sem formação e outros agentes que falam de futebol. E essa característica não se apresenta como uma regularidade, mas como uma exceção à regra. Dessa maneira, dentro dessa caracterização do jornalismo esportivo que trabalha com o futebol, cabe um segundo sentido, do jornalista esportivo com pós-graduação.

## REFERÊNCIAS

ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 1985.

ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 1985.

ALMEIDA, Ana Maria F. A noção de capital cultural é útil para se pensar o Brasil? In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Org.). *Sociologia da educação: pesquisa e realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ANJOS, J. C. G. dos. *Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde: lutas de definição da identidade nacional*. Porto Alegre (Brasil), UFRGS/IFCH, Praia (Cabo Verde), INIPC, 2002.

AZEVEDO, C. P. . Concepção do sistema escolar brasileiro entre a década de 20 e 30 expressa na visão de Anísio Teixeira. *Extensão e Cultura (UFG)* , Revista UFG, v. 7, p. 8-12, 2005.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico – Contribuições para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BADIE, Bertrand; HERMET, Guy. *Política comparada*. México: Fondo de cultura Económica, 1993.

BECKER, Howard. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. 4.ed., São Paulo: Hucitec, 1999.

BENJAMIN, W. ***O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov***. In: BENJAMIN, W. ***Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas***. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BETTI, Mauro. *A janela de vidro – esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papyrus, 1998.

BEZERRA, PATRÍCIA. O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos Faculdade Cásper Líbero Mestrado em Comunicação São Paulo 2008.

BOITELLO, Norval. Jr. A Era da iconografia: Ensaio de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker, 2005.

BOURDIEU, P. (Coord.) A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 1999. (Originalmente publicado em 1993).

BOURDIEU, P. "*Descrever e prescrever. As condições de possibilidade e os limites da eficácia política*". In:\_\_\_\_. *A Economia das trocas linguísticas*. São Paulo; EDUSP, 1996.

BOURDIEU, P. A representação política: elementos para uma teoria do campo político. In: Bourdieu, P. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, P. O campo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, DF, n. 5, 2011.

BOURDIEU, P. *Sobre o Estado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Bourdieu, Pierre, "Les trois états du capital culturel", publicado originalmente in Actes de la recherche en sciences sociales, Paris, n. 30, novembro de 1979, p. 3-6.

BOURDIEU, Pierre. (2005), "O campo econômico". *Política & Sociedade*, 6: 15-58 (tradução de "Le champ économique". Actes de la Recherche en Sciences Sociales, 119: 48-66, 1997.

BOURDIEU, Pierre. "O ponto de vista do autor". In: BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. (Segunda parte).

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: -. *coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada. (1983).

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 432 p.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. O sociólogo e o historiador. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira, com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

CABO, Alvaro V. G. T. P. . Um raio-x da Revista do Esporte. In: Bernardo Borges Buarque de Hollanda; Victor Andrade de Melo. (Org.). *O Esporte na Imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. 1ed. RIO DE JANEIRO: Editora 7 letras, 2012, v. 1, p. 130-148.

CAVALCANTI, Anna de Carvalho. **Jornalismo cultural e personalização: o acionamento do perito nas capas da revista Bravo! (1997-2013)**. Porto Alegre: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/133747>

CHARLIE, Cristophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flávio (Org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.41-53.

COELHO, J.H.C. Futebol e Política no Brasil: Bases de multinotabilidade e padrões de imbricação. Dissertação de (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017. 108p.

COELHO, P.V. *Jornalismo esportivo: os craques da emoção/ Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro*. – Rio de Janeiro: A secretaria, 2004. 116p.: - (Caderno da comunicação. Série Estudos; v.11).

CORADINI, O. L. Titulação escolar, condição de “elite” e posição social *Revista Brasileira de Educação* v. 15 n. 43 jan./abr. 2010

CORADINI, O. L. *Em nome de quem? Recursos sociais no recrutamento de elites políticas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

CORADINI, O. L.: Important families and the *professional* elite within brazilian medicine<sup>1</sup>. *História, Ciências, Saúde—Manguinhos*, III (3) 425-466, Nov. 1996-Feb. 1997.

CORADINI, Odaci Luiz. A formação da elite médica, a Academia Nacional de Medicina e a França como centro de importação. **Estudos Históricos**, n. 35, 2005, p. 3-22.

COUTO, André Alexandre Guimarães. O discurso pela imagem: *Manchete Esportiva* e sua proposta fotojornalística (1955-1959 e 1977-1979). In: Holanda, B. B. B. de; Melo, V. A. de.. (Org.). O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, v. 1, p. 80-106.

Culturais de Parlamentares Brasileiros. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 58, no 2, 2015, pp. 331-369.

DAMATTA, Roberto et ai. (orgs.). Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMATTA, Roberto. "Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro". Revista USP. Dossiê Futebol, 22, São Paulo. (1994). Novos Estudos, Nº 4 NOVEMBRO DE 1982.

**DAMATTA, Roberto. Futebol: Ópio do Povo x Drama de Justiça Social.** Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, v. 1, n. 4, p. 54-60, 1982.

DAMO, Arlei. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 9, nº 2, p-129-156. maio/agosto de 2003.

DESLAURIERS, Jean-Pierre & KÉRISIT, M. *O delineamento da pesquisa qualitativa*. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 (p. 127/153)

Dominique Marchetti, Pedro Serra. Os subcampos especializados do jornalismo. Plural - Revista de Ciências Sociais, Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), 2020, Dossiê: "Sociologia do Jornalismo. Por uma agenda de pesquisa", 27 (2), 10.11606/issn.2176 8099.pcso.2020.179832. halshs-03095546

ELIAS, Norbert. Estudos sobre a gênese da profissão naval. In: Escritos e Ensaios V1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

**FARO, J. S. *Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural*. Comunicação & Sociedade, ano 28, nº 46, p. 143-163, 2006.**

FERNANDES, B. Jornalismo Político e fontes de informação: a cobertura noticiosa das eleições presidenciais brasileiras em 2018 no El País, The Guardian e The New York Times. Dissertação de Mestrado. 85f.

FLICK, Uwe. *Introdução à Metodologia de Pesquisa: um guia para iniciantes*. Porto Alegre: Penso, 2013 (7. Coleta de dados: abordagens quantitativa e qualitativa, pp. 107-132)

FREIDSON, Eliot. Renascimento do Profissionalismo: teoria, profecia e política. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: EDUSP, 1986. (Clássicos 12)

Gans, H. J. *Democracy and the News*. Oxford: Oxford University Press. 2004

GIDDENS, Anthony. Problemas centrais em teoria social: Ação, estrutura e contradição na análise sociológica. Petrópolis: Vozes, 2018.

GRILL, Igor Gastal & REIS, Eliana T. dos. Trajetórias de Multinotabilidades: Reconfigurações Históricas e Condicionantes Sociais das Inscrições Políticas e

GRILL, Igor Gastal. “Especialização política: bases sócias, profissionalização e configurações de apoios”. In: Enesto Seidl, Igor Gastal Grill (orgs.). *As ciências sociais e os espaços da política no Brasil – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. P. 227-278.*

GRILL, Igor. Gastal.; REIS, Eliana T. dos. *Elites Parlamentares e a dupla arte de representar: Intersecções entre política e cultura no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016. 260p.

GRYNSZPAN, Mário. Os Idiomas da Patronagem: Um Estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.14, 1990.

HABERMAS, J. Teoria do agir comunicativo 1: Racionalidade da ação e racionalização social. Tradução de Paulo Astor Soethe. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 704 p

HELAL, Ronaldo & GORDON JÚNIOR, C. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. Sociologia, História e Romance. Revista estudos históricos • 1999 – 23.

Herman, Edward S.; Chomsky, Noam (2002). *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. Pantheon Books 2nd ed. New York: [s.n.] ISBN 978-0-375-71449-8

Hollanda, B. B. B. de; Melo, V. A. d.. (Org.). O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, v. 1.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980. In: Hollanda, B. B. B. de; Melo, V. A. de.. (Org.). O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, v. 1, p. 80-106.

JORGE, Sônia. Rádio, modernidade e sociedade em Ribeirão Preto, 1924-1937. 2008. 168 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93304>>.

LACROIX, B. (orgs). Nobeit Elias. A política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LAGE, Nilson. **A reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa Jornalística. Rio de Janeiro. Record, 2003.

LAHIRE, Bernad. *Retratos Sociológicos*. Disposições e Variações Individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004 (Capítulos 1 e 2).

LOPES, José Sergio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. Revista USP, n°22, jun/jul/ago 1994, pp. 64-83.

LOYOLA, M.A. Pierre Boudieu entrevistado por Maria Andréa Loyola. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.



MALAIÁ, João Manuel . Placar: 1970. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MELO, Victor Andrade de. (Org.). O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil. 1ed.Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, v. , p. 149-170.

MARSHARLL, Leandro. O jornalismo na era da publicidade. São Paulo, 2003.

MELO, José Marques de. **História do Pensamento Comunicacional**. São Paulo, Paulus. 2003.

MELO, V. A. . Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX.. In: Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Victor Andrade de Melo. (Org.). O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. 1ed.Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, v. 1, p. 21-51.

Nakamura, W. T., & Cerqueira, S. de A. (2021). A nova era do futebol brasileiro e clubes geridos como negócio. *Revista de Administração Contemporânea*, 25(4), e210055. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2021210055>.por

NASCIMENTO, Aline Carvalho (org). Catálogo dos jornais maranhenses existentes na Biblioteca Benedito Leite, 1821-2006. São Luís, 2007.[Mimeo].

NEIBURG, Federico. 1997. Os Intelectuais e a Invenção do Peronismo. São Paulo: Edusp. 242 pp.

NEIVA, Adriano. “Escrevendo uma história”. In: 60 anos de futebol no Brasil, FPF, São Paulo, 1954, apud PEDROSA, Milton, “A crônica esportiva e o cronista de futebol”, em O olho na bola, Rio de Janeiro, Gol, 1968.

NEVEU, Erick. Sociologia do jornalismo. São Paulo: Loyola, 2006.

ORTIZ, R. A Moderna Tradição Brasileira. Cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo, Brasiliense, 222 p. 1988.

PASSERON, Jean-Claude. “A encenação e o corpus: biografias, fluxos, itinerários, trajetórias”. In: PASSERON, Jean-Claude. *O Raciocínio Sociológico*. Petrópolis, Vozes, 1995.

PAUGAM, Serge. Escolhas e limites do modo de objetivação. In: PAUGAM, Serge (coord.) *A pesquisa sociológica*. Petrópolis: Vozes, 2015 (pp. 53/64).

PÉCAUT, D. *Os intelectuais e a política no Brasil; entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

PETRARCA, Fernanda Rios. Esfera política e processos de consolidação dos saberes profissionais. In: SEIDL, E.; GRILL, I. G. (Org.) *As ciências sociais e os espaços da política no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2013. p.103-133.

PHÉLIPPEAU, Eric. Sociogênese da profissão política. In: GARRIGOU, A & LACROIX, B. (orgs). Nôbert Elias. *A política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

PIERUCCI, Antonio Flávio. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: USP & Ed. 34, 2003.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. Gênese da imprensa no Maranhão nos séculos XIX e XX. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, PósComMetodista, a. 29, n. 49, p. 43-64, 2º sem. 2007.

PINTO, Louis. *L'invention du consommateur. Sur la légitimité du marché*. Paris: PUF, 2018.

REIS, E. T, dos e Grill, I. G *Letrados e Votados: lógicas cruzadas de engajamento político no Brasil*. TOMO, UFS, n.13 jul./dez., 2008.

REIS, Eliana T. dos. Saberes em movimento: transações entre intelectuais, definições de ciências sociais e a política. In: SEIDL, E.; GRILL, I.G.. (Org.). *As ciências sociais e os espaços da política no Brasil*. 1ed.Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2013, v., p. 21-74.

ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e Futebol/ Anatol Rosenfeld.- São Paulo: Perspectiva, 2013. – Debates: V. 258/ dirigido por J. Guinsburg).*

SALDANHA & GOELLNER. Futebol, sexo e rock and roll: o futebol moderno. *Ver. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 281-296, abr./ jun. 2013.

SALDANHA, RENATO MACHADO ; GOELLNER, SILVANA VILODRE . Futebol, sexo e rock and roll: o futebol moderno na revista placar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* , v. 35, p. 281-296, 2013.

SIGAL, S. Intelectuais, cultura e política na Argentina. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 9 (17), 2012.

SOARES, Edileuza. A bola no ar: o desenvolvimento do rádio esportivo em São Paulo. 1993. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 4ª edição com capítulo inédito. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. “O Desejado – Para um perfil do candidato a jornalista pretendido pelos órgãos de Comunicação Social”. Universidade Fernando Pessoa, 1999, <http://bocc.ubi.pt/pag/sousajorge-pedro-odesejado.html>  
[www.bocc.](http://www.bocc.ubi.pt)

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. Cobertura esportiva na televisão: Jornalismo ou Entretenimento? / Li-Chang Shuen Cristina Silva. – Recife: O Autor, 2005. 156 folhas.: Il, quadro. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

SOVERAL, F. ; PEDROSO NETO, A. J. . Discursos econômicos sobre o PAC nos grandes jornais brasileiros; a padronização do campo jornalístico. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 12, p. 101-122, 2016.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Porto Alegre (RS): Artmed, 2008.

SZPACENKOPF, Maria Izabel Oliveira. O Olhar do Poder- a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal. 1a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 1. 349p .

TOLEDO, L. H. A cidade e o jornal: a Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século xx. In: Bernardo Buarque de Holanda; Victor Andrade de Melo. (Org.). O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. 1ed.Rio de Janeiro: Sete Letras, 2012, v. 1, p. 52-79.

TOLEDO, L. H. A cidade e o jornal: a Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século xx. In: Bernardo Buarque de Holanda; Victor Andrade de Melo. (Org.). O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. 1ed.Rio de Janeiro: Sete Letras, 2012, v. 1, p. 52-79.

VAZ, Leopoldo Gil Dulcio. Atividades de lazer no Maranhão - século XVII. Encontro Nacional de Recreação e Lazer, VII, 1995a, Olinda-PE, Anais.

VAZ, Leopoldo Gil Dulcio. Primeiras manifestações do lúdico e do movimento no Maranhão Colonial. In Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, VIII, Belém-PA, setembro de 1993. Anais. Belém: UFPA, 1993, p 137.

WEBER, Max. Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa. **Lua Nova**, n. 55-56, 2002, p. 185-194.

WEBER, Max. Metodologia das ciências sociais. Tradução de Augustin Wernet. Introdução à edição brasileira de Maurício Tragtenberg. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 105.

**ANEXOS**

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

- 1- Nome completo?**
- 2- Data de nascimento?**
- 3- Fale sobre sua origem social: profissão e formação escolar de seus pais.**
- 4- Fale sobre sua formação escolar?**
- 5- Teve outras atuações profissionais?**
- 6- Como se deu sua trajetória no jornalismo e no jornalismo esportivo?**
- 7-Fale sobre suas funções no jornalismo esportivo?**
- 8- você se considera um jornalista "especialista" ou "especializado"? Se sim, diga por qual motivo.**
- 9-Em quais jornais você já trabalhou ou trabalha? E em quais períodos?**
- 10-Você se considera pertencente a uma "nova geração" do jornalismo esportivo maranhense? Sim, por quais motivos?**
- 11- Você se considera pertencente a um perfil mais "clássico de jornalista esportivo"? Se sim, por quais motivos?**
- 12-Como você observa a atuação dos jornalistas de "gerações mais antigas"?**
- 13-Você acredita que o perfil dos jornalistas atual é diferente de outras gerações passadas? Se sim, por quais motivos?**
- 14-Na sua concepção, os jornalistas esportivos interferem no futebol maranhense? Se sim, como?**
- 15-As novas formas de comunicação interferiram diretamente na atuação do jornalismo esportivo?**
- 16- na sua concepção, qual é o sentido/missão do jornalista esportivo?**

**17-Na sua concepção, qual é o lugar que o jornalismo esportivo ocupa dentro do campo jornalístico maranhense?**

**18 na concepção, o jornalismo praticado no eixo sul-sudeste influencia o jornalismo esportivo maranhense? Se sim, como?**

### **Questionário respondido por Gaudêncio**

*Gaudêncio Silva Pinto de Carvalho (10/ 07/ 1995)*

*Fale sobre sua origem social: profissão e formação escolar de seus pais*

*Nascido em família classe média baixa; pai com ensino superior incompleto e técnico em contabilidade; mãe com ensino superior completo*

*Fale sobre sua formação escolar?*

*Fundamental em escola particular; ensino médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Maranhão; Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão*

*Teve outras atuações profissionais?*

*Vendedor de loja durante a graduação*

*Como se deu sua trajetória no jornalismo e no jornalismo esportivo?*

*Paixão pela profissão e conseqüentemente pelo esporte que sempre esteve presente em minha vida. Desde os meus primeiros estágios sempre me destaque com melhor desempenho quando se tratava da área esportiva e desde que percebi isso trilhei ainda como estagiário o caminho até o momento atual.*

*Fale sobre suas funções no jornalismo esportivo?*

*produzo matérias televisivas, tenho contato com desportistas das mais diversas modalidades, apresento programa esportivo, supervisiono processo de edição de todo conteúdo esportivo. Ainda produzo matérias para portal da empresa, sobre esporte.*

*você se considera um jornalista "especialista" ou "especializado"? Se sim, diga por qual motivo?*

*Sim, me considero jornalista especializado no nicho esportivo por atuar somente nessa área e estudar sobre. Não especialista por não ter cursos específico no ramo do esporte*

*Em quais jornais você já trabalhou ou trabalha? E em quais períodos?*

*Rádio Universidade, TV UFMA, Portal Guará, TV Guará*

*Você se considera pertencente a uma "nova geração" do jornalismo esportivo maranhense? Sim, por quais motivos?*

*Sim, não necessariamente apenas pela idade, mas cresci com o desenvolvimento de tecnologias e linguagens diferentes, linguagens que considero natural para o trabalho com ela. Diferente de outros profissionais com muito mais tempo de profissão que em muitos sentidos ainda não conseguiram se adaptar às novas plataformas*

*Você se considera pertencente a um perfil mais "clássico de jornalista esportivo"? Se sim, por quais motivos?*

*Não*

*Como você observa a atuação dos jornalistas de "gerações mais antigas"?*

*Muito rígido e padronizado. E observo isso partindo tanto do profissional mais velho quanto das empresas de comunicação também*



*Você acredita que o perfil dos jornalistas atual é diferente de outras gerações passadas? Se sim, por quais motivos?*

*Sim. O perfil atual é de comunicação leve, descontraída e multiplataforma. Outras gerações produzem, muitas vezes, apenas para uma delas (rádio ou tv) e sem atualização de linguagem*

*Na sua concepção, os jornalistas esportivos interferem no futebol maranhense? Se sim, como?*

*Sim, de forma direta ou indireta o jornalismo esportivo local consegue sim impactar tanto os clubes, quanto Federação Maranhense de Futebol e torcida que é a parte dessa equação que mais consome e depois transmite essas informações constantemente comprando a mensagem que foi produzido pelos meios de comunicação*

*As novas formas de comunicação interferiram diretamente na atuação do jornalismo esportivo?*

*Sim, no sentido de alcançar mais público e na dinâmica da disseminação do conteúdo diário do esporte*

*Na sua concepção, qual é o sentido/missão do jornalista esportivo?*

*É narrar, contar, escrever uma parte da história da sociedade maranhense, o esporte da melhor forma possível buscando a imparcialidade*

*Na sua concepção, qual é o lugar que o jornalismo esportivo ocupa dentro do campo jornalístico maranhense?*

*Se considerarmos o todo como 100% acredito que o esporte tenha uma fatia de 35%. O maior espaço, sem dúvida, seria a política. E em determinados veículos o esporte ainda tem menos espaço ainda do que no todo.*

*Na concepção, o jornalismo praticado no eixo sul-sudeste influencia o jornalismo esportivo maranhense? Se sim, como?*

*Sim, é inevitável o uso como referência de grandes narradores, repórteres, escritores etc e acredito que principalmente porque o espaço do jornalismo esportivo nos eixos citados é bem maior e com muito mais visibilidade (por*

*estarem inseridos nos estados dos principais times do Brasil), ou seja, a construção do jornalismo esportivo tem muito mais história, exemplos e referências*

### **Entrevista com Lima Coelho**

*Carlos Alberto Lima Coelho, nasceu em São Luís, Maranhão, no dia 15 de março de 1945, em uma meia morada no Centro Histórico de São Luís, entre o hoje Convento das Mercês, outrora sede do quartel da Polícia Militar e Corpo de Bombeiros, e Igreja do Desterro. Filho do sapateiro Silvério Florentino Coelho e a professora primária, Nadir Lima Coelho.*

*Cursei o primário na Escola Modelo Benedito Leite, fiz prova de Exame de Admissão e fui aprovado para cursar o ginásio no Liceu Maranhense e o segundo grau no Centro Caixeiral concluindo os cursos de Técnico em Contabilidade e Administração. Fiz vestibular para Economia, mas com a regulamentação da profissão de jornalista e radialista, abraçamos uma causa registrada na nossa personalidade na pré-adolescência.*

*Na faixa dos 14/15 anos de idade, tendo como colega no Liceu o também adolescente Edy Garcia, já atuando na Rádio Gurupi, dos Diários Associados, com sede na Rua Afonso Pena, próximo à Praça João Lisboa, (extinta) atuando como foca, uma espécie de repórter iniciante. Ele me convidou para idêntica tarefa, ao lado dele. Não demorou e o Edy foi para a Rádio Ribamar, com sede no Apicum (extinta). então me convidou e segui com ele para a mesma atividade. Entretanto, após meses sem receber um trocado, resolvi dizer que não dava para continuar mas o chefe dos Operadores, Cristino Estrela,*

*perguntou se eu sabia operar uma mesa de som. Disse que não, mas que aprenderia em meia hora se ficasse olhando e orientado. A oportunidade foi dada e garanti a vaga. Com o tempo, além de operador, radio escuta para o esporte, ganhei um horário aos sábados, para apresentar o Você e o Sucesso, em plena época da Jovem Guarda. Deu tudo certo, mas o salário era a metade porque eu era menor de idade.*

*Chegando aos 18 anos, fui convocado para cumprir meu tempo no Exército. Um ano de aprendizagem militar. Passado esse tempo, como vi que não dada para continuar no radio tive que escolher entre a fama e a razão. Ingressei no comércio, atuando como balconista, em experiência em uma das lojas Pernambucanas, na rua Grande, em São Luís. Cumprido o prazo de experiência, a empresa me contratou e aos cinco anos de atividades no comércio, surgiu a chance de gerenciar uma loja, na mesma rua, de produtos totalmente diferente do que eu me acostumara a vender. Topei, saí dos tecidos para vender máquinas fotográficas, gravadores, aparelhos de som dos mais diversos, óculos, etc. Deu tudo certo e aí começa uma outra história em minha vida.*

*Um dos donos da loja, Foto Ótica Mendonça, era o então presidente do Maranhão Atlético Clube, então repórteres esportivos de várias emissoras iam procurá-lo para informações sobre o clube. Estreitamos os laços de amizade com alguns e com o tempo, o saudoso Jota Alves me deu a dica para fazer um teste para plantão esportivo da Equipe 680. Imediatamente recusei, disse que não dava mais pra mim o rádio, em outra oportunidade em voltou a falar e disse que eu trabalharia somente em dias de jogos e que nada atrapalharia a minha atividade de empregado no Comércio. A minha responsabilidade era grande, eu estava gerente da empresa. Acabei topando e não é que fui aprovado?*

ogo que comecei como *Plantonista Esportivo*, na *Rádio Difusora*, troquei de empresa comercial. Fui contratado pelo grupo *Aragão*, que cobriu, na época o meu salário de gerente na *Ótica*, para gerenciar uma filial da *Movelaria Imperatriz*, a ser inaugurada na *Rua Grande*. E fui..., mas não demorei muito. Acredito que o meu desempenho na *Difusora* teria sido satisfatório então fui chamado para conversar com a diretoria que perguntou quanto eu ganhava e propôs um contrato bem mais satisfatória para que eu ficasse na emissora, já que tinham projetos para mim.

Era setembro de 1973, quando minha carteira profissional foi assinada como *Plantão Esportivo*. Em menos de um mês passei a apresentar o bloco local do *Globo Esporte*. Um pouco mais familiarizado com todos da empresa, o *Mauro Bezerra*, então *Diretor de Jornalismo* me perguntou o que queria fazendo esporte, e que o jornalismo me ofereceria mais condições de crescimento profissional. Até falei que era tarefa difícil e que o esporte eu estava mais familiarizado. Ele disse: qualquer hora dessas vamos experimentar.

Com a regulamentação da Profissão, logo fomos registrados como repórter.

Fiz algumas matérias para o jornalismo, matérias comuns, até que em 1978, surgiu a grande chance. Uma repórter se recusou a fazer uma matéria em *Nova Iorque do Maranhão*, porque não queria viajar de avião de pequeno porte. Aí, me chamaram. Bateu um medo, mas não podia recusar. Era minha primeira viagem de avião e a matéria era para o *Fantástico*, da *Rede Globo*. Embarcamos eu, o cinegrafista *Fernando Bulhões*, um dos melhores que conheci até então, e o auxiliar *Elizaldo*, hoje cinegrafista em *Imperatriz*. A pauta foi feita pelo *Antonio Carlos Lima*, o queridíssimo *Pipoca*, então redator dos telejornais. Modéstia à parte, a matéria de dois minutos e meio, ficou uma beleza. No final eu anunciei: e agora direto de *Nova York*, nos *Estados Unidos*,

*fala o correspondente Hélio Costa. A matéria mostrava os contrastes entre as duas cidades....*

*Com p tempo passei a ser o repórter para as matérias para a TV Globo, onde emplacamos várias matérias para o Jornal Nacional, Jornal Hoje, Globo Esporte...*

*Na época, repórter tinha que ser polivalente, não cobria matéria só para determinada editoria. Escalado tinha que fazer tudo. A essas alturas já tinha deixado o plantão esportivo. Tive algumas inserções como repórter de pista ou setorista de clubes, todos.*

*Em 1980, acho, passamos a cobrir as reportagens do Governo João Castelo também, por solicitação oficial à Difusora.*

*Uma loucura, pois, foi num período em que tínhamos compromissos também com jornal impresso para a produção de matérias esportivas, mais precisamente uma página de noticiário local.*

*trabalhei em O Imparcial, O Estado do Maranhão, O Jornal, O Debate, como edito geral, entre outros*

*Não me considero pertencente a uma nova geração. Trabalhei numa época em que a crônica Esportiva do Maranhão tinha grandes e insuperáveis profissionais da área. Talvez se enquadrasse numa era mais clássica do jornalismo esportivo que nos proporcionava viajar o país inteiro cobrindo os jogos dos clubes maranhenses em campeonatos brasileiros, ao vivo ou tapes para veiculação após os jogos, das sedes da Embratel onde nós estivéssemos.*

*Na época, o serviço especial que é feito hoje, eu fazia na ilha de edição narrando os melhores momentos de jogos do campeonato maranhense.*

*Dentro da Rádio e TV Difusora ganhei espaços e prestígio, principalmente na gestão do Dr. Afonso Bacelar, que tinha uma visão incrível de administração de televisão.*

*Com quinze anos de empresa, com prestígio e tudo, o salário não era compensador. Complementava com os de jornais. Cheguei a Diretor de Jornalismo.*

*Recebi em 1988 convite para ingressar na TVE Maranhão como repórter. Confidenciando a alguns colegas ouvi a resposta de como eu ia troca tudo que consegui na Difusora e ir para uma emissora que ninguém via. Só que tinha um detalhe que não passei pra ninguém. A fonte do convite de disse que era uma grande oportunidade porque em quatro ou cinco meses a TVE ia federalizar e quem estava no quadro passava a ser funcionário federal.*

*Entrei com pedido de demissão na Difusora, que foi questionado sobre o por que, se era salário e falei que não. Queria cuidar dos meus negocios que tinha com a minha esposa. Tínhamos fundado o Colégio Independência que atendia cerca de 1500 alunos nos três turnos e era destinado a famílias de baixa renda.*

*Fui liberado e ingressei na TVE como repórter, para surpresa de muitos colegas que me conheciam e alguns que estiveram na Difusora também.,*

*Federalizou e como benção Divina em 1990, recebi convite da nova diretora, para o cargo de de Produção e Programação e Diretor Geral Substituto. OH, GLÓRIA! deu tudo certo mas pouco tempo depois, como eu tinha começado a carreira ainda na adolescência, estava no tempo de pedir aposentadoria, o fiz, aos 48 anos de idade, ainda em condições de seguir trabalhando. Por sorte, ou*

*Luz Divina, foi convidado e contratado como celetista e passei mais 22 anos na empresa, sendo depois da mudança de estrutura, Diretor de Jornalismo.*

*Fá uma diferença enorme entre jornalistas esportivos do passado e a maioria, não todos, do presente: Uma delas se chama credibilidade. Em tempos passados a crônica podia sim sugerir algumas mudanças que eram acatadas porque em várias ocasiões era convidada a participar de reuniões.*

*Com o tempo foram sendo processadas muitas mudanças no setor, desde tecnológico como na forma de narrar (com grito ou sem grito) e a falta de cobertura in loco dos trabalhos técnicos de cada equipe. hoje se usa mais o telefone para pedir informações, parece mais prático.*

*Os tempos são outros, muitos argumentam formação superior isso e aquilo. Acredito que ainda não haja curso para a formação de narrador esportivo. é uma coisa nata. Eu vi surgir o Juraci Filho. O Jura pai me mostrou uma das gravações dele narrando em casa e eu imediatamente disse: tá pronto, trás ele para narrar um jogo. Deixa que eu comento. Fiz algumas argumentações até que o Jurão topou. Taí. O excelente profissional da comunicação no Maranhão.*

*Você sabe, não podemos fazer comparações dos nossos profissionais com outros de estados que a gente conhece e ouvi no rádio. Tem muita gente ruim por aí...nós estamos bem na fita...*

*A gente aprende muito com o pessoal de fora, não podemos esconder isso. Não é copiar, imitar, etc, é aproveitar as coisas boas para incrementar o nosso conhecimento.*

*Dar pitaco nas reuniões da Federação hoje, acho que não funciona. Não entro no mérito dessa questão.*

*Em tempo, com Jamenes Calado e outros antigos colegas da crônica esportiva, ajudamos a fundar a Associação dos Cronistas Esportivos do Maranhão e com Francisco Diniz, fizemos a primeira reunião com os radialistas para a criação do Sindicato dos Radialistas do Maranhão. Nunca quiz ser presidente de nenhum deles, apesar das indicações, por não ter tempo para dedicação da tarefa.*

*Encaixa aí, lembrei agora, por vários anos trabalhei paralelamente em rádio. Primeiro Difusora AM com a Discoteca é nossa, pela manhã, depois o Balança Povo, por orientação da direção, para movimentar a noite e melhorar a audiência. Era de 22 a uma da manhã. Só samba.*

*Na rádio Capital fiz o Capital Romântica, das vinte às vinte e duas horas, e na rádio Timbira, Tudo Dentro da Noite, na gestão de Raimundo Filho.*

*Devo dizer também, que fui um dos primeiros locutores da Difusora FM, fazendo o programa Difusora em cima das onze, de onze ao meio dia. O nome escolhido por Florisvaldo Sousa, foi porque era onze horas e haviam onze emissoras entre rádio e TV.*

*Fui na profissão, como muitos na época, um autodidata que deu certo.*